

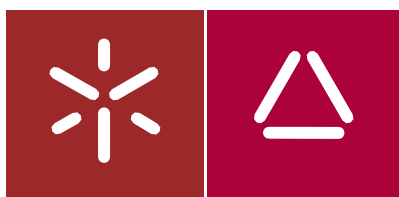


Karen Cristina Galletto

O *Dark Tourism* como possibilidade de experiência turística no município de Campinas (Brasil)

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais





Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Karen Cristina Galletto

***O Dark Tourism* como possibilidade de experiência
turística no município de Campinas (Brasil)**

Dissertação de Mestrado em Património Cultural

Trabalho efetuado sob a orientação da

Professora Doutora Alexandra Patrícia Esteves

e da

**Professora Doutora Paula Cristina Almeida Cadima
Remoaldo**

Direitos de Autor e Condições de Utilização do Trabalho por Terceiros

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição
CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimentos

Não posso deixar de enfatizar todo o apoio recebido para desenvolver este estudo, pois não existem produtos de uma pessoa só, mas sim de todos os que, direta ou indiretamente, nele se envolveram. A tomada de decisão da mudança para Portugal, não foi uma decisão fácil, pois envolvia não apenas atravessar o Oceano Atlântico, mas também uma nova perspectiva de vida.

Embora eu sempre tivesse, mesmo que timidamente, planos para experimentar uma vivência fora do Brasil, meu cotidiano não era favorável, pois tinha compromissos que não podiam ser adiados, mesmo sabendo que a língua materna seria um facilitador da opção por Portugal.

Confesso ter aprendido muito com os portugueses, nomeadamente com a forma como as pessoas cuidam e dão valor ao seu povo e história, facto que ficou mais evidente no cenário pandémico, infelizmente bem diferente do que acontece atualmente no Brasil.

Desde os primeiros dias da minha mudança com o meu marido, passaram por nós pessoas magníficas, que nos davam cada vez mais a certeza de que a nossa decisão havia sido a melhor escolha e estávamos no caminho certo, consolidando a esperança de que essa mudança seria uma experiência de vida muito rica, mesmo que a própria pandemia tenha modificado todo o cenário previsto, aumentando os nossos desafios e obrigando-nos à tomada de novas decisões e escolhas, sendo uma delas o retorno precipitado ao Brasil. Mesmo com todas as dificuldades e esse retorno compulsório, reafirmo que tivemos uma experiência de vida magnífica, a qual levarei comigo por todo o sempre. Recentemente, surgiu a possibilidade do nosso regresso a Portugal, aguardando por novas experiências.

Agradeço à minha orientadora, a Doutora Alexandra Patrícia Esteves, à qual me afeiçoei desde o início do ano letivo do Programa de Mestrado em Património Cultural da Universidade do Minho, em 2019, pela sua sempre contagiante empolgação, paciência e competência, e por ter aceitado colaborar de todas as formas possíveis nesta orientação, mesmo após o meu retorno ao Brasil. Auxiliou-me e compreendeu as minhas dificuldades por estar, há alguns anos, longe do universo académico. Agradeço também, com a mesma ênfase, à minha coorientadora, a Professora Doutora Paula Cristina Cadima Remoaldo, que sempre se fez presente e me auxiliou com grande competência, experiência e muita dedicação.

Se pudesse escolher, com certeza gostaria de poder ter tido um maior contato presencial com as minhas orientadoras, por quem hoje tenho, além de afeto e gratidão, grande admiração, mas a roda da História nos prega mudanças, como a atual pandemia.

Agradeço ao meu marido, Daniel Florence Giesbrecht, sempre presente em todo o processo que envolve a produção desta dissertação, colaborando, motivando e aconselhando-me, sempre que possível.

Agradeço em especial, à Prefeitura Municipal de Campinas, na pessoa do Diretor de Turismo e Cultura, pela disponibilidade e pela informação disponibilizada. Também aos produtores e organizadores do evento “Assombrações de Campinas”, que permitiram a aplicação de um inquérito por questionário aos participantes.

Por fim, a todos aqueles que me acolheram no meu retorno ao Brasil, especialmente aos meus pais, Armando Galletto Júnior e Rosa Maria D’Agostino Galletto, os quais nos acolheram nesse momento de tantas incertezas causadas pela pandemia. Agradeço aos meus sogros, Adilson Giesbrecht e Sueli Inês Florence Teixeira Giesbrecht, pelo sempre pronto acolhimento.

Por fim, concluo com a certeza de que o sentimento que nutro pela terra portuguesa é de gratidão.

Declaração de Integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mas declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Resumo

O Dark Tourism como possibilidade de experiência turística no município de Campinas (Brasil)

Esta dissertação tem como objetivo analisar as percepções dos empresários e de outros *stakeholders* do município de Campinas sobre o potencial e o desenvolvimento do *Dark Tourism*. Procura-se compreender de que modo essa modalidade de turismo e as suas características condicionam o desenvolvimento das atividades sociais no município e, simultaneamente, identificar de que maneira agrega oportunidades a partir das quais se possam definir novas experiências relacionadas com esta temática. A investigação realizada foi estruturada em duas partes. A primeira relaciona-se com uma abordagem sobre o património, o *Dark Tourism* e o seu desenvolvimento, assim como os impactes sofridos em decorrência da COVID-19. A segunda parte debruça-se sobre a componente mais empírica da nossa investigação, onde predomina a análise das motivações e percepções dos participantes em atividades de *Dark Tourism* no município de Campinas. Nesta análise foi usada a perspetiva de Stone (2006), que diferencia o *Dark Tourism* pelo grau do ocorrido em cada ponto turístico, propondo a sua divisão em sete classes particulares em suas características. Para melhor compreensão, nossa amostra buscou demonstrar que, através da pesquisa empírica, as análises de Stone (2006) poderiam ser aplicadas, pois o inquirido, em sua maioria, tem interesse em conhecer localidades mórbidas, seja motivado pela curiosidade, pela história do local ou por estarem próximos a ele. Essa pesquisa possui caráter inovador, por ser a única até agora realizada no município de Campinas podendo contribuir para eventuais futuros estudos do turismo local.

Palavra-Chave: Turismo, *Dark Tourism*, Turismo Assombrado, Património, Campinas.

Abstract

Dark Tourism as a possibility of tourist experience in the city of Campinas (Brazil)

This dissertation aims to analyze the perceptions of entrepreneurs and other stakeholders in the municipality of Campinas about the potential and development of Dark Tourism. It seeks to understand how this type of tourism and its characteristics condition the development of social activities in the city and, simultaneously, identify how it adds opportunities from which new experiences related to this theme can be defined. The investigation carried out was structured in two parts. The first relates to an approach to heritage, Dark Tourism and its development, as well as the impacts suffered as a result of COVID-19. The second part covers the most empirical component of our investigation, where the analysis of the motivations and perceptions of participants in Dark Tourism activities in the municipality of Campinas predominates. Within this analysis, the perspective of Stone (2006) was used, which differentiates Dark Tourism by the degree of what happened in each tourist spot, proposing its division into seven particular classes in their characteristics. For a better understanding, our sample sought to demonstrate that, through empirical research, Stone's (2006) analyzes could be applied, since the majority of respondents are interested in knowing morbid locations, whether motivated by curiosity, the history of the place or by be close to him. This research has an innovative character, as it was the only one carried out in the city of Campinas and could contribute to eventual future studies of local tourism.

Keywords: Tourism, Dark Tourism, Haunted Tourism, Heritage, Campinas.

A meu amado marido, meu parceiro e cúmplice; aos meus pais, exemplos de carinho paciência e sabedoria; e aos meus pets companheiros de jornada presentes por toda a trajetória, tanto em Portugal como no Brasil.

*"Porque, enfim, tudo passa; Não sabe o Tempo ter firmeza em nada; E a nossa vida escassa. Foge tão apressada.
Que quando se começa é acabada"
(Luís Vaz de Camões)*

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	vi
Abstract	vii
Índice de Figuras	xii
Índice de Quadros e Tabelas	xii
Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos	xiv
Introdução	15
Capítulo I: Percursos metodológicos	18
1.1 Da base de dados à revisão da literatura	18
1.2 Metodologia de investigação e objetivos do evento	18
1.3 O questionário como ferramenta de investigação	20
1.4 Notas conclusivas	23
Capítulo II: Património, turismo sombrio e seu desenvolvimento	24
2.1 Do património tangível ao intangível: conceitos e valores	24
2.2 A gênese da salvaguarda patrimonial	25
2.3 Património imaterial e a importância da história oral	28
2.4 O turismo na história: transformações e modernidade	30
2.5 O turismo no Brasil	32
2.6 Num mundo de sombras: origens e aspetos do <i>Dark Tourism</i> e do <i>Dark Heritage</i>	35
2.7 Notas conclusivas	40
Capítulo III: Memórias, património dissonante e os conceitos <i>dark</i>	43
3.1 Memória, história e esquecimento	43
3.2 Património dissonante e os conceitos <i>Dark</i>	44
3.3 A mercantilização e banalização do turismo	47
3.3.1 A banalização através da comercialização dos <i>souvenirs</i>	50
3.4 Como a COVID-19 vem afetando os indivíduos e o setor turístico?	51

3.5 A destruição dos símbolos do passado e o turismo cemiterial	54
3.6 Memoriais: para além da lembrança através de homenagem às vítimas da COVID-19	58
3.7 Notas conclusivas	59
Capítulo IV: <i>Dark Tourism</i> pelo mundo e no Brasil	62
4.1 Cultura, turismo e turismo sombrio	62
4.2 <i>Dark Tourism</i> e suas categorias	63
4.3 O turismo <i>Dark</i> pelo mundo	65
4.3.1 Exemplos de <i>Dark Fun Factories</i> e de <i>Dark Exhibitions</i>	65
4.3.2 Exemplos de <i>Dark Dungeons</i> e de <i>Dark Resting Places</i>	66
4.3.3 Exemplos de <i>Dark Shrines</i> e de <i>Dark Conflicts Sites</i>	68
4.3.4 Exemplos de <i>Dark Camps of Genocide</i>	69
4.4 O turismo <i>Dark</i> no Brasil	70
4.4.1 <i>Dark Exhibitions</i> no Brasil	72
4.4.2 <i>Dark Dungeons</i> no Brasil	73
4.4.3 <i>Dark Resting Places</i> no Brasil	73
4.4.4 <i>Dark Shrines</i> no Brasil	74
4.4.5 <i>Dark Conflicts Sites</i> no Brasil	75
4.4.6 <i>Dark Camps of Genocide</i> no Brasil	75
4.4.7 Museu da Loucura	76
4.5 Notas conclusivas	77
Capítulo V: <i>Dark Tourism</i> a partir de estudo de caso acerca da cidade de Campinas	78
5.1 Características históricas da cidade de Campinas	78
5.2 O município de Campinas e características sociodemográficas	79
5.3 Oferta turística no município de Campinas	81
5.4 Como a COVID-19 atingiu o setor turístico da cidade	84
5.5 O turismo <i>Dark</i> em <i>Campinas</i>	85
5.6 A cidade de Campinas e os seus contos mórbidos	87
5.6.1 O primeiro <i>tour</i> noturno assombrado de Campinas	94
5.7 <i>Dark Tourism</i> e a análise no município de Campinas baseado em Stone	98
5.7.1 <i>Dark Shrines</i> em Campinas	98
5.7.2 <i>Dark Resting Places</i> em Campinas	99

5.8 Notas conclusivas	100
Capítulo VI: Percepções do turista que realiza <i>Dark Tourism</i> na cidade de Campinas	101
6.1 Principais fontes utilizadas no estudo das percepções do turista	101
6.1.1 Análise dos participantes na pesquisa	103
6.2 Análise dos dados dos questionários	105
6.3 Motivações do turista <i>dark</i> em Campinas	109
6.4 Notas conclusivas	113
Considerações finais	115
Bibliografia	117
Anexo A	130
Anexo B	133
Anexo C	135
Anexo D	137

Índice de figuras

Figura 1- Identificação e localização do Patrimônio Cultural Brasileiro

Figura 2- Cemitério da Vila Alpina em São Paulo

Figura 3- Memorial em homenagem às vítimas da Covid-19 (Parque do Carmo-SP-BR)

Figura 4- Calabouço de Londres

Figura 5- Prisão do Camboja

Figura 6- Prisão de Alcatraz

Figura 7- Cemitério do Père-Lachaise em Paris

Figura 8- Marco Zero em Nova York

Figura 9- Batalha Somme em França

Figura 10- Auschwitz- Birkenau em Polônia

Figura 11- Favela do Vidigal no Rio de Janeiro

Figura 12- Memorial da resistência em São Paulo

Figura 13- Casa da Lapa- Cadeia

Figura 14- Cemitério do Morumbi em São Paulo

Figura 15- Boate Kiss após o incêndio em Santa Catarina

Figura 16- Memorial da Revolução Tenentista

Figura 17- Museu da Loucura em Barbacena

Figura 18- Mapa da região metropolitana de Campinas

Figura 19- Túmulo de Carlos Gomes em Campinas

Figura 20- Divulgação do *Tour* Guiado

Figura 21- Divulgação do Passeio Monitorado Noturno

Figura 22- *Cine Rink*

Figura 23- Cemitério da Saudades em Campinas

Figura 24- Motivações de participação no evento

Figura 25- Três tipos de *Dark Tourism*

Índice de quadros e tabelas

Quadro 1- Orientações prévias para estruturação da dissertação

Tabela 1- Características sociodemográficas dos inquiridos

Tabela 2- Resposta à questão: Sobre a qual profissão os inquiridos exerciam

Tabela 3- Resposta à questão 2: Se respondeu sim na pergunta anterior, pode, por favor, escolher a definição

Tabela 4- Resposta à questão 3: Conhece um ou mais dos locais apresentados a seguir (assinale as respostas que quiser

Tabela 5- Resposta à questão 4: Se pudesse escolher um destino de "Turismo Assombrado" para visitar hoje, qual ou quais seriam?

Tabela 6- Resposta à questão 6: Conhece algum cenário de *Dark Tourism* no Brasil?

Tabela 7- Resposta à questão 8: Quais foram as suas motivações para a participação neste evento?

Tabela 8- Resposta à questão 9: Do que mais gostou no evento?

Tabela 9- Resposta à questão 13: Você acredita que este tema é visto de que forma no geral, relacionado ao que as pessoas esperam?

Lista de abreviaturas, siglas e acrônimos

AVARC – Acolhimento de Vítimas, Análise e Resolução de Conflitos

BR – Brasil

CNFCP – Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

CONDEPACC – Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas

CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico

CPC – Conselho do Patrimônio Cultural

DOPS – Departamento Estadual de Ordem Política e Social

DPI – Departamento de Patrimônio Imaterial

DTC – Diretor de Turismo e Cultura

EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo

EMDEC – Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas

IAC – Instituto Agronômico de Campinas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MERS – Síndrome Respiratória do Oriente Médio

MRSP – Memorial da Resistência de São Paulo

OMT – Organização Mundial do Turismo

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PIB - Produto Interno Bruto

PNPI – Programa Nacional de Patrimônio Imaterial

PMC – Prefeitura Municipal de Campinas

PRODETUR – Programas Regionais de Desenvolvimento do Turismo

RMC – Região Metropolitana de Campinas

SARS - Síndrome Respiratória Aguda Grave

SDEST – Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Social e de Turismo

SANASA – Sociedade de Abastecimento de Água e Saneamento

TDC – Teoria da Dissonância Cognitiva

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura

Introdução

O objetivo do presente estudo é o desenvolvimento do turismo, especialmente do *Dark Tourism*, pois o turismo não é apenas um fenómeno socioeconómico convertido numa das forças transformadoras do universo pós-industrial, mas também é uma das principais atividades económicas mundiais, superando diversos setores tradicionalmente consolidados.

Devido à sua dimensão comercial, o turismo se transformou com o decorrer do tempo, incorporando novos conceitos, ampliando destinos e agregando grande valor económico, facto que resulta em melhores e maiores rendimentos, possibilidades de emprego, favorecendo, assim, a cadeia produtiva de diversos países (Ramos & Costa, 2017).

Sofrendo influência direta do que denominamos globalização, o turismo é um dos setores que mais emprega no mundo, sendo responsável por uma gama de investimentos sempre ascendentes no decorrer dos anos, assim como nas novas formas de organização do trabalho, possibilitando que determinados grupos sociais possam desfrutar de mais horas de lazer (Beni, 2019).

Novas tendências do turismo na busca de novos mercados e produtos pressupõem a necessidade de diferenciados modelos de gestão, tidos como inovadores e maleáveis, que possam construir parcerias com outros setores, utilizando novos instrumentos e atrações, apoiando-se em novas ferramentas de desenvolvimento do território, centradas no consumidor do século XXI (Ramos & Costa, 2017).

O turismo brasileiro tem as suas raízes no período colonial, mais precisamente nos inícios do século XIX, quando a corte portuguesa abandonou a metrópole rumo ao Brasil, fruto de um contexto marcado pelas invasões francesas. Tal conduziu a um crescente interesse pelo outro lado do Atlântico, sobretudo por motivos económicos e comerciais (Assunção, 2012).

Com o propósito de realizarmos uma análise do setor, decidimos desenvolver um estudo a partir da experiência de *Dark Tourism* na cidade de Campinas, localizada no interior do Estado de São Paulo, região sudeste do Brasil, cuja origem remonta à primeira metade do século XVIII, como um bairro rural da Vila de Jundiá. A primeira denominação do município foi Campinas de Mato Grosso, devido à densa floresta inexplorada que caracterizava a região, sítio de passagem obrigatória das expedições dos bandeirantes que iam para as minas de ouro, que correspondem, atualmente, ao Estado de Minas Gerais¹.

Para escrevermos sobre a história do turismo de Campinas, é inevitável destacar que este município foi a porta de entrada do café no Oeste Paulista e a primeira cidade a cultivá-lo para fins de exportação, utilizando mão-de-obra assalariada em prejuízo dos escravos, ainda predominante no país

¹ Para mais informações *vide* <https://www.campinas.sp.gov.br/sobre-campinas/origens.php> Acedido em 21/06/2021.

(Rufino, 2006). Este passado agrário exportador proporcionou o desenvolvimento de uma modalidade de turismo regional e educacional, como por exemplo, visitas guiadas às fazendas de café. O *Dark Tourism* é um exemplo moderno de como as inovações turísticas ultrapassaram estes modelos, utilizando temáticas ainda inexploradas, mas com grande potencial de aproveitamento, devido ao aumento significativo da sua procura. Este novo panorama proporcionou um dos objetos principais desta pesquisa: desenvolver ferramentas de análise e narrativas de compreensão relacionadas com o *tour* assombrado e potenciar as experiências que decorrem do mesmo.

Tendo por base estes pressupostos, os objetivos subjacentes à nossa investigação foram os seguintes:

- caracterizar o conceito de *Dark Tourism* e a sua evolução à escala internacional e no Brasil;
- analisar o perfil e os conhecimentos e/ou perceções - explícitas e implícitas - de uma amostra de indivíduos residentes no município de Campinas e participantes num evento turístico, sobre os temas relacionados com o *Dark Tourism*;
- contribuir para o desenvolvimento do turismo local, sobretudo na organização de futuros eventos ligados ao *Dark Tourism*.

É relevante destacar que esta pesquisa também propõe analisar algumas produções existentes no campo do *Dark Heritage* e do *Dark Tourism*, com o propósito de apresentar um novo olhar acerca dessa temática a partir de um estudo de caso atual, tendo o investigador como observador participante, apesar de todas as dificuldades decorrentes da pandemia da COVID-19. Diante de tais factos, enfatizamos que este estudo *in loco* obedeceu a todos os protocolos sanitários vigentes no país.

Para atingirmos estes objetivos nos apoiamos em estudos de base qualitativa e quantitativa (Bardin, 1977). Para desempenhar da melhor forma o trajeto de nossas entrevistas aos produtores do evento “Assombrações de Campinas” e ao diretor de Turismo e Cultura do município, também foram feitos questionários aos participantes do passeio.

Cada capítulo deste trabalho desenvolve um tipo de narrativa realizada a partir da obra de variados autores, amparados por registos fotográficos da nossa autoria, mapas, imagens e tabelas.

Além da introdução e das considerações finais, este estudo compreende seis capítulos. No primeiro capítulo, que optámos por intitular “Percurso metodológico”, revelamos como foi estruturada esta dissertação, assim como os seus pressupostos metodológicos, analisando relações em simultâneo ao estudo do espaço e à observação dos indivíduos que foram inseridos nesta pesquisa por via do *Dark Tourism*. Também através da atividade que foi realizada por um grupo, mas que posteriormente recebeu o apoio da prefeitura do município que resultou em novas atrações. Os espaços foram percorridos e observados e a respetiva interpretação permite captar a natureza do significado deste turismo para o município de Campinas.

No segundo capítulo, intitulado “Património, turismo sombrio e seu desenvolvimento” é discutido o universo paradigmático da temática, relacionando os conceitos de património e de turismo e, posteriormente, abordando o surgimento do conceito de *Dark Tourism* e de *Dark Heritage*.

No terceiro capítulo, com o título “Memórias, património dissonante e os conceitos *dark*”, com base em bibliografia específica, foram analisadas as memórias dissonantes, sendo estas associadas a factos traumáticos de interesse coletivo, pois cremos que a memória só pode ser contada pelas testemunhas oculares e representações análogas. Em momento posterior, dedicamo-nos a tratar as origens da COVID-19 e como ela tem atingido os indivíduos.

O quarto capítulo “*Dark Tourism* no Brasil e pelo mundo” é dedicado a dissertar sobre cultura do turismo e do turismo sombrio, os segmentos da visitação e seus exemplos, primeiramente pelo globo e, posteriormente, em algumas localidades do Brasil.

No quinto intitulado, “*Dark Tourism*: um estudo de caso acerca da cidade de Campinas”, explanamos as características históricas e sociodemográficas do município, damos sequência com a oferta turística decorrente, o turismo *dark* da cidade e seus contos mórbidos e, através das definições de Philip Stone, apresentamos duas de suas categorias presentes nesta localidade.

Os espaços elencados como objetos de pesquisa pressupõem que a ideia central de toda a investigação é salientar como os conceitos de *Dark Tourism* fazem parte dos imaginários dos envolvidos no evento “Assombrações de Campinas”, que foi analisado e no qual participei como observadora no grupo “O que te assombra”. Este evento aconteceu com o intuito de manter vivas as histórias e lendas da cidade de Campinas.

Por fim, o sexto e último capítulo é dedicado às “Percepções do turista que realiza *Dark Tourism* na cidade de Campinas”, analisamos os dados desses inquiridos, levantamos as principais fontes utilizadas no estudo dessas percepções e quais as principais motivações a participação dessas atividades.

Capítulo I: Percursos metodológicos

Este capítulo é formado por quatro frações. A fração 1.1. descreve o método utilizado na revisão de literatura de acordo com o tema da investigação, através das fontes primárias e secundárias que contribuíram para a realização desta dissertação. A fração 1.2. apresenta a metodologia utilizada na investigação e os instrumentos de recolha de dados. A fração 1.3 refere-se à aplicação do inquérito por questionário. A última fração demonstra os critérios de análise dos dados obtidos através de inquéritos por entrevista de cariz qualitativo.

1.1 Da base de dados à revisão da literatura

No início do presente estudo (abril de 2020), pretendia-se vir a conhecer os principais temas de investigação e os principais autores no campo do *Dark Tourism*. Nesse sentido, elegeu-se a produção académica enquanto problemática sobre a qual a investigação iria incidir. Assim, o objetivo principal seria dar resposta a três questões: i) 'Quais as problemáticas estudadas e os quadros teóricos de referência?'; ii) 'Como são efetuadas as investigações?'; iii) 'Como podem ser interpretadas as principais conclusões das investigações realizadas de forma empírica?'.

Sendo assim, como metodologia de fontes, foram realizadas diversas pesquisas em várias bases de dados de referências bibliográficas multidisciplinares, sobretudo artigos e livros, nomeadamente no *Google Scholar*, especialmente nas áreas do turismo, da antropologia, da sociologia, da geografia e da psicologia. A escolha destas bases de dados deveu-se à abrangência de documentos existentes, tais como: artigos científicos, revistas científicas, trabalhos académicos. Para a realização desta pesquisa, utilizamos como palavras-chaves: bibliotecas, *web dark tourism/dark heritage*, turismo, história do turismo usadas nas línguas portuguesa e inglesa. Foram pesquisados diversos artigos mais recentes, devido às abordagens relacionadas com a pandemia vivenciada, assim como livros e dissertações. É relevante destacar que esta investigação também propõe a análise das produções existentes no campo do *Dark Heritage* e do *Dark Tourism*, com o propósito de apresentar um novo olhar acerca dessa temática a partir de um estudo de caso atual.

1.2 Metodologia de investigação e objetivos do evento

A metodologia é a prática de procedimentos que devem ser examinados para a edificação do conhecimento, com o intuito de certificar a sua validade e utilidade nas diversas esferas da sociedade

(Prodanov & Freitas, 2013). Sendo assim, nas perguntas que buscaram identificar a percepção do *Dark Tourism*, optou-se por mensurações (inquérito por questionário e uso de tabelas), para melhor compreender as relações existentes entre os diferentes elementos e garantindo que o material coletado fosse confiável, no sentido de se obterem bons resultados (Fortin & Ducharme, 2003).

Através do Quadro 1 resumimos a descrição dos objetivos previstos para cada uma das etapas desta dissertação.

Quadro 1 - Orientações prévias para estruturação da dissertação, elaborados pela autora da presente dissertação

Orientação	Objetivos
Temas centrais	Procurar informação referente ao tema
Origens e motivações	Analisar os documentos já existentes
Finalidade	Definir os principais objetivos da investigação
Contexto	Caraterizar o conteúdo da investigação
Amplitude da amostra	Captar através das entrevistas e questionários a importância do evento para o atual trabalho
Orientação e metodologia	Organizar as bases metodológicas escolhidas
Técnicas de recolha de dados	Recolher e tratar a informação recolhida
Tipo de abordagem	Desenvolver análise qualitativa e quantitativa
Principais conclusões e inovações	Discutir as principais conclusões e propostas

Fonte: Elaboração pela autora da presente dissertação.

Numa primeira fase, foi feita a preparação dos documentos para análise por duas vias que se complementam. Na primeira fase, optou-se pela organização e na segunda pela sistematização das informações propriamente ditas. Através do uso de *links* de *websites* de bibliotecas brasileiras, portuguesas e inglesas, buscamos informações disponíveis em livros e artigos, constituindo uma importante fonte secundária.

À medida que as pesquisas sobre o turismo aumentaram e novos prismas foram sendo neles introduzidas, muitas tipologias de turismo avançaram. Existem tipos de turismo que há pouco tempo começaram a ter notoriedade à escala internacional. Esta pesquisa visa analisar especificamente um deles, o *Dark Tourism*.

Os estudos sobre *Dark Heritage* e *Dark Tourism* restringem-se principalmente aos trabalhos realizados por Lennon e Foley, iniciados na década de 1990, que foram pioneiros na abordagem deste

tema. Estes autores definem este estudo como o fenómeno que engloba a apresentação e consumo pelos visitantes de morte e locais de catástrofe reais mercantilizados (Foley & Lennon, 1996a).

Considerando o tema a partir da premissa de uma espécie de intimidação da pós-modernidade, podem ser apontados três motivos para o seu estudo: o interesse do público pela morte ou catástrofe; o facto de os locais colocarem em causa a racionalidade, pois são lugares que mexem com o imaginário dos indivíduos e, na atualidade, a comercialização desse universo (Seaton, 1996).

No âmbito da nossa abordagem empírica, e tendo por base fontes primárias, pudemos participar em dois eventos na cidade de Campinas. O primeiro e principal evento em que participamos foi realizado no dia 14 de novembro de 2021, às nove horas da manhã, com a duração de três horas aproximadamente, com o seguinte roteiro: Praça Santa Cruz; monumento-túmulo de Carlos Gomes; túnel da Vila Industrial e Cemitério da Saudades. O segundo evento, mais curto, com aproximadamente uma hora e meia de duração, teve como propósito proporcionar uma abordagem comparativa, e foi realizado no dia 8 de dezembro do mesmo ano, às vinte horas e trinta minutos e contou, diferentemente do anterior, com o apoio da Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas (EMDEC), responsável pelo controle do tráfego na cidade, que deu suporte aos transeuntes e garantiu a segurança durante a sessão.

Durante estes eventos foram realizadas vinte inquirições por questionário aos participantes, tendo como objetivo principal a obtenção de informações sobre a temática deste estudo (Marconi & Lakatos, 2003). Foram feitas entrevistas aos quatro responsáveis pelo evento, duas pessoalmente e duas pela plataforma *WhatsApp*.

Pretendeu-se obter dados recentes e relevantes sobre o *Dark Tourism* no contexto geral e sobre o seu crescimento como modalidade turística, em especial na cidade de Campinas.

1.3 O questionário como ferramenta de investigação

Em termos de fontes primárias, foi aplicado um questionário aos participantes durante a realização dos eventos mencionados, os quais ocorreram entre os meses de novembro e de dezembro de 2021. Em nosso trabalho optou-se, assim, por uma abordagem de cunho qualitativo e quantitativo para melhor definição e conclusão dos dados recolhidos, de acordo com técnicas analíticas fundamentadas nos estudos de (Bardin, 1977). Tanto o inquérito por entrevista efetuado aos organizadores do evento e ao Diretor de Turismo e Cultura (DTC) do município, dados colhidos em uma abordagem qualitativa e aos participantes do evento foi feita uma abordagem quantitativa através de questionário.

Tais técnicas consistem na recolha de elementos com objetivos e critérios de codificação pré-definidos e, a partir deles, a realização metódica da transcrição e interpretação das informações fornecidas,

reproduzindo um texto analítico (Bardin, 1977), indicando um conjunto de técnicas de análise das narrativas, buscando obter indicadores (quantitativos ou não), através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, que permitam a inferência de conhecimentos relativos à produção/recepção (variáveis inferidas) dessas informações (Bardin, 1977), constituídas geralmente por três fases:

- a) pré-análise, com a leitura e a escolha dos documentos;
- b) exploração/análise do material;
- c) tratamento dos dados/resultados.

Todo esse processo relaciona-se com o papel fundamental de uma entrevista, que pretende ser um encontro entre duas pessoas, com a finalidade de que uma delas obtenha informação a respeito de um assunto, por meio de uma conversação de natureza profissional (Marconi & Lakatos, 2003).

O questionário (Anexo A), aplicado aos participantes do primeiro evento, era constituído por 13 questões e procurou identificar o perfil e as motivações de vinte indivíduos que participaram no passeio e quais lugares relativos à temática que desejavam conhecer ou já conheciam, tanto a nível mundial como no Brasil e em particular, em Campinas. Nas questões número três, quatro, seis, oito, nove e treze, os inquiridos tinham a liberdade em escolher mais de uma opção, por isso em sua amostra acaba por aparecer um número superior a vinte. Este questionário foi aplicado entre os dias 14 de novembro e 23 de novembro de 2021.

O questionário (Anexo B), destinado aos organizadores do evento, foi aplicado a um dos principais produtores e guia. O mesmo procedimento decorreu com quatro organizadores. Sendo dois deles entrevistados pessoalmente e dois deles através da plataforma *WhatsApp*.

O questionário (Anexo C), foi efetuado, presencialmente e posteriormente transcrito, ao DTC do município de Campinas e decorreu no dia 26 de novembro de 2021.

A nossa última ferramenta analítica foi o questionário (Anexo D), aplicado ao principal organizador e guia do evento ocorrido no período noturno, com a duração aproximada de uma hora, com o intuito de recolhermos dados que proporcionassem um estudo comparativo com os dados obtidos no primeiro evento. O questionário foi aplicado no dia 14 de janeiro de 2022 para que pudesse ser feita a comparação entre os dois passeios.

Não foi realizado um inquérito por questionário aos participantes do segundo evento noturno, pelo facto de à grande parte dos participantes já ter comparecido no evento anterior.

Com o objetivo de verificar o tempo de duração do preenchimento e a consistência das perguntas elaboradas em cada um dos questionários, foi aplicado um pré-teste, em setembro, a três colaboradores que conheciam a temática, mas que não participariam no evento, sendo escolhidos aleatoriamente. Foram

identificadas pequenas inconsistências e dificuldades de preenchimento, como por exemplo, numa questão em que se podia escolher mais de uma alternativa de respostas. Neste caso, optámos por refazer a questão de forma a torná-la mais clara, sendo que o objetivo do pré-teste é justamente o de eliminar possíveis erros e dualidades encontradas nos questionários.

O tempo médio estimado de preenchimento foi de treze minutos. Nosso trabalho foi construído através da ferramenta *Microsoft Word* e impresso em papel. No momento da aplicação tivemos o cuidado de explicar as intenções do nosso estudo, sendo iniciadas as gravações mediante autorização dos organizadores e do DTC do município de Campinas.

O trabalho de transcrição foi moroso e permitiu a identificação e o aprofundamento progressivo de temas e categorias. Neste sentido, o trabalho da transcrição não é apenas uma tarefa de organização e gestão da informação, mas sim já parte da análise do estudo realizado (Gillham, 2005).

Alguns participantes não puderam comparecer na inquirição, devido aos riscos de contágio decorrentes da situação pandémica. Nestes casos, optámos pela utilização da ferramenta *WhatsApp*, concedendo ao participante a possibilidade de expor sua opinião quando se tratava de questões abertas.

O processo de seleção da informação e análise dos dados foi amparado por sólida pesquisa bibliográfica. Quanto ao padrão epistemológico, procurou-se perceber em que modelos de investigação este estudo se enquadrava (qualitativo, quantitativo ou misto).

No que respeita ao padrão metodológico fizemos uso de cinco analisadores principais: i) a orientação metodológica das investigações (estudo de caso); ii) o tipo de investigação desenvolvido (qualitativo, quantitativo ou misto); iii) as técnicas, procedimentos, instrumentos de recolha, análise e tratamento de informação (inquérito, observação, etc.); iv) as amostras, tanto ao nível do seu volume, como ao nível da caracterização dos sujeitos; e v) os contextos onde as investigações tiveram lugar (geográfico e cronológico).

Apesar das dificuldades enfrentadas durante a pandemia, nossa amostra foi satisfatória em conteúdo, mesmo com outros participantes se recusando a responder o questionário, alguns por não se acharem aptos, outros por conta da própria pandemia, porém foi possível inquirir vinte participantes por questionário e todos os organizadores e o DTC da cidade por meio de entrevistas.

Optamos pela utilização de toda a amostra recolhida, tanto dos participantes, como dos organizadores e do DTC. Para facilitar a identificação dos agentes envolvidos nesta investigação e respeitando seu anonimato, identificaremos no decorrer do texto o grupo dos quatro organizadores através das nomenclaturas: (Org1-produtor) (Org2-jornalista), (Org3-músico) e (Org4-cartunista). Em relação à amostra dos participantes, estes foram nomeados da seguinte maneira: (P-1), (P-2), (P-3) ... e assim

sucessivamente, até ao (P-20), e sobre a identidade do DTC, como já mencionado, mantemos o nome em total sigilo.

1.4 Notas conclusivas

O objetivo deste capítulo foi o de explicar o percurso trilhado durante a realização desta investigação, por meio da metodologia escolhida (Bardin, 1977), pois é uma das autoras mais indicadas quando se trata de pesquisas de cunho quantitativo e qualitativo ou misto como neste caso. Nele almejamos clarificar os aspetos inerentes à forma de como se percorreu esse caminho.

Como não existia até à conclusão desta investigação nenhum estudo sobre o *Dark Tourism* que abrangesse a cidade de Campinas, acreditamos que este trabalho possa vir a estimular outras pesquisas, assim como contribuir para o desenvolvimento cultural e turístico deste município.

A nossa amostra referente ao evento “Assombrações de Campinas” passou por inúmeras dificuldades, principalmente devido às impostas pela COVID-19, que exige protocolos de distanciamento social. Não obstante, o número de inquiridos permitiu construir um retrato sobre a descoberta do *Dark Tourism* na cidade de Campinas, assim como um referencial teórico original a respeito desse imenso universo turístico, que precisa de ser mais bem estudado e compreendido.

Capítulo II: Património, turismo sombrio e o seu desenvolvimento

Neste capítulo abordaremos alguns conceitos relacionados com o desenvolvimento do turismo, com os valores patrimoniais materiais e imateriais, assim como a importância das histórias orais para as origens do *Dark Tourism* e do *Dark Heritage*. Começamos pelos conceitos de património e turismo, explicando brevemente o seu processo histórico, para depois os inserirmos especificamente no turismo no Brasil. A respeito do *Dark Tourism*, destacaremos as suas origens e principais enfoques epistemológicos pioneiros.

2.1 Do património tangível ao intangível: conceitos e valores

O desenvolvimento humano jamais poderá ser compreendido sem o conhecimento e o reconhecimento da importância da criação cultural, sempre interligada com a educação e a formação por meio da investigação e da ciência. Para isso, basta analisarmos os grandes marcos da presença humana ao longo da história para percebermos a influência das épocas históricas no património.

Podemos definir o património como o conjunto de condutas, de bens, de objetos, de valores que permitem a criação de uma identidade que une e consolida culturalmente o grupo detentor de tal património (Corá, 2014).

A convenção da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 1972) reconhece que alguns lugares na Terra são de "valor universal excepcional", e devem fazer parte do património comum da humanidade. Os bens patrimoniais integram-se nas seguintes categorias: i) património cultural e património natural; ii) património móvel e imóvel; iii) património tangível e intangível.

Os sítios arqueológicos, as cidades históricas, os locais sagrados (igrejas ou mosteiros), os monumentos e os castelos pertencem ao património cultural. As paisagens naturais (florestas, rios, montanhas, costas marítimas ou cascalhas, por exemplo) pertencem ao património natural. Ao património cultural móvel correspondem todos os bens que podem ser transportados, tais como os objetos, as obras de arte e o artesanato.

Todos os exemplos correspondem ao património tangível, ou seja, são bens que podem ser tocados. Os bens classificados como património intangível não são palpáveis, como por exemplo, as canções, as lendas, as rimas, o folclore e os provérbios.

O Japão foi um dos primeiros países a adotar uma legislação de proteção das obras arquiteturais e artísticas antigas. Tal ocorreu em 1868. Desde 1950, "Ningen Kokuho" foi o título atribuído, pelo governo japonês, aos artistas e artesãos, detentores e transmissores de saberes e de bens culturais intangíveis.

Deste modo, o património depende do passado e remete-nos para o presente, cuja criatividade nutre (Benhamou, 2017).

A UNESCO ressaltou, no ano de 2003, a necessidade de salvaguardar a cultura imaterial, incluindo as expressões vivas, as tradições que várias comunidades mundiais têm a necessidade de transmitir oralmente aos seus descendentes. O património imaterial compreende dois aspetos: o intangível por natureza e a extensão do património material, dando-lhe sentido. Isso evidencia a emergência da noção de património sob os pressupostos preservacionistas da modernidade, considerando os seus dois mais importantes pilares: o culto da preservação e o da nostalgia (Lowenthal & Kenneth, 1985). Essa preocupação com o património pode ter, no conjunto dos seus principais motivos, a aceleração do ritmo de mudanças que o mundo moderno acaba por impor à própria questão da identidade.

No domínio do património cultural salvaguardado em museus, a pesquisa antropológica em torno destas instituições tem contribuído decisivamente para o conhecimento dos processos de construção, representação e consumo de significados culturais (Anico, 2008). Também se destaca a preservação dos aspetos simbólicos dos objetos etnográficos e as possibilidades dos museus e exposições se assumirem como locais de contato entre grupos e culturas (Clifford, 1997).

2.2 A gênese da salvaguarda patrimonial

Com a Revolução Francesa iniciada em 1789, tentou-se apagar a memória dos Antigos Regimes, numa busca incessante pela destruição dos símbolos que remetessem para o absolutismo monárquico e para tudo o que ele significava (Hobsbawm, 1995). Com isso, surgiram algumas ações que resultariam em destruição de patrimónios materiais, como igrejas, castelos e monumentos.

Na Assembleia Constituinte revolucionária de 21 de setembro de 1795, percebeu-se a incompatibilidade entre os valores iluministas e os ataques perpetrados aos bens culturais e o estabelecimento da pena de dois anos de prisão a quem destruísse obras das ciências e das artes (Choay, 2001).

No ano de 1830, foi criado na França o cargo de inspetor-geral dos monumentos históricos, com a função de iniciar e liderar um trabalho de recenseamento e catalogação dos edifícios e do conjunto de outros patrimónios materiais existentes no país. Foi no ano de 1837 que se instituiu oficialmente o processo de inventariação das peças classificadas como requisitos de memória, salvaguardando, assim, monumentos avaliados como cumpridores de tais pré-requisitos.

Existe uma série de maneiras de agregar valor ao património, como o histórico e estético, perceptíveis a olho nu e com certa facilidade. Precursora dessa salvaguarda patrimonial, no ano de 1913,

em França, foi criada uma lei que gerou o serviço dos monumentos históricos do país, um verdadeiro ato de fundação de uma política específica de património. O seu carácter altamente centralizado ainda marca a arquitetura institucional dessa agência, que se tornou um modelo de organização burocrática para uma série de países. O Ministério da Cultura está no topo da organização piramidal, que estrutura o conjunto de departamentos, secretarias e agências que, conectadas entre si, lidam direta ou indiretamente, com o património histórico-cultural e a sua proteção (Brito, 2018).

A lei de 1913 foi posteriormente copiada por países como Alemanha e Itália, possuidores de uma tradição descentralizadora e um Estado menos preponderante (Choay, 2001). O património, segundo essa lei divide-se em cinco categorias: edifícios, entorno dos edifícios, objetos móveis e imóveis, cavernas com pinturas rupestres e órgãos históricos. Existe, em coexistência com os valores mencionados, um outro, relacionado com a capacidade de um local patrimonial atrair o turismo, remetendo para os valores de comunicação e de apropriação, e transformando-o tanto em capital mercantil como simbólico.

Em matéria de conservação integrada dos bens culturais, somente nos anos de 1970, a comunidade científica passou efetivamente a promover reflexões sobre o assunto. Passou-se a considerar o património cultural como um valor e um recurso, que tanto serve para o desenvolvimento humano em geral, como concretiza um modelo de desenvolvimento económico e social e o uso durável dos recursos, e com respeito pela dignidade da pessoa humana.

Não podemos deixar de enfatizar a existência de uma comunidade para o resguardo do património no Brasil, principalmente o imaterial, que faz parte do nosso objeto de estudo, despertando, assim, a consciência da importância da história oral, transmitida entre gerações (Corá, 2014).

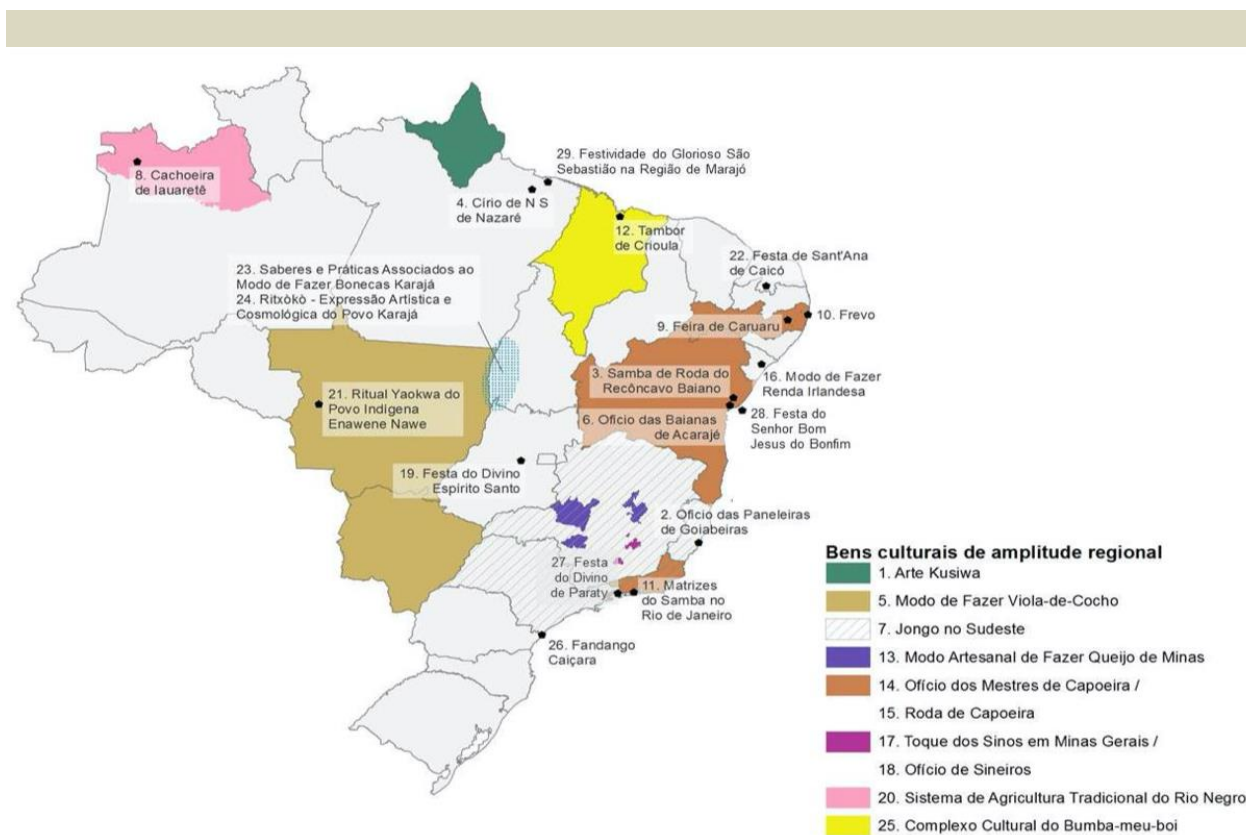
Algumas instituições foram criadas no Brasil, relacionadas com os bens culturais do país. Em 14 de julho de 1934, foi criado o Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com o objetivo de zelar pelo património material e imaterial, reconhecido pela UNESCO. O Programa Nacional de Património Imaterial (PNPI) foi criado pelo Decreto nº 3.551 de 4 de agosto 2000. Foram criados, ainda, o Departamento de Património Imaterial (DPI), o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) e o Conselho do Património Cultural (CPC) (Corá, 2014).

O PNPI tem como objetivo o reconhecimento da diversidade ética e cultural do país, a descentralização das ações para regiões que quase não obtinham atendimento, a ampliação do uso social dos bens culturais e o acesso aos benefícios gerados pelo seu reconhecimento como património. Conta, ainda, com a sustentabilidade das ações de preservação por meio da promoção do desenvolvimento social e económico das comunidades e da defesa dos bens culturais em situação de risco e dos direitos relacionados com as expressões reconhecidas pelo património imaterial. Estes são encarados como conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades, tais como celebrações, rituais

e festas que marcam a vivência coletiva, a religiosidade, entre outras práticas da vida social como formas de expressão, como por exemplo, manifestações artísticas, literárias, musicais, plásticas e cênicas. Locais como mercados, feiras, santuários e praças onde são realizadas expressões culturais coletivas também se enquadram nesta categoria (Corá, 2014).

A Figura 1 identifica e localiza os principais bens culturais existentes no Brasil e com expressão regional.

Figura 1 – Identificação e localização do Patrimônio Cultural Brasileiro



Fonte: Corá (2014, p.15)

O patrimônio cultural, num sentido amplo, poderá levar-nos a compreender a realidade humana como encruzilhada de vontades e de dúvidas, contra o fatalismo, o determinismo, a ignorância e o esquecimento. A educação, como aprendizagem permanente a partir da transmissão dos saberes, do exemplo e da experiência, tem, por isso, um papel crescente e fundamental no combate em prol da “sociedade de cultura”, da “cultura da paz” e da defesa e salvaguarda de um patrimônio comum, da humanidade, dos povos e das pessoas.

Quando falamos de cultura temos de nos reportar ao ato de educar, que permite relacionarmo-nos com a natureza, aproveitando-a, protegendo-a e desenvolvendo-a. O patrimônio cultural, como realidade complexa, tem de ser devidamente considerado desde o código genético e o genoma humano até às tradições, às comunidades, às instituições, aos hábitos e aos costumes, num conjunto vasto do que

designamos como património imaterial. O património cultural também se relaciona não só com os vestígios arqueológicos, os monumentos, o modo de organização das populações e das cidades, mas também com a valorização da criação contemporânea e a procura de uma relação equilibrada nesse diálogo entre o que hoje temos e queremos, e aquilo que recebemos de antanho.

2.3 O património imaterial e a importância da história oral

Enfatizamos até ao momento o facto de o património imaterial estar relacionado com a vida social dos indivíduos, estando ligados aos conhecimentos e experiências adquiridos e repassados para os integrantes das comunidades tradicionais. Essas práticas orais são meios de preservação das tradições, contribuindo para a conservação do património imaterial. Entretanto, é necessário compreender as práticas orais como concretas, as quais utilizam a linguagem para tornar públicos os conhecimentos e as experiências que devem ser repassados.

No presente estudo justificaremos a importância das histórias orais (oriundas do património imaterial), com destaque para os conhecimentos sobre os saberes e fazeres (Londres, 2004).

A experiência vivida de uma época compartilhada pelo seu ente geracional mais velho é revivida pela composição, sendo a sua arte/narrativa fundamental para transmitir ensinamentos e costumes. A sua condição não impede a sua leitura do mundo e a perpetuação de histórias e saberes. As memórias coletivas efetivam-se através de socializações nas atividades coletivas realizadas pelos grupos sociais (Ikeda & Pellegrini, 2008).

Deste modo, podemos exemplificar a percepção da história oral na nossa investigação, por exemplo, através das respostas a seguir transcritas dos organizadores do evento Org1-(produtor) “Assombrações de Campinas”, em novembro de 2021:

A gente percebeu que ele (o projeto) movimenta essa ideia lúdica de conhecer as histórias e de “brincar” de contar essa história antiga de assombração. Ele preserva o património imaterial da cidade. A gente consegue estudar a formação da cidade, na sua origem mesmo. Tem histórias que são muito ligadas a períodos de monumentos e de aparelhos da cidade que nem existem mais Org1-(produtor)

As narrativas orais de histórias trazem, no seu contexto, informações capazes de proporcionar a compreensão de esferas culturais, principalmente no que diz respeito às características da identidade local, abrindo-se caminhos de estudo sobre a cultura popular. Manter vivas essas narrativas é uma forma de proporcionar a compreensão da história dos indivíduos e locais que aí habitam. No atual mundo digital, há ferramentas que podem facilitar esse processo, como defendido na entrevista realizada com O-4: É muito importante além de trazer à tona essas histórias, resgatá-las e registrá-las num

ambiente digital para se mantenha preservado para as próximas gerações Org4- (cartunista).

Ainda segundo um dos organizadores do evento, a realização deste tipo de passeio abre espaço para a expansão da modalidade, inclusive para outras localidades, como por exemplo, São Paulo e Belo Horizonte.

Temos vontade de levar esse formato para outros lugares. Estudar as assombrações, conversar com as pessoas. Além de tudo, a gente deixa esse legado, esse acervo de histórias para ir para a posteridade. É maravilhoso e vamos para onde nos convidarem Org1-(produtor).

Pensamos, de acordo com as declarações dos entrevistados sobre a relação dos saberes, que esses se transfiguram num ponto de partida para essas novas interpretações de conhecimento, para uma análise crítica e para o estímulo da criatividade, fazendo a ponte entre os objetos e a cultura do turista, enriquecendo o património cultural como transmissor de conhecimento.

A memória se enraíza no espaço, na imagem, no objeto. A história só se associa aos seguimentos do tempo, às evoluções. A memória é um absoluto, uma elocução de lugares que declara o tempo em que vivemos. Os países e os grupos sociais passaram por grandes mudanças na ligação tradicional com o passado. Uma das indagações expressivas da cultura contemporânea situa-se no entrelaçado entre o respeito pelo passado e o sentimento de pertencimento a um dado grupo. Entre consciência coletiva e inquietação individual; entre memória e identidade (Nora, 1993).

Lugares de memória materiais, como por exemplo: túmulos, campos de concentração e senzalas, em que a memória social se apoia e pode ser apreendida pelos sentidos, possuem um carácter funcional, porque geralmente baseiam-se em pensamentos coletivos relacionados com valores simbólicos, onde a ideia coletiva, ou identidade, se revela.

As histórias orais transpõem vivências, emoções e sentimentos, ao contrário, por exemplo, da fotografia, que enquadra um foco e transmite um momento exato. A história oral refere-se a uma aprendizagem, envolvendo emoções e sentimentos. Mas para utilizá-la como técnica de pesquisa, deve-se ter em mente certas particularidades da lembrança pessoal e a sua relação com a anamnese coletiva.

A Figura 2 representa essa relação de ambiguidade: tanto a fotografia com o seu poder de transmitir o momento do facto, como por detrás desta a oralidade inerente, que veio acompanhar as relações entre um trágico acidente ocasionado em primeiro de fevereiro de 1974, no município de São Paulo, região Sudeste do Brasil, deixando 187 mortos, entre eles treze pessoas que ficaram presas no elevador e sem sucesso de sua saída ficando conhecidas como as “trezes alminhas do edifício Joelma”. Estas sepulturas

referem-se à tragédia bastante questionada, em que o desconhecimento dos reais riscos de incêndios e o descaso na previsão de medidas de segurança são consideradas as suas causas principais (Melo, 1999).

Figura 2 - Cemitérios da Vila Alpina - São Paulo



Para mais informações *vide* <https://folhavponline.com.br/2015/10/tumulos-das-13-almas-precisam-de-manutencao>. Acedido em 28/01/2022.

Ao interagirmos com a história cultural do município de São Paulo, ou de Campinas, que é o foco de nossa pesquisa, ficou claro, portanto, o potencial das narrativas orais, que manifestam toda a complexidade de rituais e outras práticas simbólicas que expressam hábitos, costumes, celebrações, saberes, fazeres e tradições regionais. Tal constatação nos leva a ousar afirmar que as memórias deveriam ser mobilizadas por políticas culturais, para que sejam efetivamente preservadas e mantidas no tempo e no espaço social. A gestão da cultura como recurso assume, neste caso, o património cultural como um campo de possibilidades de desenvolvimento.

2.4 O turismo na história: transformações e modernidade

O termo turismo tem origem no latim *tornus* e na palavra *tour* *turn*, do inglês, que significa tornar, retornar, girar, dando ideia de viagem de ida e de volta (Netto, 2017). Pode significar e expressar múltiplas e variadas práticas sociais. Pode, por exemplo, ser a prática que define a ação de um grupo de pessoas enquanto turistas. Também pode ser a libertação do *stress* cotidiano e a procura de um sentido para a vida ou mesmo o encontrar de novas pessoas e conhecimentos (Netto, 2017).

Assume-se que o turismo se iniciou quando o ser humano deixou de ser sedentário e passou a viajar, devido à necessidade de comercializar com outros povos. É passível dizer que o turismo de negócios antecedeu o de lazer, além de possíveis viagens destinadas à exploração de novas terras para ocupação, desde o século 6000 a.C. (Holloway, 1994).

Aproximadamente em 2000 a.C., na Grécia Antiga, já eram feitas viagens de visitação a panteões, em busca não apenas da relação com o sagrado, mas também de cura física e emocional. A maioria dessas excursões eram realizadas pelo mar, principalmente no mar Mediterrâneo, resultando na prosperidade dos portos usados nessas deslocações (Holloway, 1994).

O turismo de saúde também é um fenómeno antigo. No Império Romano eram feitas viagens destinadas às águas termais, assim como o turismo ligado ao desporto, com a realização de jogos olímpicos (Ignarra, 2020).

Após o colapso do Império Romano, viveu-se uma época muito conturbada, aumentando a periculosidade das viagens, tornando-as algo realizável somente quando era necessário. Nessa altura, predominou o que podemos denominar de “turismo de negócios” (Holloway, 1994).

A relação entre ser humano e religiosidade é íntima e profunda. Através da realização de festivais religiosos, nos quais os indivíduos participavam para ver as artes, o comércio de alimentos e bebidas, acarretando a produção de memórias, podemos afirmar que ocorreu o início do turismo religioso, muito importante durante a Idade Média europeia (Ignarra, 2020).

Na modernidade, a necessidade de ampliação do comércio implicou o aumento de novas rotas. Às viagens terrestres somaram-se as marítimas, ligando, primeiramente, a Europa à África (Ignarra, 2020). No século XIX, com a consolidação da Revolução Industrial e do capitalismo, surgiram as viagens organizadas (Ignarra, 2020).

Nascia, assim, a necessidade quase inconsciente, estimulada pela propaganda, de se aproveitar o merecido tempo de descanso para conhecer novos lugares, culturas e povos. As atividades ao ar livre e o uso das bicicletas como nova forma de locomoção induziram as pessoas a praticarem um turismo saudável (Holloway, 1994).

Até meados de 1960, o turismo foi visto fundamentalmente como a prática de atividade para o lazer e, somente nos anos de 1990, ou seja, trinta anos depois, mudanças de comportamento social ocorreram devido ao aumento do rendimento familiar nos denominados “anos de glória” do pós-guerra. Resultado do crescimento económico vertiginoso e com o advento de novas tecnologias que atingiram os transportes e a comunicação, as viagens tornaram-se acessíveis ao cidadão comum (Holloway, 1994), afirmando o turismo como um elemento central da sociedade (Ramos & Costa, 2017).

No final do século XX, também ocorreram diversas inovações, como, por exemplo, o surgimento de viagens com intuítos estritamente culturais e de aquisição de conhecimentos, como visitas a patrimónios inusitados, cruzeiros em rios pouco conhecidos e a procura de praias exóticas, ou seja, experiências enriquecedoras ao alcance do indivíduo comum (Costa, Panyik & Buhalis 2013).

O turismo cresceu em todo o mundo, sendo perceptível o seu efeito multiplicador, promovendo o desenvolvimento de áreas hoteleiras, de restauração, de transportes, de operadores turísticos, de guias e de agentes de viagens, assim como do aluguer de automóveis e de serviços recreativos e culturais (Costa, Panyik & Buhalis 2013).

Essa expansão do turismo nos últimos anos aconteceu devido ao crescente despertar do consumo e de consumidores mais informados em busca de experiências mais sofisticadas, resultando na oferta de novos produtos e de novas estratégias. Estas transformações estariam ligadas, segundo o autor, diretamente ao fenómeno da globalização e às mudanças acentuadas com as novas formas de informação e comunicação (Costa, Panyik & Buhalis 2013).

Todos esses acontecimentos teriam moldado uma nova espécie de consumidor de turismo, que procura experiências diferenciadas, acopladas à ideia de um tratamento mais personalizado, obrigando o turismo tradicional a passar por constantes reestruturações. Este novo consumidor procura um atendimento de excelência, para se destacar e superar a competitividade, numa realidade que procura novos tipos de serviços (Costa, Panyik & Buhalis 2013).

A globalização acarreta competitividade, mas deve primar pela sustentabilidade, pilar básico num mundo de grandes mudanças, numa espécie de “sociologia das organizações” turísticas e com um impacte estruturante nos componentes e na estrutura deste tipo de negócio.

O *Dark Tourism*, objeto de estudo desta dissertação, é um exemplo das inovações sugeridas, pois vem experimentando um aumento de procura já há algumas décadas. A procura incessante por diferenciações em programas de lazer, a crescente procura de novas e profundas experiências, a incorporação de estratégias de *marketing* ligadas às expectativas psicológicas dos consumidores e o inevitável contacto diário com a morte, presente nas novas redes de sociabilidade, poderão ajudar a explicar o fenómeno.

2.5 O turismo no Brasil

Estudar o turismo a partir da visão histórica é, sem dúvida alguma, uma pesquisa necessária nestes tempos em que a disseminação fácil e instantânea de informação, através das novas formas de *media* e sociabilidade, tende a comprometer a credibilidade das ciências. A preservação da memória permite não apenas evitar o esquecimento, mas também, preservar identidades culturais das pessoas, grupos sociais, instituições e até mesmo nações (Hallal, Guinarães & Feitoza, 2021).

O setor turístico brasileiro é relativamente modesto se compararmos ao de outros países, mesmo com todo o seu potencial de recursos culturais e naturais. Podemos afirmar que o Brasil sempre foi um

país que despertou interesses, desde a época das viagens ultramarinas, as quais exigiam grandes esforços, dada a escassez de recursos da época. Porém, estes esforços eram recompensados através da contemplação que o mundo natural dos trópicos proporcionava aos viajantes e exploradores, além das possibilidades de enriquecimento pessoal (Cavalcante & Dias, 2001).

A transferência da corte portuguesa para o Brasil em 1808 e a sua permanência até 1821, despertou o interesse ainda maior dos viajantes, para entender melhor esse momento histórico português e assim uma nova história das terras brasileiras passou a ser escrita (Rodrigues, 1979).

Após a independência, o Brasil recebeu muitos viajantes/turistas que se aventuraram pelo Atlântico. Os motivos eram inúmeros: vontade de ter um próprio negócio; busca de estudos de mineralogia, botânica ou zoologia; exuberância natural; conhecer a cultura dos trópicos. Já mais adiante, em meados do século XIX, essas viagens passaram ser mais fáceis de realizar. O navio a vapor e as estradas fizeram com que a dinâmica do viajar se alterasse sensivelmente (Assunção, 2012).

Atualmente, observa-se um significativo aumento do turismo nacional, explicado, por alguns pesquisadores, pelo fortalecimento do mercado interno (Haddad, Porse & Rabahy, 2013). É notório que um dos primeiros lugares a ser mencionado nos roteiros foi o Rio de Janeiro. O grande divisor de águas para que o Rio se tornasse “terra conhecida” foi a chegada, em 1907, do navio Byron, vindo dos Estados Unidos da América, com um grupo de turistas, dando origem a diferentes narrativas a respeito do turismo na cidade e contribuindo para a consolidação de bordões conhecidos, tais como: “Rio glamouroso; Rio exótico; Rio sensual; Rio violento; Rio esperançoso no futuro”, todos coexistindo e conformando múltiplas imagens da cidade (Guimarães, 2013).

Alguns anos mais tarde, iniciou-se outra modalidade turística que tomou forma no Brasil: a procura pelas águas termais do Estado de São Paulo e o turismo cultural no Estado do Rio Grande do Sul. O turismo brasileiro ganhou maior visibilidade nos anos de 1950, fruto de um processo modernizador que colhia frutos das políticas instituídas nos anos de 1930, como resultado da industrialização e da economia com vasta participação estatal. Com a troca de bens e serviços, graças à produção fordista, a indústria do lazer pôde emergir e alcançou sucesso mediante a conjuntura. Destaca-se a instalação de bancos, escritórios e serviços de apoio à produção, distribuição e circulação de mercadorias, contribuindo para a reprodução da força de trabalho, impactando nos setores da habitação, alimentação, transporte, assistência à saúde e lazer (Becker, 1995).

O setor turístico defendia que a venda de passagens para viagens aéreas, marítimas ou terrestres só poderia ser efetuada pelas companhias, agentes, consignatários e pelas agências autorizadas pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, na forma de lei (Ferraz, 1992).

A década de 1950 foi um dos melhores períodos para o desenvolvimento do Brasil, com o avanço do capitalismo dirigido pelas indústrias, devido às metas que o governo tinha para os anos de 1956 a 1961, graças aos investimentos públicos e privados, em diversas áreas e à construção da nova capital brasileira (Brasília) no planalto central, viabilizando a integração das regiões periféricas nas regiões centrais, formadas pelo triângulo Rio de Janeiro - São Paulo - Belo Horizonte.

O marco da institucionalização do turismo brasileiro pode ser considerado a partir da publicação do Decreto-lei nº 55, de 18 de novembro de 1966, o qual criou a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), iniciando uma série de políticas de incentivos governamentais. Somados a este processo de institucionalização, dois fatores determinaram a consolidação do crescimento do turismo no país: o reforço da condição de grande centro de atração turística e cultural da cidade do Rio de Janeiro, consolidando a sua função de principal porta de entrada do turismo externo do país, assim como o aparecimento do fenômeno da segunda residência, que atribui valor social ao veraneio e ao descanso de fins-de-semana, tornando acessíveis regiões com atributos ambientais valorizados (áreas costeiras e serranas) (Becker, 1995).

O setor turístico, embora não prioritário na política governamental, expandiu-se, ainda que vagarosamente. A classe média começou a integrar-se nos padrões de consumo das elites, incentivando a indústria turística a oferecer novos produtos a partir de projetos urbanísticos na área costeira, possíveis graças à formulação de uma política urbana que beneficiou o setor. Repetiram-se, assim no turismo, as mesmas consequências da economia brasileira: a concentração empresarial e o desenvolvimento das atividades turísticas concentradas no Sudeste, deixando as demais regiões em segundo plano, facto que veio a alterar-se apenas nos anos de 1980.

No setor de hotelaria, de 1980 até 1983, os hotéis de quatro estrelas cresceram 63%, enquanto os de uma, duas e três estrelas, mantiveram-se em torno de 30%, quando a intenção expressa era beneficiar as pequenas empresas (Barreto, 1991).

O mercado turístico até inícios dos anos de 1990, controlado pela EMBRATUR, dava margem à clandestinidade e a verdadeiras guerras judiciais. Mesmo assim, o resultado foi um notável crescimento do número de agências de viagens em todo o país (Cavalcanti & Menezes Venâncio, 1995).

No início dos anos de 1990 surgiam os Programas Regionais de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR), com o objetivo específico de aumentar o turismo no Nordeste, região que ambicionava inserir-se no roteiro turístico nacional e internacional. Como objetivo específico, o PRODETUR procurou aumentar o turismo receptivo e a permanência do turista na região, induzindo novos investimentos em infraestruturas e gerando emprego e rendimentos (Becker, 1995).

No ano de 1992, o Brasil passava por grandes dificuldades devido à crise económica. Almejando recuperar o setor turístico, foi criada a Secretaria Nacional de Turismo e Serviços, vinculada ao recém-criado Ministério da Indústria, Comércio e Turismo. O turismo destinado ao lazer se torna bastante inferior. Isto demonstra a elevada complexidade das atividades que constituem o turismo, do ponto de vista económico. Os atrativos de cultura e lazer, grandes objetos do turismo, têm importante papel gerador de rendimentos, emprego e de valor agregado, multiplicando benefícios por diferentes setores e atividades, mostrando que os impactes sobre a economia como um todo podem ser muito maiores (Cruz, 2005).

O turismo destaca-se, em particular, nas variáveis com uma participação maior do que a sua contribuição para o Produto Interno Bruto (PIB) do país. Assim, o destaque maior é o peso do fator trabalho na produção do serviço turístico, em particular dos trabalhadores autónomos. Destaca-se quando comparado com a participação do trabalho na economia brasileira, o que é encarado como uma vantagem do turismo para reduzir o desemprego no Brasil.

De forma a melhor apreciar e avaliar esse potencial, é preciso analisar as ligações entre as várias atividades que formam o setor turístico como um todo e o potencial gerador de empregos e de rendimentos de cada serviço oferecido, comparando-o com o potencial médio brasileiro (Cruz, 2005). Essas informações confirmam a importância do turismo para empregar. Este dado, mostrando o poder de geração de rendimentos, especialmente quando se circunscreve aos trabalhadores assalariados ou por conta própria, confirma conclusões de outros trabalhos de grande potencial de inserção produtiva no setor (Andrade, 2008).

2.6 Num mundo de sombras: origens e aspetos do *Dark Tourism* e do *Dark Heritage*

O *Dark Tourism* e o *Dark Heritage*, mesmo sendo temas pouco estudados por académicos, hoje parecem ganhar maior visibilidade, devido à expansão do turismo mundial e à procura por novas temáticas, resultando na emergência de segmentos turísticos cada vez mais diferentes dos usuais, como, por exemplo, a incorporação do “sombrio”.

Em 1979, a UNESCO classificou como Património da Humanidade, o Campo de Concentração de Auschwitz. A partir desta época, os lugares sombrios começaram a despertar maior interesse, somando-se às perceções de que a memória, mesmo que dolorida, deveria ser preservada, com o objetivo de evitar a repetição de trágicos eventos desse tipo².

² Para mais informações *vide* <https://whc.unesco.org/en/list/31/>. Acedido em 21/05/2021.

Como já mencionado anteriormente, os professores britânicos John Lennon e Malcolm Foley foram os pioneiros em analisar sociologicamente fenômenos relacionados com o turismo mórbido, contribuindo ainda nos anos de 1990 com artigos acerca do *Dark Heritage* e do *Dark Tourism*. Este último termo tem origem inglesa e foi usado pela primeira vez pelos autores citados, publicado em 1996, no *International Journal of Science of Heritage Studies*.

O *Dark Heritage* e o *Dark Tourism* se complementam e conectam a partir do momento em que um precisa do outro para existir, pois o *Dark Heritage* é o local onde ocorre o facto dissonante, doloroso e o *Dark Tourism* passa a existir mediante a mercantilização e massificação desses lugares da morte real a par da influência cognitiva dos meios de comunicação social (Foley & Lennon, 2000).

No final do século XX, mesmo que tivesse sido usado no passado, há existência desta modalidade turística desde tempos remotos, devido à comprovação histórica da realização de viagens para destinos de origens mórbidas, citando como exemplo a batalha de *Waterloo*, a qual foi observada pela nobreza a uma distância segura (Foley & Lennon, 1996b). Outro exemplo citado é um dos primeiros campos de batalha da Guerra Civil dos Estados Unidos da América, que foi comercializado no dia seguinte à tragédia como local de atração, recebendo destaque no noticiário do periódico britânico *The Guardian*.

Alguns autores confirmaram que houve um crescimento significativo do turismo nesses locais (Foley & Lennon, 1997) e de que a procura por estes sítios aumentou desde meados do século XX. Tal justifica-se pelo surgimento do discurso da sociedade pós-moderna e dos fenômenos de suporte intelectual e social que oferecem algum crédito aos argumentos de que o mundo de hoje e de amanhã estão em constante mudança (Sharpley & Stone, 2008).

O fenômeno da pós-modernidade modifica formas prévias de representações e interações sociais, sendo assinaladas por uma grande agitação que envolve toda a pessoa: preocupação com o trabalho e inúmeras atividades, dando a impressão de que o indivíduo parece ter perdido a capacidade de vislumbrar a realidade (Henning, 2021). Diante disso e reforçando ainda mais estas transformações nos processos de interações sociais, cada vez mais agências de viagens e de turismo disponibilizam pacotes e informações relacionadas com o *Dark Tourism* (Henderson, 2000; Ryan, 2007).

A experiência deste segmento de turismo é pensada de modo teórico, como algo que faz com que o interlocutor passe por um processo reflexivo entre a questão da vida e da morte, fornecendo uma conexão entre ambas, pois estes sítios, associados a desastres ou atrocidades naturais ou provocadas por seres humanos, tornaram-se ao longo do tempo, em mais do que locais de memórias e histórias. Tornaram-se também atrações turísticas (Stone, 2012).

Historicamente, podemos inclusive encontrar exemplos de *Dark Tourism* na Antiguidade, com o devido cuidado em não estabelecer conceitualizações anacrônicas, admitindo os jogos de gladiadores

romanos, as peregrinações ou a participação em execuções públicas medievais, como exemplos de formas precoces de turismo relacionado com a morte.

A memória necessita de referências tangíveis para poder existir. *Interfaces* na internet acerca do *Dark Tourism*, geralmente incorporam atrações que são consideradas e classificadas como patrimónios culturais. Podemos, assim, destacar alguns veículos que contribuem para a difusão desse tipo de património, como o *site* do Museu do Holocausto nos Estados Unidos e o de *Auschwitz-Birkenau*, como modelos dessa nova forma de experimentação.

Os locais sombrios têm um significado cultural e histórico considerável e os estudos a respeito desses lugares devem beneficiar de teorias estabelecidas sobre o turismo de herança. Por exemplo, os estudos relacionados com o Holocausto, ou mais recentemente, com o memorial criado onde se localizavam as torres gémeas em Nova Iorque, mostraram que sítios sombrios são espaços de lembrança, luto, experiência espiritual, demonstração de identidade nacional e experiências educacionais (Seaton, 1996; Foley & Lennon, 1999).

Nos últimos anos, a cobertura crescente desses fenómenos, feita pelos denominados “guias de viagem” e pela *media*, procura retratá-lo não apenas como um género de motivação e atração para viagens. Digno de nota foi o estabelecimento do *Institute of Dark Tourism Research* em 2005, na Universidade de Lancashire, Inglaterra. O seu objetivo consistiu em proporcionar o conhecimento e instruções sobre a importância do significado do ato de visitação a locais turísticos de morte, desastre ou aparentemente macabros³.

O *Dark Tourism* é um dos segmentos do turismo mais delicados, pois lida com sentimentos e emoções que a maioria dos indivíduos procura evitar. A reação ao visitar locais associados a morte é uma incógnita e nem todos estão preparados para vivenciar esse tipo de experiência, capaz de transmitir não só os acontecimentos ou factos históricos, mas também causar reflexões e incómodo aos visitantes (Ribeiro, 2013).

Os locais onde o *Dark Tourism* está presente podem possuir variadas características e atrativos, tanto históricos quanto culturais, pois envolvem a visita a locais onde a história está presente (White & Frew, 2013). Os lugares onde encontramos a herança histórica do indivíduo em diferentes épocas, retratada através do património e dos documentos culturais, podem ser encontrados em museus por exemplo (Beni 2019).

Da escola sociológica clássica também é possível retirarmos importantes reflexões. Entende-se que as emoções provocadas por espaços com características mórbidas são fortes e tristes, mas não são

³ Para mais informações *vide*

https://www.uclan.ac.uk/research/explore/groups/institute_for_dark_tourism_research.php Acedido em 01/06/2021.

depressivas. Acabam provocando, em alguns casos, um desejo colaborativo. Em casos de desastres naturais, por exemplo, em que as perdas são geralmente imensuráveis, são muitos os que despertam interesse por esses lugares, não por mera curiosidade, mas motivados por compaixão (Durkheim, 2001).

A criatividade foi fundamental para que inovações no turismo dessem conta dos novos interesses dos seus consumidores, cada vez mais alargados devido à possibilidade de contactos, mesmo que virtuais, com o mundo exterior (Richards, 2011).

Além da designação habitual – *Dark Tourism* – existem outras maneiras de nomear tal fenómeno e a sua tradução não literal acaba por assumir múltiplas conotações, sendo as principais: turismo macabro; turismo negro; turismo sombrio; turismo mórbido; turismo sinistro; e turismo das trevas. Os estudiosos deste segmento procuram compreender as motivações que levam esses turistas a destinos reais associados à morte (Farmaki, 2013).

O *Dark Tourism* é capaz de oferecer efeitos terapêuticos, além da tradicional experiência educacional associada à emocional. (Braithwaite & Lee, 2006; Foley & Lennon, 2000; Henderson, 2000).

O consumo do *Dark Tourism* é parte de um processo bastante complexo, pois, aqueles que procuram este segmento têm um intrínseco interesse pessoal ligado ao consciente e ao inconsciente desejo de experiências que os remetam para a vida e para o óbito, lidando, portanto, com a morte transformada em representações culturais (Sharpley & Stone, 2008). Proporcionar aos turistas novas experiências é um fator definitivo para o êxito de um destino turístico e é isso que o torna mais competitivo e diferente em relação aos demais (Jong, 2014).

Outros locais associados à prática de *Dark Tourism* são as prisões, nomeadamente, as seguintes: *Robben Island*, situada na África do Sul; *Alcatraz Prison* em São Francisco, Califórnia; *Eastern State Penitentiary*, em Philadelphia, Pensilvania; e *Louisiana State Prison*, situada no Estado de *Louisiana* (Strange & Kempa, 2003). O consumo de *Dark Tourism* é bastante complexo. A escolha deste turismo se dava por questões de significado pessoal e que a sua prática poderia relacionar-se com a vida e o viver, em vez da morte e dos mortos (Strange & Kempa, 2003). Um estudo realizado em Auschwitz aponta a admiração ou sedução pela morte como principal motivo para essas visitas. O resultado do estudo demonstra que os motivos para visitar Auschwitz seriam semelhantes aos de uma visita regular de turismo cultural que não seja de *Dark Tourism* (Biran, Poria & Oren 2011).

Para além dos locais mencionados, existem outros sítios de culto aos mortos visitados por turistas, como os cemitérios (Young & Light, 2016). Os locais onde decorreram guerras e conflitos políticos também são considerados locais simbólicos de *Dark Tourism*, uma vez que o turista procura confirmar e testemunhar as informações fornecidas pela comunicação social a respeito desses acontecimentos (Mahrouse, 2016).

O *Dark Tourism* constitui uma mistura de vários subtemas, dependendo do interesse de quem o estuda e de acordo com a abordagem epistemológica, podendo ser ancorado na história, na psicologia, na literatura, entre outras ciências, ressaltando que a principal matriz analítica ainda são as ciências sociais (Light, 2017).

Em tempo atuais, merecem destaque novas pesquisas que se fundamentam no estudo do *Dark Tourism* em modalidade *online*, ainda mais em tempos de pandemia, em que as viagens ficaram impossibilitadas. A *Web 2.0* tem uma grande capacidade de divulgação de informação junto dos turistas, concentrando grande número de informações sobre determinados sítios (Krisjanous, 2016).

Na América Latina, chama-nos a atenção o caso mexicano e o famoso “dia dos mortos”, que percorre as suas comemorações entre os dias 31 de outubro e 2 de novembro. Tal manifestação cultural material e imaterial possui significados distintos de outros momentos dedicados aos finados em outras partes do mundo. A morte transfigura-se em algo que deve ser celebrado com entusiasmo, quase como um rompimento com o medo, aproximando-se de experiência sensível, herdeira dos ritos de passagem celebrados pelas civilizações antigas.

Porém, tal prática possibilita uma familiaridade baseada nas convicções de solidariedade entre os vivos e os que pereceram, presentes nas viagens desde a Idade Média, tais como peregrinações e as suas associações de relicários, ou visitas a tumbas e ruínas. Já nos séculos XVIII e XIX, sob influência do romantismo, realizavam-se visitas a casas e túmulos de autores falecidos (Delumeau & Machado, 2003).

Houve um crescimento da abordagem académica e mediática acerca do *Dark Tourism*, com roupagem e definições contemporâneas e já associadas aos locais de desastre e morte. Atualmente, essa modalidade de turismo tem a capacidade de expandir as fronteiras do imaginário, provocando no indivíduo iniciativas que possam, inclusive, contribuir para mudanças na sua própria maneira de viver, de lidar com a morte e valorizar a própria existência, além de os elementos terem a capacidade de influenciar psicologicamente os consumidores numa relação imersiva em ritos de passagem e construções de significados (Westover, 2012).

O *Dark Tourism* como um campo de escrutínio académico é onde a educação para a morte e os estudos de turismo patrimonial se encontram. Este termo vem sendo contestado de várias maneiras, sendo demonstrada a ideia de que determinados locais turísticos de morte podem ser, subjetivamente, mais claros ou mais escuros, no sentido figurado de quanto aquele sítio tende a sensibilizar o indivíduo (Stone, 2006).

Tudo isso delimitou a classificação do *Dark Tourism*, delineando um conjunto qualitativo de fatores relacionados com o local, incluindo ideologias políticas, orientações educacionais e autenticidade da interpretação, que serão demonstradas e analisadas mais adiante. Apesar disso, já aparecem tendências simultâneas que tendem a alargar a base tipológica do *Dark Tourism*, à medida que novos locais são

introduzidos no corpo das pesquisas, principalmente pelo estudo de paisagens icônicas, sendo prontamente reconhecidas, além de serem parte da literatura acadêmica, como estudos de caso, por exemplo, os já referidos locais de Holocausto, como os campos de *Auschwitz-Birkenau* na Polónia. Elencamos também como claros exemplos o *Ground Zero* em Nova Iorque (local dos ataques ocorridos a 11 de setembro de 2001) e o *Killing Fields* no Camboja, onde o ex-líder do *Khmer Vermelho Pol Pot* cometeu genocídio contra o próprio povo.

Outros motivos para as pesquisas acerca do *Dark Tourism* podem estar relacionados com as teorias pós-materialistas, nos sistemas de valores e nas teorias culturais, associadas aos museus, além do próprio consumidor em contexto público. Ou seja, explorar o significado social das transações turísticas obscuras e, em último contexto, a convergência delas com preocupações mais amplas de herança cultural.

Enquanto a motivação turística tiver ímpeto ou atração que podem reforçar um paradigma redutor da oferta, pesquisas que estão relacionadas oferecem motivações psicológicas e dispositivos de mediações relativas. O *Dark Tourism* apareceu como o desejo do indivíduo em “experimentar” uma espécie de morte como fator motivacional (Seaton, 1996). É a maneira do indivíduo contemplar a sua própria vida e a mortalidade através do olhar. Visto como uma consequência linear, ou uma divergência pós-moderna, o *Dark Tourism* contemporâneo tem alguma relação com comportamentos tanatóticos atuais (Stone, 2012).

Certos tipos de morte são retirados do domínio público, por fornecerem momentos transitórios de mortalidade, em que outra morte significativa é confrontada e onde a morte é transformada em algo “confortável” e seguro de se lidar. Apesar da diversidade de fatores socioculturais que afetam os pontos de acesso, envolvimento e saída de experiência de *Dark Tourism*, fatores políticos, logísticos e casuais ajudam a descrever e a compreender a natureza fundamental do comportamento desse turismo (Stone, 2012).

2.7 Notas conclusivas

Finaliza-se este capítulo enfatizando o importante papel que o turismo desempenha na vida social e como a pandemia causada pela COVID-19 nos mostrou os imensuráveis impactes no setor, fazendo com que o crescimento do turismo estagnasse e quase colapsasse. Companhias aéreas decretaram falência, sendo necessária a intervenção estatal para continuarem em operação. Agências de viagens tradicionais e com muitos anos no mercado também decretaram falência.

A queda do turismo global devido à pandemia chegou a 80%, segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU) em 2020 e estima-se que 10% de todos os empregos do mundo venham a sofrer o maior impacte desde a Segunda Guerra Mundial.

Enfim, o segmento turístico teve que adaptar-se à sua maneira ao novo cenário proibitivo no âmbito internacional e uma das soluções foi incrementar a divulgação do turismo local e regional. De qualquer modo, os efeitos da pandemia sobre o setor de turismo são inquestionáveis, mas estão a ser percebidos de forma diferente pelas nações, regiões e lugares, sendo a sua superação provavelmente lenta e gradual.

Este capítulo contribuiu para evidenciar que os estudos sobre o património e mais especificamente o *Dark Heritage* e o *Dark Tourism* (lugares de tragédia, também denominados de “assombrados”) aparecem cada vez mais como objetos de estudos académicos e, conseqüentemente, influenciando os estudos relacionados com o turismo, devido ao constante aumento de procura por interessados no assunto, alterando modelos estáticos e abarcando novas vertentes de vasta riqueza memorial que podem tornar os destinos muito mais atrativos.

Nota-se também uma nova possibilidade que se abre como campo para um novo modelo de mercado de trabalho, pois esse segmento necessita da presença de profissionais qualificados, especialmente os que são formados em Turismo, História, Geografia ou noutras Ciências Sociais.

O alargamento desta definição sobre património também pode servir para que locais até então considerados indesejáveis e abandonados de cuidados, sejam reavaliados e incluídos em políticas de preservação, pois elevá-los ao título de património tende a facilitar a sua manutenção, assim como a sua viabilidade económica.

Manter a memória desses locais é o caminho mais eficaz para que o legado das pessoas e das histórias que os envolvem sejam sociabilizados na coletividade. Refletir a respeito da curiosidade ou até mesmo pelo gosto da tragédia, pelo deleite por histórias macabras ou mal-assombradas e pelo turismo cemiterial, também pode se tornar objeto de estudo tanto teórico quanto empírico, específico ou geral, de áreas afins, tais como a Psicologia e a Antropologia Social, abrindo um novo caminho para a utilização de novas fontes e ferramentas de análise, dada a complexidade do tema.

A importância de poder narrar essa experiência tende a ser um meio de consciencialização para que possamos exigir das autoridades uma maior rigidez e eficácia no cumprimento de regras que possam salvar vidas, assim como políticas públicas que possam prevenir catástrofes ou minimizar os seus estragos, até os causados por uma pandemia, tomando medidas de consciencialização, de encerramento do comércio e de formação das pessoas envolvidas.

Não podemos deixar de destacar também que a comercialização de locais assombrados ou de tragédia perpassa estratégias do capitalismo. Por isso, temos de tomar a frente nas políticas de consciencialização, como por exemplo por meio da educação básica, para que possamos evitar a banalização de lugares de memórias. Hoje, mesmo falando da COVID-19, quantas pessoas perderam os seus entes queridos? Os locais visitados, ainda que no seu estado original, correm o risco de se tornarem

grande palco de teatralidade e espetáculo relacionados com a prática do turismo e, conseqüentemente, com a deturpação da memória histórica (Willis, 2014).

Esses sítios devem ser lugares de recordação e de reflexão a respeito das tragédias que ocorreram no passado, para que elas não se repitam, ou seja, para manter viva a história sensível dos envolvidos. Mostram também como catástrofes, como a pandemia que estamos vivenciando, muitas vezes estão além das nossas experiências ou crenças e que muitas vezes a dificuldade em controlá-las vai muito para além das nossas possibilidades, trazendo novos medos e traumas, o que nos faz aprender a conviver com eles e a tentar driblá-los.

O próximo capítulo discute o que é a memória dissonante e como ela ocorre com o trauma vivenciado pela COVID-19.

Capítulo III: Memória, património dissonante e os conceitos *dark*

Este capítulo é dedicado ao estudo da memória, assim como do esquecimento e à associação possível ao património.

Dedicamos espaço a uma breve reflexão sobre como a pandemia causada pela COVID-19 vem afetando a vida dos indivíduos e o setor turístico, tendo como exemplo os seus impactos no município de Campinas.

Optou-se também por uma explanação acerca do turismo cemiterial, a destruição dos símbolos do passado e a importância dos memoriais.

3.1 Memória, história e esquecimento

As experiências pessoais podem levar os indivíduos a percorrerem diversos tempos históricos, desde os mais remotos até aos atuais, mas nem todos possuem tempo para experimentar essas “viagens de memórias”, devido à acumulação de atividades que o mundo contemporâneo lhes impõe (Hobsbawn, 1995).

Para que o passado não se perca no tempo presente, é fundamental o papel dos cientistas sociais, sejam eles historiadores, sociólogos ou antropólogos, dado que os factos ocorridos dependem da forma como são interpretados, geralmente em conflito entre o que ocorreu e o que ocorre, daí a necessidade de profissionais que dominem mecanismos de sistematização e análise. Estas experiências também remetem para como cada uma lida com o passado e como, explicitamente, cada um constrói a sua identidade e se destrinja dos outros. Essas vivências, individuais ou coletivas, são compostas por personagens, lugares e factos, que se preocupam em manter as conexões sociais, mas também em modificá-las, representando, passado, presente e futuro (Ferro, 1988).

Na memória predomina a ideia de uma atualização dos indícios mnemônicos relatados nalgumas teorias complexas da atividade cerebral e esse processo é capaz de interferir na ordenação dos sinais e na releitura das lembranças. Dito isto, importa destacar a memória na constituição das sociedades modernas, sabendo que ela pode ser um instrumento de poder, através da dominação da lembrança e da tradição, e como fator de liberdade para a humanidade (Le Goff, 2003). Quando se estuda a relação entre a recordação e o esquecimento busca-se as finalidades principais da memória e a luta para que esta se mantenha viva. Não é somente o esforço da memória, mas principalmente o temor do esquecimento (Ricoeur, 2007).

3.2 Património dissonante e os conceitos *dark*

Para melhor entendermos o estudo da memória é necessário compreendermos como nasceu e se desenvolveu a psicologia e como foi o seu percurso nesta área. A psicologia surgiu tendo como preocupação central analisar o conjunto de pensamentos dos indivíduos (Pacico & Bastianello, 2014).

A preocupação da psicologia é o comportamento que individualiza os seres humanos e, ao mesmo tempo, a procura por leis gerais que, a partir das características das espécies, são determinadas por condições ambientais e preveem o seu comportamento (Lane, 2017).

Em 1879, Wilhelm Wundt (1832-1920) criou o primeiro laboratório de pesquisa na área da psicofisiologia. A ideia de os fenómenos mentais corresponderem aos orgânicos foi criada a partir dos trabalhos deste laboratório e ficou conhecida como “paralelismo psicofísico”, como, por exemplo, colocar a mão sobre uma chapa quente como experiência física, que teria uma correspondência na mente. Para conhecer o que acontecia, Wundt propôs o método do introspeccionismo, em que o indivíduo treinado para a auto-observação, poderia relatar o caminho da estimulação sensorial (Pacico & Bastianello, 2014).

Para entendermos o conceito dissonante é necessário assimilarmos a ideia da Dissonância Cognitiva, desenvolvida primeiramente por Leon Festinger (1919-1989). Este autor desenvolveu a maior parte dos seus estudos na *New Scholl for Social Research* de Nova Iorque. Em 1957 publicou o seu primeiro livro, definindo a “Dissonância Cognitiva” como uma preocupação entre o que um indivíduo pensa, ou acredita, e aquilo que ele de fato coloca em prática, produzindo ações que entram em desacordo com aquilo que pensou acarretando desconforto entre os mecanismos psíquicos (Festinger, 1957).

Leon Festinger destacava que a necessidade de se evitar a dissonância é tão importante quanto as necessidades de segurança e da alimentação, tratando-se, de modo geral, de uma ansiedade incomfortável que pode ou não ser gerada por dois pensamentos conflitantes (Festinger, 1957).

A Teoria da Dissonância Cognitiva (TDC) defende que cognições adversas servem como incentivos para a mente ter, ou inventar, novos pensamentos ou crenças, sendo possível modificar as já pré-existentes, de forma a diminuir a quantidade de dissonância (conflito) entre as cognições que são causadas (Fernandez & Fernandez, 2017).

A inflexibilidade ou intensidade dos conflitos variam de acordo com a importância que damos aos elementos cognitivos que se encontram em dissonância. Consideremos um exemplo em que prefiro “1” a “2” em qualquer caso, sobre qualquer acontecimento. Entretanto, o contexto (o meu conjunto exterior de oportunidades) permite que “1” seja mais árduo de conseguir e exige mais esforço, enquanto “2” é de fácil acesso e pode ser obtido com menos esforço. Como um dos nossos mecanismos psicológicos adaptativos, a TDC refere que, sob determinadas circunstâncias, serão desencadeados processos na minha mente que

acabarão por fazer-me preferir “2” a “1”. A mudança da minha escolha deve-se a mecanismos causais ocultos da minha consciência (Festinger, 1957) e isso se produz na mesma ordem de preferências: acabei por adaptar-me de um modo automático, sem que se possa dizer que o tenha feito autonomamente, senão heteronomamente (isto é, forçado pelas circunstâncias exteriores e sem me aperceber de que fui determinado por elas). Neste caso, de busca de consistência interna, podem ocorrer efeitos colaterais perigosos para a minha saúde mental: sentimentos mais ou menos difusos de frustração, culpa, impotência, dúvida, pequenos ou grandes, segundo a importância que for dada a “1” (Fernandez & Fernandez, 2017).

A dissonância é especialmente dolorosa e angustiante quando ameaça um elemento importante do conceito que temos sobre nós mesmos, quando a informação que possuímos gera um conflito que põe em perigo a forma de nos vermos, ou quando questiona uma crença pessoal (religiosa, política, intelectual) que consideramos fundamental. Por exemplo: se nos consideramos boas pessoas, competentes, responsáveis e amáveis e de repente nos reportam a informação de que fizemos algo incompetente ou que talvez não seja ético ou pouco amável, o alívio a que recorreremos para reparar e conservar nossa autoestima é o “autoengano” (Fernandez & Fernandez, 2017).

No artigo intitulado “Memória, esquecimento, silêncio”, de Michael Pollak, estuda a relação de conflito e oposição entre a memória nacional (Pollak, 1989), a qual é a forma mais nítida da memória coletiva e as chamadas “memórias subterrâneas”, constituídas pelas lembranças de grupos que de alguma forma não se encaixam bem na comunidade e na memória nacional (Halbwachs, 2011). Pollak, conclui que determinadas condições culturais e históricas podem permitir ou mesmo provocar a emergência dessas memórias subterrâneas, levando a uma desestabilização da memória nacional, que tem que se recomodar a essas condições. Assim, por exemplo, comunica-se que é parte da cultura de uma organização o comportamento de assumir riscos em busca de inovação, mas, na prática, quando as pessoas erram na procura do novo, elas são punidas ou “rotuladas” de alguma forma. Isso é uma dissonância entre a narrativa, aquilo que é comunicado, e praticado no dia-a-dia.

Esse exemplo ajuda-nos a compreender alguns comportamentos que podem surgir a partir da situação reportada: punir por erros que são aceitáveis, atuar sob a perspectiva do comando e controlo, pelo medo de errar e afirmar que um comportamento é desejável quando, na prática, ele não é acolhido como parte do processo (Provedel, 2020).

O conceito de património pode ter uma infinidade de significados, pode até mesmo ser a produção cultural de uma determinada sociedade (Seligmann-Silva, 2000; Tunbridge & Ashworth, 1996). Todavia, esse conceito não corresponde nem ao passado nem à cultura: “*trata-se de um processo simbólico de legitimação social e cultural de determinados objectos que conferem a um grupo um sentimento coletivo de identidade*” (Seligmann-Silva, 2000, pp. 218-219).

Juntamente com a seleção de produtos a serem patrimonializados, pode ocorrer que o património existente não esteja conforme com os regimes atuais, ou seja, quando são dissonantes no contexto das normas (Logan & Reeves, 2009; Tunbridge & Ashworth, 1996).

O método é comum a todo o património, mas pode ser acentuado no património conectado a um passado em que os indivíduos se identificam como superiores, mas que continuam contrariando uma identidade atual positiva, ocasionando o património ligado ao *Dark Heritage* (Macdonald, 2010). Existe inúmeros lugares que remetem para períodos dolorosos: prisões, manicómios, locais de genocídio. São lugares que nos fazem ponderar e ao mesmo tempo trazem indignação pelas barbáries que ocorreram e as convicções que representavam (Logan & Reeves, 2009).

Existem muitos desafios para as sociedades em geral e para os agentes de património (Logan & Reeves, 2009). A análise sobre o património associado a um passado incómodo para grupos ou nações contribui para diferenciar ideias culturais e entrelaces sobre identidade e memória em diversos tempos. (Macdonald, 2010). Como exemplo, podemos citar o ocorrido na cidade de Nuremberg, conhecida pelo local do Congresso do Partido Nacional-Socialista (Reichsparteitagsgelände), em que foram removidos todos os seus aspetos históricos, pois ainda existia um grande receio da cidade se tornar alvo de peregrinações neonazistas. Sendo assim, foi aprovada a descaracterização dos edifícios no pós-guerra, até ao momento em que foi realizada uma nova intervenção e redefinição do edifício. Desta forma, a cidade acabou por criar o Centro de Documentação do Congresso do Partido Nacional-Socialista, que passou a funcionar como centro de documentação e educação sobre o Terceiro Reich e a exposição do terror, que ali foi vivenciado no passado.

Na maior parte das vezes, os indivíduos que habitam lugares ligados a passados de incómodo enfrentam dificuldades em aceitar a importância que esses representam (Logan & Reeves, 2009). Vários autores defendem a importância da interação da comunidade local para que haja um reconhecimento desses ambientes (Logan & Reeves, 2009).

Embora já existam outros estudos, ainda não é clara uma análise sobre o património dissonante que explore a relação com o turismo de morte e de sofrimento. Sendo assim, pretende-se compreender o conceito e a condição de património atribuída a locais que se enquadrem na categoria do *Dark Tourism* e do *Dark Heritage*, tendo por base a teoria do património dissonante (Tunbridge & Ashworth, 1996).

As conceções do património dissonante recordam a noção de dissonância cognitiva da Psicologia, argumentando que também o património pode possuir elementos que não são relativos entre si. Posteriormente, demonstraremos o conceito de *Dark Tourism*, aqui abordado como fenómeno complexo, o que engloba variados objetos e locais que, pelas suas características, proporcionam aos visitantes uma

relação com a morte e o sofrimento. Acreditamos que este tipo de turismo pode dar um contributo relevante para a interpretação reflexiva do património.

O património ligado à atrocidade pode provocar emoções intensas e ter ligações com as memórias que provocam mudanças profundas na identidade de grupos ou indivíduos (Tunbridge & Asworth, 1996). Na sociedade atual, o *Dark Tourism* vem delineando o seu campo de ação, estabelecendo a sua principal motivação na exploração de lugares que foram locais de tragédias, catástrofes e que, por isso, repassam um sentimento de sofrimento (Foley & Lennon, 2000). Utiliza-se a segmentação para agrupar pessoas com desejos e necessidades semelhantes, possibilitando a identificação do *Dark Tourism*. O mesmo provoca conflitos internos, devido a questionamentos por parte do ser humano, que possibilitam profundas reflexões, justificando, assim, o seu estudo. *Dark Tourism* é a viagem para um local motivado pelo encontro simbólico ou real com a morte (Seaton, 1996).

Os lugares de turismo assombrado são locais de memória que estimulam o sentido de ligação de um indivíduo ao seu passado (Nora, 1993). Rememorando lembranças sociais traumáticas, confrontando vida e morte, e demonstrando um tempo passado que fica ou que deve ficar como símbolo (Logan & Reeves, 2009). Assumem-se como distorção (Foucault, 2004), como espaços físicos e sociais onde a regularidade é interrompida e onde são pensados significados relacionados com o lugar, o que este representa, e o indivíduo que o visita (Stone, 2013).

3.3 A mercantilização e banalização do turismo

A indústria turística tende a criar diversos cenários que procuram representar tanto o tempo passado como o presente. Com o auxílio do *marketing*, esses cenários acabam por perderem as suas raízes originais (Urry, 2005). Esse fenómeno pode vir a ocasionar processos de banalizações desses lugares, tornando-os desprovidos de valor histórico. O espaço histórico-cultural é aproveitado pelo turista, mas na sua maioria é oferecido algo que de facto não representa a realidade, mas sim um conceito distorcido com meros objetivos de deleite da plateia (Delgado, 2006).

Como tal, o turismo é visto através de uma perspectiva comercial, em que os visitantes compram um *souvenir* da sua experiência turística na forma de recordações culturais (Morgan & Pritchard, 2005). Todavia, a mercantilização no turismo não é uma metodologia direta de produção e de consumo comercial. É um tecido de mercado multifacetado, para poder agregar “valor” ao que se vende, que, por sua vez, é valorizado em termos de custo, benefícios, oportunidades e experiências.

A “crítica da mercantilização” como uma interpelação de natureza comercial, inclui, mas não se limita ao turismo. Sem dúvida alguma, é necessário criar uma necessidade de consumo desses espaços,

mas existe uma preocupação muito grande em como conduzir esse processo, sem que seja agredido o contexto original já existente, tanto em relação a espaços como aos indivíduos que ali se inserem (Walsh & Giulianotti, 2006).

A mercantilização da viagem é desenvolvida em muitas ocasiões devido a razões económicas, na maior parte das vezes ligada à urbanização turística, visando a privatização do espaço público para fins turísticos. Dessa maneira, os moradores mais vulneráveis ficam expostos aos efeitos da especulação imobiliária e assim diminuem as suas horas associadas ao lazer. O local turístico é consequência da distribuição territorial dos atributos turísticos que são a matéria-prima do próprio turismo (Boullón, 2002). Este autor considera que as infraestruturas e os empreendimentos transformariam a matéria-prima em produto turístico.

Admite-se que a turistificação dos espaços como processo de urbanização, que é resultado da industrialização do turismo, pode gerar conflitos nos territórios, principalmente naqueles mais tradicionalistas, nos quais já exista um vínculo afetivo entre o indivíduo e os seus espaços de convívio. Por sua vez, essa insatisfação associada aos conflitos vem ganhando força em razão dos prejuízos sentidos por esse mercado. Uma das razões é o crescimento resultante dos serviços *on-line* especializados de menor qualidade e a baixo custo. Isso acarreta prejuízos aos moradores locais, pois ao se tornarem pontos turísticos, pressupõe um elevado custo para o próprio consumo, fazendo com que esses indivíduos optem por sair desses espaços. Como resultado, o comércio de proximidade ou tradicional é substituído por um outro especializado e igualitário a nível global, criado para responder à procura dos turistas e que, em alguns casos, reinventa tradições locais com uma linguagem globalizada que lhe retira a sua autenticidade e identidade original.

A massificação não resulta das preferências comerciais de um grupo, pois o investimento não se limita a responder aos desejos do consumidor, mas do interesse desse consumidor por lugares gentrificados que são criados na intenção de comercialização que depende das alternativas oferecidas aos interessados, sobretudo em vender este ambiente construído a partir do qual podem obter o maior lucro (Gotham, 2005).

Sendo assim, parece importante refletir sobre um difícil problema relacionado com a questão da preservação do património e da pluralidade cultural. A cultura e o património possuem uma relação profunda com a dimensão económica, e esta condição pode pôr em causa o direito de todos os envolvidos de uma comunidade que precisavam destes bens comuns. Deste modo, torna-se adequado ampliar a discussão em torno da produção capitalista do espaço urbano envolvido e das relações entre turismo de massas e gentrificação, com o objetivo de se encontrarem soluções que possam contribuir para a construção de locais mais inclusivos.

Quando nos referimos ao *Dark Tourism*, as questões relacionadas com a turistificação tornam-se ainda piores, pois pressupõe um tipo de turismo realizado em locais associados a tragédias, muitas vezes de difícil resolução no que concerne às consequências da mercantilização. Neste seguimento, apesar do principal atrativo desses produtos ser patrimonial, altamente emocional e de potencial comercial, é difícil interpretá-los (Shackley, 2001). Alguns colaboradores do segmento patrimonial apresentam versões geralmente estereotipadas e inadequadas da morte e do sofrimento humano (Hewison, 1987; Urry, 1995; Walsh, Bruce & Potter, 1992). *Auschwitz-Birkenau* é um exemplo de que factos reais e dolorosos podem ser deturpados pela indústria do turismo, que pode romantizar e distorcer atos obscuros do passado.

A produção de um passado sombrio e perturbador não é conduzida apenas pelos gostos dos consumidores, que são frequentemente influenciados pelos *medias* e por manobras de *marketing* em nome do fornecedor, mas também está sujeita a mudanças nos aspectos políticos mais amplos (Seaton, 1999). Entretanto, a “escuridão” dentro do produto turístico pode mudar à medida que eventos (como guerras, atos de terrorismo ou queda de um regime) acontecem e como novos arquivos de representação (filmes, novelas, memórias etc.) cedem significados morais aos locais de referência à morte (Rojek & Urry, 1997).

As pesquisas relativas ao *marketing* relacionadas com o *Dark Tourism* têm possibilidade de uma maior exploração (Bird, Westcott & Thiesen, 2018). Existe um lapso sobre como os organizadores de eventos desse tipo podem promover uma experiência que resulte na aprendizagem dos visitantes, respeitando a resposta de cada indivíduo ao conhecimento (Magee & Gilmore, 2015). Apesar de configurar um setor do turismo que explora a tragédia humana, os eventos assombrados carecem de ser massificados e comercializados, como outro serviço qualquer (Brown, McDonagh & Shultz 2012). Existem dificuldades em instituir uma relação harmoniosa entre a homenagem, o respeito e a comercialização. Desta forma, os destinos ligados ao *Dark Tourism* necessitam de técnicas de *marketing*, que envolvam métodos de venda, de maneira sensível, sem que ocorra uma banalização. Se tais estratégias não forem bem trabalhadas, podem trazer incómodo aos visitantes destes locais. No entanto, grande parte do debate concentra-se no *Dark Tourism* e na maneira pela qual a mercantilização pode modificar negativamente um local de morte por meio da alteração comercial (Bird, Westcott & Thiesen, 2018). Esse segmento de turismo é polissêmico e, conseqüentemente, a mercantilização pode diluí-lo ao retirar a sacralidade percebida ou a dignidade do falecido (Seaton, 2009).

A questão ética é um assunto que não pode ser menosprezado, podendo ser considerado controverso o facto de um destino assombrado promover-se e vender-se como atração turística (Sharpley & Stone, 2009).

Em suma, os indivíduos satisfazem-se com vivências simuladas intituladas como hiper-realidades, pois a realidade não é fácil. Existe, então, um interesse pelas ilusões e reproduções do que é verdadeiro (Carù & Cova, 2007).

3.3.1 A banalização através da comercialização dos *souvenirs*

Os lugares que estão associados ao *Dark Tourism*, em sua grande maioria, já se tornaram locais mercantilizados, muito especificamente direcionado aos *souvenirs* (Sharpley & Stone, 2009). Muitas vezes, esses produtos que são produzidos em massa destinados ao *Dark Tourism* acabam por não serem tão apreciados, por conta do excesso de extravagância. Esses *itens* podem ser vistos de uma forma sábia ou irônica, mas se deve ter um cuidado ao despir a natureza autêntica de um local (Potts, 2012).

Observa-se que esses objetos acabam por reforçar uma lembrança em aspectos desagradáveis da vida que são apagados ou romantizados (Sharpley & Stone 2009). Por outro lado, os aspectos da vida que retratam memórias de tristeza e melancolia, como o 11 de setembro de 2001 e sua turistificação através do Marco Zero, podem tornar esses objetos como que representam a sensação de perda (Stone, 2012).

O *souvenir* e sua comercialização continua a ser contestado (Potts, 2012). Em outras palavras, os *souvenirs* turísticos vendidos em lugares de destino *dark* se devem simplesmente por conta do mercado neoliberal, em que os consumidores esperam ver esses produtos padronizados, conseqüentemente, em busca de conforto na neutralização do evento emotivo. Em essência, produzir e consumir esses produtos é semelhante a “guardar” memórias trágicas e tornar lugares trágicos acessíveis para a mente. A ausência desses *itens* pode incomodar ou confundir os turistas, deixando-os sem meios para lidar com o trauma no local (Lugg, 2002).

O *Dark Tourism* deixa clara a nossa difícil herança existente através de lugares de dor. É aqui que a comercialização da memória trágica se justapõe às economias dos visitantes que comercializam nosso passado de tristeza. No entanto, em um mundo mercantil consumista, as definições entre “celebrar” os mortos trágicos e vender sua passagem são cada vez mais distorcidas e nebulosas (Stone, 2020).

As representações da tragédia frequentemente alteram ou se apropriam de algo para consumir, o que transforma a atrocidade em tristeza, esperança, solidariedade e homenagem, dependendo da visão deste consumidor, mas lembrando sempre que isso deve ser feito de forma (Stone, 2012).

3.4 Como a COVID-19 vem afetando os indivíduos e o setor turístico?

Por meio da invasão da natureza, os seres humanos passam a ter um contato direto com os animais, acarretando a proliferação de agentes infecciosos, que podem sofrer mudanças ao infetar outras espécies, incluindo a humana. Isso ocorre por vários fatores: o progresso e os interesses econômicos que destroem florestas tropicais; o crescimento populacional e urbano; o desenvolvimento do turismo, nomeadamente do ecoturismo; a caça sem leis; e os hábitos alimentares de certos povos, que incluem o consumo de animais selvagens (Esteves, 2020).

Assim sendo, podemos verificar através de pesquisas que, nas últimas décadas, a humanidade passou por três epidemias causadas pelo coronavírus (Esteves, 2020). A primeira, datando de 2002, a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), que teve a sua origem na China, causando cerca de 8 mil vítimas e que hoje se encontra extinta. Pensa-se que a infecção começou num mercado, porque alguns animais terão sido infetados por morcegos. Seguiu-se a epidemia de Síndrome Respiratória do Médio Oriente (MERS), a qual surgiu no Médio Oriente, em 2012, e que ainda permanece em atividade, mas menos intensa. Quanto ao último surto, de COVID-19, que surgiu de forma mais intensa em 2020, a sua análise necessita ainda de algum distanciamento que só o tempo poderá proporcionar para esclarecer algumas das incertezas que envolvem esta pandemia (Esteves, 2020).

Segundo os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), o surto da COVID-19 ou novo coronavírus SARS-CoV-2, teve início na cidade de Wuhan, província de Hubei na China, em dezembro de 2019. A doença atingiu praticamente todos os continentes e a sua história natural, ainda pouco conhecida, vem dificultando a elaboração de protocolos clínicos eficazes. No dia 11 de janeiro de 2020 a China registava oficialmente a primeira morte pelo novo vírus. Em finais daquele mês, foram contabilizados 7.834 casos confirmados e o SARS-CoV-2 já se tinha estendido a 18 países. Um mês depois, a 11 de março, quando a OMS reconheceu o estado de pandemia, existiam já 118.903 mil casos de infecção em 114 países. Apenas seis meses depois, a 11 de setembro, quando o número de infetados eram em torno de 28.2 milhões, dispersos por 196 países e territórios, a ONU aprovou uma resolução, que solicitava o fortalecimento da cooperação internacional para conter, abrandar e superar a pandemia (Martins & Rodrigues 2020).

A transmissão do COVID-19 é causada pelas partículas virais que ficam no ar quando pessoas contaminadas tosse, espirram ou falam, permanecendo em superfícies que são contaminadas ao serem tocadas. Essa contaminação pode demorar a aparecer, variando de dois a 14 dias, sendo os sintomas mais comuns: febre, tosse, coriza, dores de cabeça, dificuldade em respirar. Além de todos esses fatores de

risco, os assintomáticos acabam por tornar-se um grande problema, pois transmitem sem saberem que estão contaminados (Netto & Nascimento Corrêa, 2020).

Os impactes da doença, além dos efeitos epidemiológicos, atingem o espectro social e psicológico, além do espiritual, acarretando doenças tangenciais, como a depressão (Linhares & Enumo, 2020).

Em Portugal, a entrada do vírus causador da COVID-19 foi relativamente tardia, diferente de alguns países europeus, como Itália e Espanha. Em território português, o primeiro caso só foi confirmado a 2 de março (Martins & Rodrigues 2020).

No Brasil, o mapa da contaminação discrimina as populações mais carentes e as minorias étnicas. O jornal *El País* noticiava, em 30 de março de 2020, que entre os dez Estados com maior contágio pela COVID-19, oito tinham, nessa data, as maiores taxas de habitações precárias e que em cidades como Manaus, metade da população vivia em favelas, o que acabava por favorecer as condições para a contaminação da doença. Além disso, a suspensão das atividades baseadas na frágil economia quotidiana, resultante da quarentena, põe em causa a sua sobrevivência (Martins & Rodrigues 2020).

A pandemia da COVID-19 tem atingido o Brasil num cenário em que o desemprego é elevado, refletindo um empobrecimento das famílias e acarretando também consequências na transmissão da doença. Essa crise económica tem dificultado a implementação de medidas de controlo, ocasionando um grande volume de mortes, podendo ser comparado aos cenários de guerra (Dweck, *et al.*, 2020).

Ressaltamos a diferenciação entre os conceitos de distanciamento social, isolamento social e quarentena. O distanciamento refere-se ao esforço de diminuição dos contatos e aproximação física entre as pessoas, com o fim de diminuir a velocidade de contágio. O isolamento assume-se como uma forma de separar as pessoas já infetadas das assintomáticas, enquanto a quarentena é encarada como uma forma de mitigar a circulação de pessoas que possam ter sido expostas à doença. Portanto, o termo distanciamento social será utilizado na presente dissertação, por ser o que provavelmente mais se aplica às medidas a serem tomadas (Wilder-Smith & Freedman, 2020).

Nos estudos realizados sobre a população da China, primeiro país que adotou a quarentena e o isolamento social como medidas protetivas, observou-se que há possíveis consequências psicológicas do confinamento em massa. Os resultados mostraram um maior índice de ansiedade, de depressão, de uso abusivo de álcool e um menor bem-estar mental do que acontecia antes da pandemia (Ahmed, *et al.*, 2020).

De modo geral, os pacientes com confirmação ou suspeita da COVID-19 podem sentir um temor das consequências da contaminação – possivelmente mortal – e os que estão resguardados podem sentir tédio, solidão e raiva (Xiang, *et al.*, 2020).

Existem perdas económicas nos locais mais atingidos e uma crescente preocupação com as consequências práticas da pandemia (Zhang & Holmes, 2020). Por exemplo: o *stress* causado pelas perdas

financeiras é um risco psicossocial comum em momentos de pobreza e desemprego, ou seja, também afetam negativamente a saúde mental dos indivíduos (Frasquilho *et al.*, 2015).

O *stress* motivado pelo distanciamento social também pode levar a alterações imunológicas, com maior produção de substâncias inflamatórias, mesmo em pessoas que não foram infetadas. Os pesquisadores apontam medidas que podem amenizar os prejuízos para a saúde mental, como o estreitamento de laços por redes sociais, hábitos de sono e alimentação saudáveis, além do potencial da música para modular os níveis de citosinas inflamatórias e a resposta neuro-imune-endócrina ao *stress* (Maia & Dias, 2020). O coronavírus pode trazer sequelas psicopatológicas, porque a infeção pode atingir o sistema nervoso central ou, indiretamente, a resposta imunológica (Quezada & Quezada-Parker, 2020).

Apesar da atividade turística estar sujeita a inúmeras crises de diferentes amplitudes, que são na sua maioria das vezes geradas por desequilíbrios na economia, mudanças climáticas, conflitos armados e até mesmo por epidemias, os impactes nesses casos são grandes, pois o setor gera inúmeros empregos e rendimentos, afetando muitas organizações subordinadas às suas atividades o que aumenta a fragilidade dos destinos perante eventos extremos (Chagas, 2014).

Devido à pandemia, os setores de serviços tiveram uma redução sem precedentes desde a Segunda Guerra Mundial. Contudo, alguns países começam vagarosamente o processo de reabertura das suas economias, embora as empresas turísticas sejam vistas como uma das últimas a retornar as suas atividades normais.

Considerando todo este cenário, é necessário, num primeiro momento, verificar a atual realidade do setor como resultado da pandemia de COVID-19. Tal cataclisma é mais uma extensão de crises ambientais, que impõe à humanidade uma situação nova e, nesse cenário, o turismo pode ser apontado como tributário dos seus impactes, como também um setor económico vulnerável às crises mundiais, desde o setor doméstico até ao internacional. Os efeitos económicos da pandemia vivenciada em 2020 não têm antecedentes para o turismo (Gössling, Scott & Hall, 2020).

Foram avassaladoras as perdas para companhias aéreas, empresas hoteleiras, restaurantes, empresas de eventos e mesmo grandes centros de entretenimento, como os Parques da *Disney* (Tsionas, 2020). Estimativas da OMT (2020) aferem que os destinos internacionais de turistas e as suas receitas sofreram grande queda no ano de 2020. Restrições de viagens impuseram o decréscimo de 22% nas chegadas internacionais de turistas no primeiro trimestre, chegando a 57% no mês de março de 2020. Por seu turno, 45% dos países fecharam total ou parcial as fronteiras para turistas provocando a diminuição de 67 milhões de chegadas internacionais em comparação com o mesmo período de 2019. Adite-se ainda que 30% suspenderam total ou parcialmente os voos internacionais, acarretando 80 bilhões de dólares

perdidos em exportações e 18% implementaram o fechamento de fronteiras de maneira mais diferenciada, proibindo a entrada de turistas de países específicos (OMT, 2020).

Juntam-se as oscilações da taxa de câmbio (principalmente a subida do dólar), além dos riscos habituais, mas agora maiores, como convulsões sociais, instabilidade política e terrorismo. Os números do setor hoteleiro, das agências de viagem, de eventos, feiras e convenções, exposições e transportes, foram descapitalizados com um *gap* no tempo de recuperação que podem vir a contabilizar perdas durante aproximadamente uma década. Tudo isso deve, ao menos, nos levar a refletirmos sobre quais as consequências das ações predatórias que consomem os recursos do planeta de maneira voraz, principalmente nas últimas décadas.

Um mundo frágil, além disso, e que tratamos mal. Essa consciência ecológica, essa má consciência, é um fato radicalmente novo na história da humanidade. E ela é reduplicada pela tomada de consciência do fato que a distância entre os mais ricos dos ricos e os mais pobres dos pobres não cessa de aumentar tanto nos países desenvolvidos como nos países emergentes e subdesenvolvidos. Fato que está no coração de toda crise de dimensão social. Já que não existimos sem os outros, sem nós eles também desaparecem (Beni, 2020, p. 4).

As empresas do setor turístico enfrentam dificuldades específicas, como, por exemplo, a migração para o trabalho em casa e a organização de eventos remotos e a reestruturação de entregas de alimentação e outros bens de consumo. O encerramento em grande escala de pequenas e médias empresas pode alterar o ambiente de negócios incluindo o do setor turístico (Cruz, 2020).

Diante de tal cenário, ainda não dispomos de dados seguros para dimensionarmos o tamanho do problema, assim como os caminhos mais seguros e sustentáveis de correção e reinvenção, para retornarmos a fazer do mercado turístico algo sólido e empregador, mas a recuperação é necessária e o tempo nos dirá quais foram as estratégias e quais obtiveram sucesso ou fracassaram.

3.5 A destruição dos símbolos do passado e o turismo cemiterial

Outra questão que nos chama a atenção é a destruição de símbolos do passado, que perpetuam uma certa memória. A grande importância em preservar o património histórico da nação constitui, antes de tudo, uma missão educativa, pois o que se pretende com essa ação é levar ao conhecimento das gerações futuras o passado nacional com o objetivo de fortalecimento da identidade e do sentimento de pertencimento dos indivíduos.

Vivemos rodeados por símbolos, desde o aceno de mãos numa despedida, ao alfabeto que utilizamos para falar e escrever. Embora a literatura sobre o simbólico utilize diversas definições

reducionistas para a palavra “símbolo”, é certo que, ao explicarmos, sempre resta algo intraduzível, pois o símbolo aponta para algo que está ausente, representando-o, mas sem apreender todas as suas possibilidades. A redução ou especialização do sentido de um símbolo tem como consequência a degradação do significado, tornando-o uma insignificância alegórica (Cirlot, 1984).

A palavra “símbolo” (do grego *symbolon*) foi utilizada entre os gregos para se relatar às metades de uma tabuinha que o vetor e o visitante armazenavam, cada um a sua parte, propagada depois aos seus descendentes. As duas partes juntas (*sumballô*) atuavam para reconhecer os portadores e para provar as relações de aliança adquiridas no passado.

Quando dois amigos se separavam por um período longo, ou para sempre, partiam uma moeda, uma plaquinha de barro ou um anel. Se após anos alguém das famílias amigas retornasse, as partes unidas (symbálein = juntar, reunir) podiam confirmar que o portador de uma delas realmente fazia jus à hospitalidade (Lurker, Krauss & Barkow, 1997, p. 656).

Em última instância, é a herança cultural das gerações passadas que se lega à posteridade e isso nada mais é do que, em sentido mais amplo, promover a educação. Na medida em que alguns bens culturais são transformados em testemunhos da memória de uma nação, começam a ser protegidos por lei, criada especificamente para esta finalidade e divulgadas por meio de intuições públicas (Londres, 2007)

Não basta ensinar o iletrado a ler. É preciso dar-lhe contemporaneamente o elemento em que possa exercer a faculdade que adquiriu. Defender o nosso património histórico e artístico é alfabetização (Silva & Delgado, 2014).

Defendendo os “Lugares de Memória”, o historiador Pierre Nora chegou ao diagnóstico de uma “patrimonialização” da história da França, na medida em que a mudança de um regime de memória para outro nos fazia sair da “história-memória” para entrar numa “história-património” (Nora, 1993). Passando para o lado da memória, ele se torna memória da história e, como tal, símbolo de identidade. Memória, património, história, identidade, nação encontram-se reunidos na evidência do estilo direto do legislador. A curiosidade sobre os locais onde a memória permanece ligada totalmente a história, momento em que a consciência da cessação com o passado se confunde com o sentimento de uma memória destruída. Há locais de memória porque não há mais meios de memórias (Nora, 1993).

Nesta nova configuração, o património encontra-se ligado ao território e à memória, que operam um e outro como função da identidade. Trata-se menos de uma identidade evidente e segura, arriscando-se a se apagar ou já amplamente esquecida, reprimida. O património define menos o que se possui, o que se tem e refere-se mais ao que somos apresentando-se como um convite à recordação coletiva. Ao "dever"

da memória como a “ardente obrigação” do património, com as suas exigências de conservação e de reabilitação (Hartog, 2006).

A patrimonialização ou a musealização aproximam-se do presente, de modo que nenhuma obra de arquiteto vivo seria legalmente considerada como monumento histórico. Quanto mais o património crescia, mais enfraquecia o monumento histórico. Mas hoje, o privilégio da definição da história-memória nacional tem a concorrência ou é contestado em nome de memórias parciais. O Estado-nação não impõe mais os seus valores, mas preserva mais rápido o que, no presente, imediatamente, é tido como “património” pelos diversos atores sociais.

Com o passar dos tempos, passamos a enaltecer a importância de não deixar as memórias e o próprio património em si caírem em esquecimento. Por isso, pretendemos analisar o conceito de turismo cemiterial como instrumento poderoso de reafirmação da memória histórica.

O turismo cemiterial popularizou-se nos últimos anos, principalmente pela sua difusão na internet, despertando nos indivíduos o desejo de novas experiências, diferentes do turismo tradicional. Existe grande procura pela visita aos locais em que estão sepultadas personagens famosas ou locais de referência de catástrofes.

Supõe-se que o desejo pelo desconhecido é o que leva as pessoas a optarem por este tipo de turismo, motivadas por sentimentos diversos, tais como curiosidade, tristeza ou indignação, ou até mesmo, pela consciência de que são sítios históricos que devem ser respeitados. A grande parte dos indivíduos relaciona os cemitérios a tristeza e à morbidade, mas há um número crescente de pessoas para as quais estes são fonte de atração e interesse (Queiroz, 2005).

O turismo cemiterial consiste na movimentação dos indivíduos para fora do seu local habitual de residência, para visita a cemitérios que mostrem um acervo de estatuário e túmulos de personagens importantes da região entre outros anónimos, mas que na sua maioria faziam parte da aristocracia do lugar (Abranja, *et al.*, 2012).

O túmulo guarda os restos mortais dos indivíduos que edificaram o espaço urbano immortalizando a memória coletiva, denominando ruas, parques, bairros, escolas e até mesmo hospitais. Nos cemitérios não estão somente os seus corpos, mas a possibilidade de rememorar a sua história. Somos curiosos, insatisfeitos e angustiados em presenciar o túmulo como um vestígio do que foi de facto. De alguma forma, as pessoas compreendem o fim da sua existência, podendo ser lembrado e resgatado de alguma forma em memória (Carvalho, 2010).

A visita ao cemitério é responsável por desenvolver a lembrança, e tudo que é lembrado mantém-se vivo no meio social. Portanto, a memória mantém o morto vivo. Dessa forma, ir ao cemitério e lembrar-

se dos mortos como sendo seres vivos faz a vida ser comemorada, exaltando a ideia de continuidade (Thompson, 2014).

Alguns autores lembram-nos que na antiguidade os mortos eram sepultados dentro de igrejas, principalmente aqueles pertencentes à aristocracia. Mas os espaços foram-se tornando escassos e, por isso, foram sepultados ao redor das igrejas (Pina Cabral, *et. al.*, 1987).

No século XIX, os cemitérios assumiam uma grande importância para os arquitetos da época, e foi neste período que surgiram os grandes projetos nos cemitérios urbanos (Ariès, 1990).

O cemitério é um ponto turístico consolidado nos mais diferentes países do mundo. É nele que se repetem os elementos arquitetónicos presentes na cidade e onde se reproduz a ordem socioeconómica dos vivos. Além de distinção social, classe, dinheiro e família, também são vistas na estruturação do cemitério famílias inteiras enterradas no mesmo local (Herk, Arendzen & Rispen, 1998).

De facto, o potencial turístico de um cemitério não se avalia somente pelo que contém, mas também pela sua localização, pelo enquadramento urbano, asseio e, sobretudo, pela questão das dissonâncias no seu interior. Os cemitérios históricos e monumentais são como cidades em miniatura e possuem os seus centros históricos, frequentemente descaracterizados por obras mais recentes ou pela alteração da própria paisagem original. Ao contrário do que se passa no mundo anglo-saxónico, os cemitérios portugueses degradam-se muito pela renovação e não tanto pelo abandono (Queiroz, 2002).

Os visitantes de cemitérios, provavelmente, não têm um perfil definido, mas pressupõem que estejam à procura de novas sensações e atividades diferentes das convencionais. Um cemitério é um lugar cheio de simbolismos, sejam eles religiosos, artístico ou sociológicos.

O autor George Seaton, refere-se a esse tipo de turismo como *Thanatourism*, definindo-o como a viagem a um local total ou parcialmente motivado pelo desejo de encontro real ou simbólico com a morte. Philip Stone ainda propõem uma categorização em relação ao turismo sombrio, diferenciando-o pelo grau do ocorrido em cada ponto: *Dark resting places* (locais de descanso sombrios) e o “macabro romantizado”. Os cemitérios que mais atraem turistas são aqueles em que foram enterradas celebridades, como exemplo o *Père-Lachaise* em Paris (Stone, 2006).

Há autores que sugerem quatro categorias de atividades inseridas no turismo em locais relacionados com a morte (Seaton, 1996):

- Viagem para testemunhar representações públicas de morte;
- Viagem para visitar locais de morte (individual ou em massa) após o ocorrido;
- Viagem a locais onde se encontram evidências ou representações de morte;
- Viagem para visitar simulações de morte.

Enfim, os cemitérios transcendem os vivos, as suas memórias, traços de dores, amores, saudades e medos, materializando as representações com flores, velas, e evocando o passado no presente.

3.6 Memoriais: para além da lembrança através de homenagens às vítimas da COVID-19

A pandemia da COVID-19 fez emergir lembranças de outras epidemias. Os retornos desse passado, no presente, são dependentes do tempo atual, que aciona, pela experiência vivida, significativos de lembrança. Portanto, num fluxo em que presente e passado são construídos tendo em vista experiências traumáticas, a memória torna-se disruptiva. Há uma recomposição das lembranças necessárias para dar coerência aos percursos trilhados. Envolve, sempre, um trabalho de recordação emocional para compreender as experiências vivenciadas.

Existem indícios da constituição de memoriais para as vítimas da COVID-19. No 467º aniversário da cidade de São Paulo, região Sudeste do Brasil, no Parque do Carmo, foi projetado um espaço para reflexão e resiliência à pandemia e inaugurado um memorial em homenagem às vítimas da doença. O local, com o plantio de árvores nativas da Mata Atlântica, é uma escultura. A ideia é dar esperança aos frequentadores do parque, por isso o ipê branco foi o símbolo eleito para representar esse momento, dado o seu caráter resiliente, contemplativo e medicinal.

Até ao momento, foram plantadas 3.338 mudas no Parque Natural Municipal Fazenda do Carmo e outras 3.303 no Parque do Carmo, totalizando 6.641 árvores de espécies nativas: araquá, ipê-branco, jequitibá-branco, aroeira-pimenteira, pitanga, goiaba, jabuticaba, paneira, cereja-do-rio-grande, uvaia e jatobá.

A prefeitura recebeu a doação de uma escultura feita pelo programa Acolhimento de Vítimas, Análise e Resolução de Conflitos (AVARC), do Ministério Público de São Paulo, e pelo Projeto Higia Mente Saudável⁴. A obra foi idealizada pela promotora Celeste Leite dos Santos, pelo oficial do cartório de registro civil de Americana, Fátima Rinaldo, e teve contributos do promotor de justiça Sílvio António Marques. O monumento memorial (Figura 3) possui uma espécie de “cápsula do tempo”, em que as pessoas poderão deixar mensagens de condolência e contar as suas experiências no combate da epidemia. As mensagens serão codificadas e transformadas em cápsulas, que serão depositadas na base da obra, contando a história daqueles que se foram. As cápsulas serão lacradas na base do monumento memorial pelo período de cem anos, com o intuito de que se tenha uma memória fidedigna da pandemia para as futuras gerações.

⁴ Para mais informações *vide* <https://www.jornaljurid.com.br/apoiadores/projeto-higia-mente-mostra-como-os-efeitos-da-pandemia-impactam-emocional-juridico-e-espiritualmente-os-profissionais-de-linha-de-frente> Acedido em 01/05/21.

Figura 3 - Memorial em homenagem às vítimas da COVID-19 (Parque do Carmo – SP/BR)



Para mais informações *vide* <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,inaugurado-no-parque-do-carmo-memorial-homenageia-vitimas-do-novo-coronavirus,70003593160>. Acedido em 02/07/2021.

Criado para apoiar cidadãos e profissionais que atuam na linha de frente do combate à COVID-19, o projeto Hígia Mente Saudável é composto por representantes do Ministério Público de São Paulo, pelas Polícias Civil e Militar, além de médicos, enfermeiros, membros das forças internacionais da Paz, psicólogos, artistas plásticos, curadores de arte, organizações sociais e cidadãos voluntários com diversas áreas de especialização. O projeto oferece escuta ativa de problemas causados pelo novo coronavírus, com suporte emocional, jurídico e espiritual, e tenta dar esperança às famílias em situação de vulnerabilidade⁵.

Os memoriais e a memória cultural têm como objetivo principal a conservação das tradições, identidades e costumes de uma determinada sociedade, através de lembranças captadas por uma imagem, objeto, monumento e outros materiais que transmitam a trajetória de um povo. A memória cultural alimenta-se da tradição e da comunicação, englobando rupturas, conflitos, inovações, restaurações e revoluções. Os rituais pertencem ao campo da memória cultural, da mesma forma que símbolos, ícones, representações como memoriais ou templos. Formas que ultrapassam o horizonte da memória das coisas, ao costurarem os elos entre tempo, lembrança e identidade, trazendo assim um espaço de respeito a todos aqueles que de alguma forma tiveram as suas vidas perdidas e abaladas pela tragédia (Assmann, 2006).

3.7 Notas Conclusivas

Este capítulo serviu para abordar aspetos das memórias, perpassando pelo seu significado, e em especial as memórias dissonantes: sua representação na vida dos indivíduos; a comparação destas memórias com o trauma vivenciado pela atual pandemia da COVID-19; e como esta veio afetar os setores turísticos de todo o mundo. Foi referida a memória constituída, ao influenciar valores, consolidar atitudes e comportamentos e projetar a tragédia do passado no futuro.

⁵ Para mais informações *vide* <https://www.projeto higia.com.br/> Acedido em 01/05/21.

Sob o ponto de vista social, determinadas situações da realidade fogem ao controlo e representam sofrimento, tornando-se gatilhos que libertam algumas lembranças, e é neste aspeto que entram em cena as memórias dissonantes, as quais acabam por trazer sensações de pânico e de exaustão, acompanhadas de memórias sufocadas. Os indivíduos possuem uma inata necessidade de segurança e assim se distanciam de situações de memórias dissonantes que causam incómodo, como uma espécie de negação e autoproteção (Festinger, 1957).

A TDC permite-nos perceber estímulos para a mente obter ou inventar novos pensamentos ou crenças, sendo possível modificar as já pré-existentes, de forma a reduzir a quantidade de dissonância (conflito) entre as cognições que são causadas, tentando desta forma “suavizar” essas memórias, ou senti-las de uma maneira menos trágica.

O sociólogo Maurice Halbwachs trouxe uma importante contribuição, pois mostrou que o indivíduo é o responsável por ativar as memórias do próprio passado. Seu trabalho foi inovador, pois inseriu o fator social no estudo da memória, justificando a existência de uma relação íntima entre o individual e o coletivo (Halbwachs, 2011).

Nesta dissertação, utilizamos como referencial o conceito de património dissonante oriundo da teoria desenvolvida por Festinger, da dissonância cognitiva, demonstrando que os indivíduos necessitam de obter coerência entre as suas cognições, as suas crenças, opiniões, comportamentos, quando não são coerentes (Festinger, 1957). Este processo é comum a todo o património. Porém, pode ser agravado no património ligado a um passado, ou grupos, ou nações, com patrimónios ligados a atrocidades e desastres, como por exemplo, do Holocausto e de Chernobyl, fazendo com que nunca esqueçam esses episódios e tentem, de alguma maneira, impedir que voltem a ocorrer.

Atualmente, através das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), acessamos com facilidade a *sites* de *Dark Tourism*, que geralmente incorporam atrações que são consideradas e classificadas como patrimónios culturais. Os locais sombrios têm um significado cultural e histórico considerável e os estudos a respeito desses lugares devem beneficiar de teorias estabelecidas sobre o turismo de herança (Seaton, 1996).

Diante dos factos expostos, como poderemos enfrentar essas situações? A memória do passado, retornando ao presente é fundamental para recordar e entender como nos portamos diante de eventuais tragédias. A importância das memórias existentes para as suas comunidades pode ser uma importante estratégia, pois possuem fundamentação simbólica, representam a dor de uma perda e o reconhecimento desta perda. Através do conceito já discutido de *Dark Heritage*, entendemos a importância que essas memórias têm para as comunidades, ajudando-as a lidarem com a sua história através do reconhecimento, mesmo que este não apague o momento de dor e da perda.

Constatou-se que as memórias *post mortem* são reflexo da sociedade na qual os cemitérios estão inseridos, influenciando diretamente na localização destes, no material empregado nas suas construções e a sua simbologia, demonstrando claramente através do turismo cemiterial, qual o valor que os cemitérios possuem para os indivíduos e a sua importância desde a antiguidade. Embora a importância não esteja somente nos memoriais, eles nos ajudam a não esquecermos o que ocorreu naquele determinado lugar, para que não caia no esquecimento.

A história precisa demonstrar que todas as vidas importam. O passado como refúgio pode ser entendido como uma resistência. É através dele que podemos nos dar conta do que não devemos ou devemos fazer. As pessoas e a coletividade relacionam-se e devem adquirir, através da educação, consciência e aprendizagem para se preservarem e preservarem o próximo. O passado não volta, mas o presente está aí para que tenhamos as atitudes corretas para podemos desfrutar de um futuro que será difícil, mas que, com esforço, poderá voltar a ser próspero.

Capítulo IV: *Dark Tourism* pelo mundo e no Brasil

Este capítulo inicia-se com a clarificação das relações entre cultura, turismo e o turismo sombrio. Após isso, explicaremos detalhadamente cada uma das sete categorias do *Dark Tourism* criadas por Philip Stone, as quais são utilizadas no seguimento empírico deste trabalho. Trataremos da evolução do *Dark Tourism* pelo mundo e no Brasil e em seguida, é abordado o conceito deste turismo exemplificado a cada uma das categorias. Finalizámos o capítulo com as notas conclusivas.

4.1 Cultura, turismo e turismo sombrio

A criação da cultura é o resultado do modo como os diversos grupos humanos foram resolvendo os seus problemas e se desenvolvendo ao longo da história. O ser humano não só recebe a cultura dos seus antepassados, como também cria elementos que a renovam e modificam.

A cultura é um fator de humanização e com ele se deu o início da preservação do património tangível e intangível, os seus significados, as suas necessidades, como deveriam ser vistos e reconhecidos como arte, a sua importância em manter essa memória viva e as instituições-memórias (Pacico & Bastianello, 2014).

A relevância desta preservação adquiriu notoriedade em relação aos estudos destinados ao *Dark Heritage*. Os autores pioneiros citados nesta pesquisa, Malcolm Foley, John Lennon e Philip Stone, foram os que mais colaboraram para o seu percurso e desenvolvimento, contribuindo para a divulgação e percepção da relevância de tal tema, estimulando o surgimento de novas pesquisas (Jong 2014; Ribeiro, 2013).

Todos esses autores defendem, cada um com as devidas especificidades, que esse tipo de turismo é principalmente um fenómeno ocidental, baseado em visitas não propositadas e que acontece por mera curiosidade dos visitantes que se encontram nas proximidades do local. É relevante destacar que, mediante as respostas dos inquiridos no evento “Assombrações de Campinas”, as mesmas confirmaram tais teses (Jong 2014; Ribeiro, 2013).

Vivemos da lembrança dos que morreram de forma trágica. Num momento em que a pandemia do novo coronavírus está disseminada pelo globo, a morte apareceu como uma estatística assustadora nos endereços diários em todos as *medias*. Mesmo assim, a morte pode vir a assumir características que lhe dão um *status* também de mercadoria, podendo ser comprada e vivenciada por meio da indústria moderna do turismo (Walter, 2020).

Enquanto a profissionalização da morte e morrer são processos que lidam com o “óbito comum” (Walter, 2020) - isto é, a mortalidade das massas - o “outro significativo morto” inaugura um novo tipo de mentalidade de “morte espetacular” (Jacobsen, 2016). Por outras palavras, os mortos podem ser descritos como aqueles que perecem em circunstâncias brutais, acidentais ou calamitosas e que continuam a afetar os vivos, tornando essas mortes mercadorias de consumo (Stone, 2012).

Existem diversas variáveis que fazem com que os fluxos turísticos se modifiquem com rapidez. Atualmente, as tecnologias de comunicação, as relações sociais e a junção de ambas fazem com que as informações sejam compartilhadas cada vez mais rapidamente, gerando novos padrões ou mesmo estilos de vida, o que faz com que seja necessária uma atualização constante de informações (Dencker, 2015). Assim, para que as empresas possam estar preparadas para acompanhar as mudanças das exigências e desejos dessa procura, são realizadas pesquisas de tendências de comportamento, com o intuito de perceber novos sinais de modificação na sociedade e, assim, novos possíveis segmentos no mercado turístico, abrindo um leque de opções para o futuro. Essas tendências surgem das características de pequenos grupos e vão crescendo, espalhando-se e afirmando a sua influência (Dencker, 2015).

Essas mudanças fazem com que os setores turísticos se reinventem, deixando claras as mudanças percebidas nos costumes de consumo turístico e na criação de novas tendências de mercado, sobressaindo o turismo de experiência e o próprio *Dark Tourism*.

O turismo sombrio, com *visitas a locais onde dramas ou mortes ocorreram e que continuam a exercer impacto na vida dos indivíduos* (Tarlow, 2005, p. 48), busca compreender a história passada, para que não seja revivida e, quando representada de algum modo semelhante, provoque nos indivíduos o discernimento para realizar as melhores escolhas, pois, em algumas tragédias, encontramos fatores que podem auxiliar a prever e até mesmo anteceder alguns desastres ou até mesmo amenizar o ocorrido, como por exemplo, nas epidemias, a importância de medidas preventivas.

De facto, pesquisas sobre o tema indicam que o turista que procura lugares associados à morte e à dor é estimulado por motivos mais complexos, em que o turismo pode ser entendido como uma nova forma das pessoas se reconectarem com a própria questão existencial (Ribeiro, 2013).

4.2 *Dark Tourism* e suas categorias

Os locais ligados ao conceito do *Dark Tourism*, além dos factos sucedidos, estão envolvidos pelo simbolismo do sofrimento e morte. Muitas vezes utilizado como sinónimo de *Dark Tourism*, o *Thanatourism* é considerado uma forma extrema do turismo de sofrimento, que envolve a contemplação da morte na hora que ocorre.

Philip Stone propõe uma categorização em relação ao *Dark Tourism*, diferenciando-o pelo grau do ocorrido em cada ponto turístico e propõe sua divisão em sete categorias (Stone, 2006):

- a) *Dark Fun Factories* (Fábricas de Diversão Sombria) - nas quais predominam os locais que “não pesam” na sua proposta, sendo organizadas e criadas com o objetivo principal de serem turisticamente comerciáveis. Os locais dessa categoria possuem o intuito principal de entreter os visitantes;
- b) *Dark Exhibitions* (Exibições Sombrias) - algumas elaboradas com um objetivo comercial, mas todas refletindo educação e conhecimento;
- c) *Dark Dungeons* (Calabouços Sombrios) – sítios que possuem um elevado potencial comercial, por serem locais onde ocorreram factos históricos e representam uma certa época da cronologia humana;
- d) *Dark Resting Places* (Locais de Descanso Sombrios) - corresponde ao “macabro romantizado”. Possuem importância histórica por apresentarem arquiteturas principalmente góticas. É representado principalmente pelo modelo de turismo cemiterial, atraindo turistas devido ao enterro de celebridades;
- e) *Dark Shrines* (Santuários Sombrios) - na maioria das vezes são semipermanentes e atraem a curiosidade mórbida por ter ocorrido algum facto com esse aspeto. As pessoas geralmente os visitam para homenagear o facto ocorrido;
- f) *Dark Conflict Sites* (Áreas Sombrias de Conflito) - são associadas à educação, quase sempre guiadas por um texto, acompanhadas de atuação que remete de alguma forma para a história;
- g) *Dark Camps of Genocide* (Campos Sombrios de Genocídio) - ocupam sobretudo a parte mais obscura do espectro. São pontos de atração turística associados a extermínios em massa e a campos de concentração.

O termo *Fright Tourism* foi sugerido para definir o tipo de turismo praticado pelos interessados na procura de locais que possuem uma história assustadora, ou que são promovidos com finalidades macabras (Bristow & Newman, 2004). O *Fright Tourism* é menos realista, pois não se refere a locais que foram, de facto, palcos de tragédias. Nos Estados Unidos da América, em época de Halloween, por exemplo, é possível encontrar diversas atrações desse tipo.

Vale a pena ressaltar que o surgimento de *sites* a respeito dessa tipologia turística é um indicativo de que o turismo sombrio pode ser explorado dentro dos termos cultural e histórico, sem desrespeitar questões éticas e sociais, sendo uma forma de preservar a história, cultura e memória de um indivíduo e/ou grupo, pois promove a sensibilização, a consciencialização, a necessidade de preservação, além de ser um caminho de divulgação das características do lugar em que se insere.

4.3 O turismo *Dark* pelo mundo

O *Dark Tourism*, como já foi mencionado, é um segmento de turismo complexo, possuindo características culturais, educacionais e de interesse pessoal (Niemela, *et al.*, 2010). Esse turismo tem apresentado um grande desenvolvimento e com isso um elevado potencial. Existem destinos que são muito bem desenvolvidos e que conseguem manter a sua história e estrutura originais, sem serem descaracterizados, podendo usar como exemplo o complexo de *Auschwitz-Birkenau*. Esse crescimento também se encontra associado ao aumento de meios e motivações para viagens de lazer (Jahnke, Willani & Araújo, 2013).

Hoje existem inúmeras atrações em variados locais do globo que oferecem programas de turismo mórbido para diversos gostos e públicos. Citarei os mais conhecidos, categorizando-os conforme as indicações de Stone (2009).

4.3.1 Exemplos de *Dark Fun Factories* e de *Dark Exhibitions*

Como exemplo das *Dark Fun Factories* destaca-se o *London Dungeon*, um Teatro/Museu que oferece espetáculos com efeitos especiais e cenas de terror que procuram impactar os participantes. O calabouço (Figura 4) representa anos de história interpretados em sustos, passeios, personagens e labirintos. Seu sucesso foi tão grande que hoje existem espaços similares em várias localidades, como Amsterdão, Nova Iorque, Berlim, Backpool, Hamburgo e Edimburgo (Prezzi, 2009).

Na pós-modernidade, o espetáculo é o que dá sentido às massas, que se revelam cada vez mais fascinadas por ele (Ferreira, 2016).

Figura 4 – Calabouço de Londres



Para mais informações *vide* <https://www.alamy.es/imagenes/calabozo-de-londres.html> Acedido em 10/10/2021.

Como exemplo de *Dark Exhibitions*, temos o Museu do Genocídio *Toul Sleng*, no Camboja (Figura 5). Contém espaços e imagens de um dos regimes políticos mais violentos da contemporaneidade, tendo sido centro de prisão e tortura entre os anos de 1975 e 1979, durante o governo do Khmer Vermelho. Estima-se que dois milhões de pessoas morreram de fome e exaustão devido ao trabalho forçado ou simplesmente assassinadas, correspondendo a 25% da população do país (Miranda, 2013).

Figura 5 – Prisão do Camboja



Para mais informações *vide* <https://www.uol.com.br/conheca-a-prisao-do-camboja-de-onde-menos-de-20-pessoas-sairam-vivas.htm> Acedido em 13/11/2021.

4.3.2 Exemplos de *Dark Dungeons* e de *Dark Resting Places*

Alcatraz é a mais famosa prisão norte-americana e recebeu vários criminosos entre os anos de 1934 e 1963 (Figura 6). Classificada como uma prisão de segurança máxima, estava localizada numa ilha na Baía de São Francisco. Aqueles que tentaram fugir nunca mais foram avistados, suscitando a ideia de que se tenham afogado. A sua publicitação turística é realizada por *sites* e até mesmo como parte dos serviços de parques nacionais. Destacamos este sítio como exemplo de *Dark Dungeons*, pelo seu poder de demonstração da importância de passados silenciados e possibilidades para incentivar novos usos para este tipo de locais, de modo a resguardar os seus elementos materiais e imateriais (Pollak, 1989).

Figura 6 – Prisão de Alcatraz



Para mais informações *vide* <https://california.onegoviaja.com/quero-visitar/pontos-turisticos/ilha-de-alcatraz>. Acedido em 14/11/2021.

Relativamente aos *Dark Resting Places*, os cemitérios constituem um bom exemplo. Atraem romarias de visitantes interessados em conhecer túmulos de personalidades mundiais da literatura, das artes, da política, da história, como também para apreciar jazigos que podem ser vistos como verdadeiras obras de arte. Além da sua importância histórica, os cemitérios são ainda reconhecidos como locais onde se podem percorrer jardins arborizados, alamedas floridas e desfrutar de momentos de paz e de tranquilidade. Desta forma, os cemitérios podem ser considerados equipamentos não-específicos de lazer na classificação de Requixa, considerando essas instalações como construções que são feitas com outras funções que não a de lazer, mas que podem e “devem” ser aproveitadas no tempo livre (Requixa, 1980).

O cemitério de *Père-Lachaise* (Figura 7) é o maior de Paris e apresenta túmulos de várias figuras ilustres, o que é motivador para a visita de milhares de turistas anualmente. Além disso, há aqueles que procuram conhecer a sua arquitetura, dada a sua estrutura edificada em 1804. Um dos túmulos mais visitados e requisitados é o do cantor e compositor *Jim Morrison* (1943-1971). A sua morte misteriosa é motivo de peregrinação de milhares de fãs, que pretendem fotografar, filmar e observar de perto os famosos escritos na sua lápide: *Kata Ton Daimona Eaytoy* (Queime o seu demónio interior).

O turismo cemiterial e as suas representações adquirem um potencial turístico não apenas resultante das suas características, mas também pela sua localização, asseio e, sobretudo, pela questão das dissonâncias no seu interior. Os cemitérios históricos e monumentais são como cidades em miniatura, que trazem inúmeras lembranças (Queiroz, 2002).

Figura 7 – Cemitério do *Père-Lachaise* em Paris



Para mais informações vide <https://www.vounajanela.com/franca/cemiterio-do-pere-lachaise-paris/> Acedido em 14/11/2021.

4.3.3 Exemplos de *Dark Shrines* e de *Dark Conflicts Sites*

O memorial edificado após os atentados terroristas em 11 de setembro de 2001, que derrubou as Torres Gêmeas do *World Trade Center*, em Nova Iorque é, talvez, o mais importante exemplo de *Dark Shrine*. O episódio é considerado por muitos autores como o mais importante marco histórico do início do século XXI (Chomsky, 2002). Talvez não haja outro evento que tenha tido repercussões tão amplas e decisivas sobre a política mundial contemporânea, desde o colapso da União Soviética e o consequente fim da Guerra Fria, dez anos antes, em 1991.

Os atentados significaram um momento de inflexão tanto na história dos Estados Unidos quanto da própria ordem mundial (Booth & Dunne, 2002). Atualmente, no local atingido, encontram-se um Memorial e Museu em homenagem às vítimas do atentado, com intuito de não deixar que o facto seja esquecido. Foi inaugurado no aniversário de dez anos do episódio, recebendo desde então cerca de 4,5 milhões de pessoas (Figura 8).

Figura 8 – Marco Zero em Nova Iorque



Para mais informações *vide* <https://www.visitenovayork.com.br/marco-zero-em-nova-york/> Acedido em 15/11/2021 Acedido em 14/11/2021.

No que diz respeito aos *Dark Conflicts Sites*, o Campo de Batalha do *Somme* em França (Figura 9) foi palco de uma das maiores batalhas da Primeira Guerra Mundial, com mais de 1,2 milhões de vítimas (Keegan, 2014). O objetivo era romper as linhas de defesa alemãs ao longo de 19 quilómetros em torno do rio. Na contemporaneidade, os sinais dos conflitos ainda são evidentes: trincheiras, crateras de minas, vegetação devastada, além do Museu Histórico de *Peronne*.

Figura 9 – Campo de Batalha *Somme* em França



Para mais informações *vide* <https://efemeridesdoefemello.com/2016/11/18/termina-a-batalha-de-somme/>
Acedido em 17/11/2021.

4.3.4 Exemplos de *Dark Camps of Genocide*

O campo de concentração de *Auschwitz*, na Polónia, faz parte de um dos eventos de maior notoriedade do *Dark Tourism*, porque a sua memória remete para o Holocausto. Tornou-se num dos primeiros “atrativos” de turismo sombrio devido à sua adaptação para visitantes e é um dos mais lembrados, por se tratar de um local em que mais de 1,1 milhão de homens, mulheres e crianças foram executados (Prezzi, 2009), sendo um local de massacre e de sofrimento, estruturado para o turismo (Figura 10). A forma de *marketing* construída de maneira ética desperta o interesse de visita. O *site* encontra-se bem estruturado, dotado de informações recentes e dados das exposições em vigor, além dos horários e dos guias do Museu. O *Dark Tourism* traz consigo a ideia de que “erros” que provocaram desastres e mortes sejam refletidos.

Figura 10 – *Auschwitz-Birkenau* em Polónia



Para mais informações *vide* <https://www.getyourguide.pt/cracovia-l40/de-cracovia-tour-guiado-de-1-dia-em-auschwitz-birkenau-t78097/> Acedido em 21/11/2021.

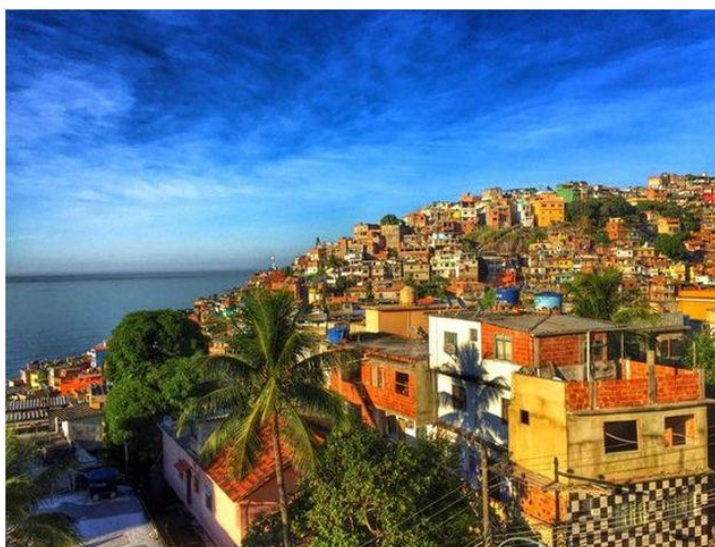
4.4 O turismo *Dark* no Brasil

No Brasil, a prática do *Dark Tourism* desenvolveu-se lentamente se comparada a outros países, em especial europeus e aos EUA (Monteiro, 2010), mas existem variados lugares e cidades que podem fazer parte deste segmento turístico. No Rio de Janeiro, por exemplo, encontramos visitas guiadas ao cemitério São João Batista, principalmente aos túmulos de Santos Dumont e Carmem Miranda (Neves, 2020). No Rio de Janeiro, também podem ser realizados *tours* em favelas, como na Rocinha, Morro da Babilônia, dos Prazeres, entre outros. Esse tipo de visita permite um empenho caridoso, motivado pelo sentimento de vivenciar uma experiência autêntica e, ao mesmo tempo, uma aventura pelo “risco”, dadas as condições precárias do espaço (Freire-Medeiros, 2007). Os turistas procuram experiências inusitadas, interativas, aventureiras e autênticas, em destinos cujo apelo reside na antítese daquilo que se convencionou tratar como turístico, categorizando as favelas como um destes cenários, que se opõem à realidade cotidiana do turista (Freire-Medeiros, 2007).

O Brasil foi o primeiro país usar as favelas como oferta turística, despertando o interesse do setor desde 1992 (Prezzi, 2009). O *Favela Tour*, destinado na sua maioria ao público estrangeiro, consiste num roteiro educativo que tem por finalidade expor a vivência da sociedade brasileira, podendo gerar para as comunidades uma nova perspectiva social e econômica. As particularidades do turismo nas favelas são semelhantes ao do *Dark Tourism*, tanto em relação ao seu formato como promoção, bem como seu retorno a população local (Prezzi, 2009).

Mediar uma conexão entre os turistas e o povo local acaba por ocasionar uma troca cultural, contribuindo para o seu enriquecimento através dessas experiências, uma prática turística que resulta em conhecimento dos locais, podendo aprender sobre a história “em tempo real” (Manhães & Locatelli, 2011). Por este motivo, as favelas não precisam transmitir necessariamente sentimentos de dor e morte diretamente. Os interesses pelas lendas cativam muitos turistas aos locais e alguns desses locais, dependendo do grau em que se encaixam na análise de Stone, são formatados para servirem de entretenimento e diversão no meio dos sustos, enquanto outros são para transmitir ideia de cultura e educação (Stone, 2006). Alguns desses atrativos ainda tentam despertar a solidariedade e a preocupação social, como o exemplo da favela do *Vidigal*, no Rio de Janeiro (Figura 11) (Prezzi, 2009).

Figura 11 – Favela do Vidigal no Rio de Janeiro



Para mais informações *vide* <https://rotadeferias.com.br/wp-content/uploads/2018/07/Vidigal.jpg> Acedido: 21/11/2021 Acedido em 22/11/2021.

Baseando-se nos conceitos aplicados anteriormente, podemos destacar alguns cenários brasileiros que se enquadram nos critérios que definem o Turismo Sombrio. Elencamos a nível nacional e estadual alguns desses cenários utilizados por (Stone, 2009). Os relatos a seguir são alguns exemplos escolhidos como parte do *Dark Heritage* brasileiro.

Iniciaremos com o caso do “Castelinho da Rua Apa”, uma famosa construção bastante peculiar, localizada no centro de São Paulo. Este imóvel foi erguido no ano de 1912, assemelhando-se aos castelos medievais franceses. Em maio de 1937, foi palco de um assassinato envolvendo Álvaro Reis, que matou o seu irmão e a sua mãe e que, em seguida, pôs termo à sua própria vida. Este rapaz foi encontrado com dois tiros de revólver no crânio, facto pouco comum em casos de suicídio. Na época, as investigações defenderam a tese de que existira uma quarta pessoa envolvida no crime, mas nada ficou comprovado. Até hoje, o “castelinho” é tido como mal-assombrado, envolvido em relatos de testemunhos de que se pode escutar nas proximidades sons de brigas, gritos e pedidos de socorro⁶.

Outro facto, também ocorrido na cidade de São Paulo, envolve o denominado bairro da “Liberdade”. Neste sítio encontramos a Capela dos Aflitos, construída no Cemitério dos Aflitos, local em que foram sepultados diversos criminosos, escravos doentes e indigentes. Muitos paulistanos alegam ter observado fenómenos inexplicáveis no local ou nas suas proximidades. Na atual Praça da Liberdade encontrava-se a forca da cidade de São Paulo, usada para inúmeras execuções, destacando-se a do soldado Francisco José das Chagas, o “Chaguinha”. Segundo relatos, durante o seu enforcamento, a corda rompeu-se duas vezes,

⁶ Para mais informações *vide* <https://infograficos.estadao.com.br/cidades/castelinho-da-rua-apa/o-crime> Acedido em 29/11/2021.

dando a sensação a quem assistia da ocorrência de um “milagre”. Posteriormente, foi construída no local a Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados e existem rumores de que se podem escutar ruídos estranhos nesse local⁷.

Na cidade de São Paulo, também encontramos o Edifício Martinelli, primeiro arranha-céus da América Latina, construído em 1929, com 26 andares, que é um local repleto de histórias, como por exemplo, os famosos assassinatos ocorridos em 1947 e 1960⁸.

4.4.1 *Dark Exhibitions* no Brasil

As exposições sombrias abordam de forma sistemática a relação obtida com o sentido do sofrimento e da morte. Na maioria dos casos, referem-se a museus que expõem peças de tortura, cadáveres e outros *itens*, de cunho educativo e informativo, potencializando a aprendizagem, como é o caso do Museu da Resistência (MRSP), em São Paulo (Figura 12). Durante o período da Ditadura Militar (1964-1985), muitas pessoas foram presas, torturadas e mortas no local. Atualmente ainda existem famílias sem notícias dos seus entes, nem acesso à informação se eles foram mortos e os respectivos paradeiros. O objetivo do museu é preservar a memória permanente desse período de repressão política, num edifício que foi sede do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DOPS) de São Paulo.

O museu foi criado em 2009, sendo o primeiro espaço de celebração da memória do gênero no país. No Brasil há um número restrito de iniciativas que promovem a construção da memória, onde o discurso do esquecimento é recíproco (Almeida, 2014).

Figura 12 – Memorial da resistência em São Paulo



Para mais informações *vide* <https://www.conexaolusofona.org/wp-content/uploads/2019/05/memorial-da-resistencia-brasil.jpg> Acedido em 25/11/2021.

⁷ Para mais informações *vide* <https://www.archdaily.com.br/br/948368/o-cemiterio-dos-aflitos-e-outros-territorios-negros-da-cidade-de-sao-paulo> Acedido em 29/11/2021.

⁸ Para mais informações *vide* <http://www.prediomartinelli.com.br/historia/> Acedido em 29/11/2021.

4.4.2 *Dark Dungeons no Brasil*

Os espaços de prisão tiveram uma função díspar da atividade turística. Contudo, com o passar do tempo, foram abandonados ou trocados por presídios modernos. Muitos passaram a ser visitados, seja pela arquitetura, história ou mera curiosidade. A casa de Câmara e Cadeia na Lapa, Estado do Paraná, enquadra-se neste aspeto (Figura 13). Atual Museu de Armas, a antiga cadeia da Lapa foi a primeira prisão da cidade, construída no século XIX. Este sítio atrai a atenção pela sua arquitetura, pelas suas histórias e pelo acervo bélico. Tombada pelo IPHAN, assume-se como um marco histórico reiteradamente lembrado e sacralizado pela narrativa preservacionista dos patrimónios tombados da Lapa, que contam histórias dos seus heróis republicanos, da luta e do combate vivido por vinte e seis dias memoráveis de resistência (Carneiro, 1934). A construção de uma identidade paranaense remete para a memória de um grupo, de uma classe dominante (Oliveira, 2001).

Figura 13 – Casa da Lapa - Cadeia



Para mais informações *vide* <http://www.ipatrimonio.org/lapa-casa-de-camara-e-cadeia/#!/map=38329&loc>
Acedido em 25/11/2021.

4.4.3 *Dark Resting Places no Brasil*

Quando ocorre o falecimento, tradicionalmente os restos mortais são sepultados ou cremados, segundo a tradição cultural do falecido.

Os cemitérios e túmulos de personalidades recebem destaque muitas vezes pela sua arquitetura e história, atraindo visitantes. Há casos em que os túmulos refletem expressamente o desejo de alguém que aspira, depois da morte, ser lembrado pelas suas ações e realizações, convertido em síntese edificadora de memória e de reconhecimento coletivo (Motta, 2009). Como exemplo, cito o Cemitério do Morumbi no município de São Paulo (Figura 14).

Figura 14 – Cemitério do Morumbi em São Paulo



Para mais informações *vide* <http://www.webnewssul.com.br/noticia/3330-lembrancas-e-saudade:-tumulo-de-ayrton-senna-recebe-homenagens.html> (Foto: David Abramvezt) Acedido em 30/11/2021.

4.4.4 *Dark Shrines* no Brasil

As mortes trágicas também podem ser evocadas por meio de edificações. Chacinas e catástrofes são memoradas nos locais dos eventos ocorridos, como por exemplo, o Memorial Capela de Luz na cidade de Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul. A tragédia, que ocorreu em janeiro de 2013, foi causada por um incêndio numa casa noturna - *Boate Kiss* - provocando a morte de 242 jovens. O fogo derivou de uma inflamação generalizada da combustão dos materiais presentes (Berto & Tomina, 1988). O local transformou-se em ponto de peregrinação, não só de familiares, mas também um atrativo para pessoas de outras cidades.

Figura 15 – Boate *Kiss* após o incêndio em Santa Catarina



Para mais informações *vide* <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2018/01/memorial-em-homenagem-as-vitimas-do-incendio-da-kiss-tem-custo-estimado-de-r-3-milhoes-cjcxl720a04su01kepl8256yb.html> Acedido em 30/11/2021.

4.4.5 *Dark Conflict Sites* no Brasil

Determinados conflitos estenderam-se e tornaram-se verdadeiras guerras, ocasionando mortes e destruição. No Estado do Paraná, podemos destacar a Revolução Tenentista, ocorrida no município de Catanduvas.

Catanduvas e a região do oeste do Estado foram palco da batalha em nome do movimento tenentista, ponto de encontro com outros grupos, para que a Coluna Miguel-Prestes seguisse até ao Nordeste. Em julho de 2013, foi inaugurado o Memorial em homenagem à Revolução de 1924. Conforme o *blog* “Revolução Brasileira de 1924”, o projeto do Memorial da Revolução de 1924 contempla também a revitalização de dois cemitérios que distam cinco quilômetros da cidade (Figura 16). Nesses cemitérios estão enterrados cerca de quarenta soldados. Essa revolução é apontada pelos historiadores como a “batalha esquecida”, devido aos poucos estudos sobre a maior guerra civil brasileira e da América Latina, restringindo-se os relatos a apenas factos isolados, relegando para o esquecimento as derrotas e as perdas humanas (Fraga, *et al.*, 2020).

Figura 16 – Memorial da Revolução Tenentista



Para mais informações *vide* <https://www.tribunasc.com/distincao/2020/05/23/catanduvas-fez-parte-do-fim-da-revolucao-de-1924/> Acedido em 27/11/2021.

4.4.6 *Dark camps of genocide* no Brasil

Os Campos de Genocídio são marcados pela atrocidade com que a vida humana é tratada. Geralmente ceifam muitas vidas, causando muitas vezes repugnância. Podem ser diretamente ocasionados pela ação humana ou resultarem de catástrofes. Nesse caso, a tragédia de Santa Maria poderia ser incluída,

assim como a tragédia da queda do avião que levou à morte dos seus tripulantes e da cantora que ficou conhecida como a Rainha da Sofrência no Brasil, originando peregrinações no local.

As catástrofes podem provocar a atuação de agentes públicos e legislativos, como é o caso da criação da Lei “Marília Mendonça”, que procura evitar colisões de aeronaves com o sistema elétrico do país. A Comissão de Infraestrutura do Senado aprovou, por unanimidade, a Projeto de Lei nº 4.009 de 30 de novembro de 2021, que prevê a implantação de alertas obrigatórios em torres de energia para evitar acidentes aéreos, como o que aconteceu com o avião que transportava a cantora⁹. A aeronave colidiu com cabos elétricos antes de cair em Piedade de Caratinga (MG), no dia cinco de novembro de 2021. Se não houver recurso para votação em Plenário, o texto seguirá para análise da Câmara dos Deputados. A lei pretende obrigar as concessionárias a pintar as torres de energia e instalar esferas coloridas para ajudar os pilotos a identificar as linhas aéreas de transmissão de energia elétrica. Atualmente, já existe uma legislação que exige a implementação dessas esferas, mas apenas a uma determinada distância.

4.4.7 Museu da Loucura

Localizado em Barbacena, Minas Gerais, o Museu da Loucura (Figura 17) foi inaugurado em 1996, abrigando nas suas dependências o Hospital Psiquiátrico, que, até ao final da década de 1970, tinha por base o tratamento mental dos internos por eletrochoques (Godoy, 2015). Depois das muitas campanhas e mobilização da sociedade civil, mudanças nas políticas de tratamento ocorreram e hoje o hospital é referência no tratamento mental. A inauguração do Museu da Loucura, significou também a instauração de um arquivo novo, no qual estão guardados documentos relacionados com a cidade de Barbacena (Godoy, 2015).

As exposições contam com os aparelhos de choque, fotos dos pacientes e diversas mensagens. O local protagonizou inúmeras denúncias de maus-tratos, inclusive de comércio de cadáveres. Daniela Abex, no seu livro *Holocausto Brasileiro*, considerou a história que envolve o hospital como um genocídio com cerca de sessenta mil mortes. Os visitantes provêm de todos os pontos do Brasil e também do exterior. O Museu tem uma média de setecentos visitantes por mês e desde a sua criação, mais de 93 mil pessoas estiveram no local (Godoy, 2015).

⁹ Para mais informações *vide* <https://noticias.r7.com/brasil/lei-marilia-mendonca-e-aprovada-em-comissao-no-senado-01122021> Acedido em 20/11/2021.

Figura 17 – Museu da Loucura em Barbacena



Para mais informações *vide* <http://www.fhemig.mg.gov.br/noticias/2111-museu-da-loucura-reabrira-no-proximo-domingo-18> Acedido em 25/11/2021.

4.5 Notas conclusivas

Este capítulo tratou de abordar sobre as sete categorizações definidas por Philip Stone, sendo elas *Dark Fun Factories*, que são as famosas “fabricas de diversões sombrias”; *Dark Exhibitions*, as “exibições assombradas”; *Dark Dungeons*, “os calabouços sombrios”; *Dark Resting Places*, “locais de descanso sombrio”; *Dark Shrines*, “santuários assombrados”; *Dark Conflict Sites*, “áreas sombrias de conflitos”; e, por fim, *Dark Camps of Genocide*, “campos sombrios de genocídio”. A partir de exemplos de sítios no mundo e no Brasil, buscamos exemplificar tais categorias e promover reflexões sobre o *Dark Tourism* como fenômeno cultural e turístico.

Capítulo V: *Dark Tourism* a partir de estudo de caso acerca da cidade de Campinas

Neste capítulo abordamos um dos principais objetivos definidos para esta dissertação, ou seja, a análise e avaliação do evento intitulado “Assombrações de Campinas”, realizado neste município. Para tal, foram analisados os resultados do evento, de acordo com a perspectiva dos seus cinco organizadores e do DTC do município.

5.1 Características históricas da cidade de Campinas

A cidade de Campinas tem pouco mais de duzentos e sessenta anos de história e milhares de anos de história indígena. Nos marcos de sua formação colonial, surgiu na primeira metade do século XVIII como um bairro rural da Vila de Jundiá (Teixeira, 2002). Localizado nas margens de um trilho aberto por paulistas do Planalto de Piratininga entre 1721 e 1730, que seguia em direção às recém-descobertas minas dos Goias, o povoamento do “Bairro Rural do Mato Grosso” teve início com a instalação de um pouso de tropeiros nas proximidades da “Estrada dos Goias” (Sousa Coelho, 2014).

O pouso das “Campinas do Mato Grosso” erguido em pequenos descampados ou “campinhos” numa região de mata fechada, impulsionou o desenvolvimento de várias atividades de abastecimento e promoveu uma maior concentração populacional (Lapa, 1976). Em 1774, a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiá – que à época correspondia a grande parte da área da atual Região Metropolitana de Campinas (RMC) – foi emancipada do município de Jundiá. Neste ano, segundo as Listas Nominativas de Habitantes de Campinas, havia 475 habitantes distribuídos por 57 domicílios. Destes, 81,7% correspondia a população livre ou de agregados. Os escravos consistiam em apenas 18,3% da população (Teixeira, 2002).

Os cafezais nasceram no interior das fazendas de cana, impulsionando em pouco tempo um novo ciclo de desenvolvimento da cidade. A partir da economia cafeeira, Campinas passou a concentrar um grande contingente de trabalhadores escravos e livres, de diferentes procedências, empregados em plantações e em atividades produtivas rurais e urbanas. Neste período, a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiá tornou-se, em 1797, a Vila de São Carlos e, em 1842, o nome de origem da região foi resgatado, da vila à Cidade de Campinas (Sousa Coelho, 2013).

Na segunda metade do século XVIII, a cidade começava a experimentar um intenso percurso de modernização dos seus meios de transporte, de produção e de vida, permanecendo vivos até hoje na memória da cidade aspectos diversos destas transformações. Mas não podemos deixar de enfatizar que o município de Campinas ficou muito marcado pelos trabalhadores escravos, que trabalhavam em inúmeras

fazendas existentes por lá¹⁰. Com a crise da economia cafeeira a partir da década de 1930, a cidade agrária de Campinas assumiu uma fisionomia mais industrial e de serviços (Sousa Coelho, 2014). No mesmo percurso, passou a concentrar uma população mais significativa, constituída por migrantes e imigrantes procedentes das mais diversas regiões do Estado, do país e do mundo, e que chegavam atraídos pela instalação de um novo parque produtivo composto por fábricas, agroindústrias e estabelecimentos diversos.

Entre as décadas de 1930 e de 1960, houve o desmembramento da cidade, com a emancipação do Distrito Campos Sales (em 1934 originou-se a cidade de Cosmópolis), Distrito de Rebouças (que originou Sumaré em 1953) e mais a frente em 1991 houve a emancipação de Hortolândia, em 1954 de Valinhos e em 1964 foi a vez de Paulínia (Sousa Coelho, 2013). Além da cidade ter experimentado novos momentos históricos, marcado pela migração e pela multiplicação de bairros nas proximidades das fábricas, dos estabelecimentos e das grandes rodovias em implantação – Via Anhanguera (1948), Rodovia Bandeirantes (1979) e Rodovia Santos Dumont (década de 1980).

Na atualidade a cidade possui, 1120 bairros sendo formada por cinco regiões distintas, que são denominadas como: Leste, Sul, Norte, Sudoeste e Noroeste. Na região Leste está concentrado o maior número de equipamentos de esporte e lazer. Totalizando 292 bairros, ou seja, 25% do total, e dentre estes são bairros tradicionais, como Centro, Cambuí, Jardim Guanabara, Parque Taquaral, Parque das Universidades e Vila Brandina, e os Distritos de Sosas e Joaquim Egídio. Nesta região situam-se: 15 patrimónios tombados pelos órgãos responsáveis Conselho de Defesa do Património Cultural de Campinas (CONDEPACC) e o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT), 11 museus, 7 largos, 6 bosques, 6 monumentos, 5 praças de esporte, 5 casas de cultura, 4 bibliotecas, 4 solares, 3 parques, 3 capelas, 3 feiras de arte e artesanato, 2 fazendas, um ginásio, uma Área de Proteção Ambiental, um observatório, um arquivo, um Centro de Convivência, uma galeria de arte, um mercado municipal, um teatro infantil e um teatro adulto. Ao todo são noventa espaços e equipamentos de lazer e esporte, ou seja, 60% do total levantado na cidade, sendo assim, com uma vasta concentradora de recursos (Marcellino, 2010b).

5.2 O município de Campinas e características sociodemográficas

Inicia-se este *item* com um breve enquadramento da região metropolitana de Campinas, que se localiza no Sudeste do Brasil. Foi constituída no ano 2000 e é pertencente a vinte municípios, sendo eles: Americana, Artur Nogueira, Campinas, Cosmópolis, Engenheiro Coelho, Holambra, Hortolândia, Indaiatuba,

¹⁰ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Para mais informações *vide* <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/campinas/historico> Acedido em 29/11/2021.

Itatiba, Jaguariúna, Monte Mor, Morungaba, Nova Odessa, Paulínia, Pedreira, Santa Bárbara d'Oeste, Santo Antônio de Posse, Sumaré, Valinhos e Vinhedo. Assume-se como a segunda maior região do Estado de São Paulo em população, com mais de 3,1 milhões de habitantes, de acordo com estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para 2017. Gerou 8,92% do PIB estadual em 2015 (Figura 18). Ultimamente, a região vem ocupando uma considerável posição econômica no país. A RMC é composta por um parque industrial, de diversos segmentos. Detém uma grande estrutura agrícola e agroindustrial. Salienta-se, pela existência de centros no campo das pesquisas científica e tecnológica, bem como do Aeroporto de Viracopos, localizado no município de Campinas, o segundo maior do país em transporte de carga. Em 2015, foi a maior porta de entrada de mercadorias importadas¹¹.

Figura 18: Municípios da região metropolitana de Campinas



Fonte: <https://saude.campinas.sp.gov.br/seplan/rmc/rmcperf.htm> Acedido em 20/01/2022.

A cidade de Campinas, na atualidade tem uma área territorial de 794,571 km² (IBGE, 2020), com uma população estimada em 1.223.237 pessoas (IBGE, 2021), densidade populacional de 1.359,60 hab./km² e um nível de instrução entre 6 e 14 anos (96 %) (IBGE, 2010).

Conta com um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,805 (IBGE, 2010) e PIB *per capita* de 54.710,07 segundo os índices do IBGE (2019).

¹¹ Para mais informações *vide* https://rmc.pdui.sp.gov.br/?page_id=127 Acedido em 05/01/2022.

5.3 Oferta turística no município de Campinas

Reconstituindo brevemente a história do turismo campineiro, jamais poderíamos dissociar o papel dessa cidade do Estado de São Paulo como um dos grandes centros cafeeiros do país, elemento importante do patrimônio cultural brasileiro, especialmente da região Sudeste. Campinas foi a porta de entrada do café, a primeira cidade a cultivá-lo com base nos novos moldes de exploração, usando inclusive mão de obra assalariada (Rufino, 2006). Atualmente, as fazendas cafeeiras não possuem as mesmas características daquela época, em que o café era a sua principal fonte de expansão e rendimento. Os casarões e as construções de grandiosos conjuntos arquitetônicos deram lugar a plantações, em alguns casos, com considerável aporte tecnológico de maquinaria, exercendo grande parte das atividades e das funções até então realizadas pelo trabalho braçal, seja escravo ou assalariado (Barbosa & Ferrão, 2020).

Dito isso, é notável como as antigas fazendas de café, que já foram importantes símbolos da pujança campineira, foram reapropriadas por outras atividades, como por exemplo o turismo, e ganharam novos significados, preservando parte da sua história e parte das suas características enquanto área produtora de café.

A cidade contava com 278 propriedades produtoras de café e gerava emprego para cerca de 25 mil trabalhadores. A produção cafeeira em Campinas foi tão elevada e importante que se criou uma estrutura de ciência e tecnologia direcionada para a melhoria da produção. Trata-se do Instituto Agronômico de Campinas (IAC), criado através da Lei Orçamentária nº 3.314 de 16 de outubro de 1886, no fim do período imperial (Barborsa & Ferrão, 2020).

Nos anos de 1950, Campinas experimentou um vertiginoso crescimento urbano que contribuiu para a promoção da abertura de novas áreas, produzindo uma via urbana com grandes espaços livres e ocupações fracionadas. Quarenta anos mais tarde, este crescimento acelerou-se em direção às periferias, mantendo-se a dinâmica da incorporação de novos loteamentos, gerando como consequência uma urbanização desconexa e permeada por vazios, sujeita, por vezes, à ocupação, por parte daqueles que procuram áreas para moradia (Martins, 2011). Mesmo assim, Campinas continuou sendo um importante ponto estratégico do oeste paulista, devido à sua proximidade com São Paulo (Capital), do Porto de Santos e através de vias de ligação com outras capitais de outros Estados, por um eficiente sistema rodoviário (Martins, 2011).

O município de Campinas, assim como a sua RMC, possui diversos atrativos turísticos, embora esteja direcionado para os negócios, dividindo-se nas seguintes categorias: atrações naturais, culturais e desportivas.

As atrações naturais englobam uma variedade de bosques, além do Parque Ecológico, Parque Linear Ribeirão das Cabras, Lago do Café, Pedreira do Chapadão e um dos mais conhecidos, a Lagoa do Taquaral, inclusive com uma réplica da caravela que trouxe Pedro Álvares Cabral, em 1500, para a futura Terra de Vera Cruz (Marcellino, 2010a).

Algumas das atrações culturais são os patrimônios históricos e ambientais, bens tombados pelo CONDEPACC, assim como alguns casarões como o Solar do Visconde de Indaiatuba e o Barão de Itatiba. A Catedral Metropolitana e outras igrejas também não podem ser olvidadas.

As atrações desportivas incluem o Balneário Parque Portugal, o Ginásio do Taquaral, o Centro de Vivência dos Idosos, o Kartódromo Afrânio Ferreira Júnior e vários centros desportivos¹². Campinas também conta com o segmento do turismo religioso, muito intenso devido, por exemplo, ao Santuário da Nossa Senhora Desatadora dos Nós e à Catedral Metropolitana da Nossa Senhora da Conceição, as quais ficaram fechadas e só foram reabertas quando uma grande parte da população já se encontrava imunizada (ano de 2021), mesmo assim sob rígidos protocolos sanitários, como a obrigatoriedade do uso de máscara.

O setor gastronômico, que também é preponderante na cidade, conta com muitos bares e restaurantes tradicionais, muitos deles centenários. Campinas está muito próxima de outros sítios, inclusive da capital do Estado, a cosmopolita cidade de São Paulo, o que favorece a passagem de pessoas que se deslocam em busca de roteiros de entretenimento diferentes dos habituais.

Em março de 2020 iniciaram-se os cancelamentos pelos turistas, principalmente nas cidades brasileiras mais procuradas (Mecca & Gedoz, 2020). A Prefeitura Municipal de Campinas (PMC), junto da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Social e de Turismo (SDEST), lançou no dia 29 de junho de 2021, o programa no *website Conheça Campinas*, com informações sobre os atrativos da cidade, opções de hospedagem, dicas de gastronomia e roteiros diversificados. O objetivo é incentivar a retoma das atividades do turismo citadino após o fim da quarentena. A construção do *website* e a elaboração do conteúdo têm sido coordenadas pelo Departamento de Turismo da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Social e de Turismo, conforme destacou o DTC: *O Turismo é um dos segmentos mais afetados pela pandemia da COVID-19. O novo site será um aliado para a retoma da economia do setor, tendo como proposta divulgar e valorizar os estabelecimentos da cadeia produtiva do Turismo.*

Na plataforma *Conheça Campinas*, o usuário pode encontrar a localização de ofertas turísticas, divididas em oito categorias: bares; alimentação; comércio; eventos e negócios; hospedagem; lazer e entretenimento; patrimônio histórico e utilidade pública. O Guia também possui

¹² Para mais informações *vide* <https://www.campinas.sp.gov.br/sobre-campinas/informacoes-turisticas.php> Acedido em 16/05/2021.

informações sobre atrativos regionais de cidades que compõem ou são próximas à Região Metropolitana de Campinas.

Ainda sobre a elaboração desses conteúdos o DTC acrescentou o seguinte.

Esse programa parte do princípio de reconhecer melhor o nosso território. O programa Conheça Campinas traz conteúdos didáticos, estimulando o pessoal a conhecer a cidade, com conteúdos para guias de turismo que têm como objetivo a consolidação dos roteiros da cidade, contendo atributos culturais, ecológicos e a partir daí montamos propostas de roteiros para convidar as pessoas a sair pela cidade e também para atender o mercado (Diretor de Turismo e Cultura).

O DTC enfatizou que além desse projeto de circulação turística, existe também um calendário de eventos.

Em termos de atividades de planejamento, temos postos de informação turística e todo um trabalho na área de sistema de informação turística. São vários projetos na cidade que têm como finalidade apresentar a cidade de uma forma diversificada e diferenciada (Diretor de Turismo e Cultura).

O turismo e o lazer podem ser vistos como *uma necessidade humana e como dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais e sociais* (Gomes, 2011, p. 17). Tal vivência inclui as diversas práticas corporais, a festa, o cinema, o teatro, a pintura, a literatura, o desenho, o jogo, o artesanato, as diversões na internet, a música e outras possibilidades (Gomes, 2011). Elas ocorrem no “tempo livre” dos indivíduos, quando este afirma que tempo nenhum é livre de normas e de coações sociais (Marcellino, 2013). Também consideramos o ócio como possibilidade, uma vez que o “não fazer nada”, a não participação em atividades também pode ser uma escolha do indivíduo no seu tempo livre. O *dolce far niente* (o doce não fazer nada), expressão criada pelos italianos, nos remete para a contemplação, ou para uma pessoa deitada numa rede, ou para a beira-mar, ou, ainda, apreciando outras paisagens. A meditação, as técnicas de relaxamento e o banho de sol também são possibilidades de ócio (Ribeiro, 2013).

No caso de uma pandemia, estamos falando da necessidade do confinamento das pessoas e estas precisaram de se reinventar. Uma das alternativas foi procurar jogos lúdicos e até mesmo uma maior navegação pela internet para fins culturais, como foi a proposta viabilizada pela cidade de Campinas.

Com a relativa melhoria da situação pandêmica e o aumento da vacinação em massa, começamos a vislumbrar um pouco mais de oportunidades de “voltar a sair de casa” e, com isso, voltar a participar em atividades culturais dentro da cidade, de forma segura, ao ar livre, evitando aglomerações e com o uso de máscara. Um exemplo que elegemos para dissertar foi o evento “Assombrações de Campinas”, objeto de análise empírica deste trabalho de investigação.

Segundo o DTC, já existem novas programações para próximos eventos e o número de adesões é cada vez maior, principalmente com o aumento do sentimento de segurança dos indivíduos ao saírem das suas casas.

As primeiras experiências que nós tivemos aqui permitiu reconhecer a potência da mensagem. São grupos de quase 200 pessoas, tanto que a nossa discussão é de como estruturar isso, mas sim, ele amplia o nosso raio de atuação. Desse modo consegue trazer o pessoal da região metropolitana com mais tranquilidade (Diretor de Turismo e Cultura).

Sendo assim, o passeio pelo município de Campinas transforma-se num espaço de aprendizagem que é compreendido como um local onde a tradição pode ser conhecida, percebida, questionada e reinventada, estimulando e apoiando, inclusive, a criação de novos *tours*. Promove ainda interações com a cultura da cidade, com os sujeitos sociais que estão fora do alcance desses turistas, ou que no seu dia a dia nunca foram percebidos (Santos, 2000).

5.4 Como a COVID-19 atingiu o setor turístico da cidade

Na suspensão de viagens, a atividade turística se torna inviável, não havendo possibilidade de que pessoas se desloquem para outros lugares diferentes das suas áreas de residência. Em seguida, a cadeia ligada ao setor também é afetada, porque até mesmo os residentes não podem frequentar áreas de lazer, devido aos riscos de contágio, já que pontos turísticos são, por sua natureza, locais quase inevitáveis de aglomeração de pessoas (Barbosa & Ferrão, 2020). Por essa razão, atrativos turísticos estiveram entre os primeiros locais a serem fechados pelos governos na tentativa de evitar o avanço da COVID-19, afetando hotéis e restaurantes, rotas rodoviárias, redução drástica de voos e impossibilidade de venda de pacotes turísticos por parte de operadores.

O impacto da COVID-19 no setor turístico pode ser constatado, no município de Campinas, que é um grande polo universitário, que atrai indivíduos de diversas regiões do país e que conta com um conjunto de atrativos, como por exemplo tetos, mercado municipal, diversos museus, os tradicionais passeios de “Maria Fumaça” (locomotiva), assim como cemitérios, a tradicional feira hippie, os estádios de futebol e os *shoppings centers*, para citarmos apenas alguns exemplos. Além disso, a cidade ainda possui vias culturais para ecoturismo, que são atividades realizadas nos parques públicos: Parque de Portugal - popularmente conhecido como a Lagoa do Taquaral -, dos Jequitibás, Pedreira do Chapadão, Fazenda Tozan, e o observatório de Capricórnio. O setor de turismo da região de Campinas pode ter perda acumulada de faturamento setecentos milhões até dezembro de 2021 por causa da pandemia do novo coronavírus. Dado

analisado pela Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo, que também aponta perda de setecentos mil turistas.

Uma queda em torno de 35%, tanto na receita quanto no fluxo de turistas, explica o coordenador da Secretaria Estadual de Turismo, Rodrigo Ramos. A metrópole, conhecida pelos turismos de negócios, compras e saúde - por conta dos hospitais de referência, como Hospital de Clínicas da Unicamp e Centro Infantil Boldrini - tem visto seus hotéis vazios, reflexos também no turismo de lazer¹³.

Em entrevista ao DTC do município sobre os impactos da COVID-19 realizada a 26 de novembro de 2021 às 10h:00, este inferiu o seguinte:

Atingiu completamente. O turismo é uma atividade que depende de interações, que depende de comunicação, que depende de mobilidade, e com a pandemia com todos os cuidados, com o isolamento social, praticamente parou toda a atividade (Diretor de Turismo e Cultura).

O DTC também apontou que a pandemia atingiu o setor cultural e turístico e, por isso, existe uma urgente necessidade de inovação, com atividades que favoreçam a retoma do setor de forma gradual e com segurança: *A Devisa, que é a nossa estância técnica de análise é bastante criteriosa e percebe que existem riscos ainda, mas a perspectiva, sim, é de uma retoma gradual.*

De grande importância para além dessa pesquisa, tivemos também acesso a funcionários municipais, para uma maior compreensão de como foi este período para o turismo e a cultural local.

5.5 O turismo *Dark* em Campinas

Considerando que estes cenários são criados com o intuito de atrair turistas, alguns já possuem infraestruturas bem-organizadas, mas também existem os que não as possuem. As autoridades locais de Campinas não tinham pensado na possibilidade de um turismo mórbido no seu município, e essa ideia surgiu de um grupo formado por elementos que não são de áreas ligadas ao turismo, mas possuem um *podcast* de “contos” que acabaram por se transformar no caminho que despertou o interesse para a realização dos passeios ganhando o apoio da própria prefeitura.

As “mortes simbólicas” são, na maioria das vezes, situações criadas para impactar e prender a atenção dos visitantes. O resgate de factos históricos de Campinas e de contos de assombrações viabilizaram a criação do “*Tour dos Assombrados*”, o qual ocorre em alguns pontos pré-determinados que

¹³ Para mais informações *vide* <https://jtv.com.br/cultura-e-entretenimento/turismo-da-regiao-de-campinas-perde-700-mil-visitantes-e-prejuizo-pode-chegar-a-r-700-milhoes-aponta-estudo> Acedido em 12/12/2021.

servem de cenário lúdico para a contextualização das assombrações relatadas. A iniciativa partiu de um grupo de amigos que desenvolveu o projeto intitulado “O que te assombra?”, o qual conta com oito episódios em *podcasts* disponíveis na internet, relatando manifestações sobrenaturais¹⁴.

O primeiro evento no qual participei como espectadora, ocorreu no dia 23 de outubro de 2021, um sábado de manhã e foi gratuito. Contou com aproximadamente cem participantes que caminharam através dos locais previstos no itinerário. Escutaram narrativas fantasmagóricas e puderam realizar perguntas e se envolver de forma ativa no entretenimento, no caminhar do *tour* através de locais com histórias de assombrações.

De acordo com o Org1-(produtor), um dos autores do projeto, a ideia partiu da leitura da obra *Assombrações do Recife Velho*, do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre (Freyre, 2008). O projeto conta com uma equipa de profissionais: um músico, uma jornalista e um artista plástico, cada um com a sua especialidade, contribuindo para a ilustração dos casos de aparições fantasmagóricas na cidade. Este projeto é norteado por contos urbanos que transcendem o imaginário dos campineiros através de décadas, mas repaginados por uma leitura modernizadora, à luz da atualidade dos contos de assombrações históricas, aparições, maldições, almas penadas, circunstâncias das suas mortes, aspetos das suas vidas pessoais e, principalmente, o cenário social e político da sua época.

O evento tem o propósito de imortalizar casos no mundo virtual, para que estejam disponíveis para as futuras gerações e para apreciadores deste tipo de segmento, assim como assegurá-los em *media*, devido ao facto de que os relatos de assombrações sempre terem sido transmitidos de forma oral ao longo do tempo.

Figura 19 – Túmulo de Carlos Gomes em Campinas-SP



Fonte: elaboração pela autora da presente dissertação (14/11/2021).

¹⁴ Para mais informações *vide* https://www.youtube.com/channel/UCJD8_CQpaPujunQqOrzOpLg Acedido em 10/07/2021.

5.6 A cidade de Campinas e os seus contos mórbidos

Com a finalidade de recordar as histórias mórbidas da cidade de Campinas, não poderia deixar de relatar a sua história e o seu contexto, para que muitas delas se tornem claras. Conforme a apresentação do livro *Contos de Assombração* (Uribe, 1985), pode-se deduzir que estes são relatos vindos de antigas tradições orais de vários países e povos, que atraem a atenção do leitor por conservarem mistério, apresentando, geralmente, personagens que são espíritos que aparecem no mundo dos vivos.

Para trazer alguma mensagem, para vingar ofensas, para castigar ou para exigir a devolução de algo que lhes foi roubado. Aparecem sempre ao cair da noite, em paragens solitárias ou casas abandonadas. Há sempre sinais que anunciam a sua presença: uma rajada de vento, o canto de alguma ave noturna, o crepitar do fogo, o ruído de passos. Alguns não querem o mal, mas há também os espíritos malignos à espreita de suas vítimas (Uribe, 1985, p. 6).

Este tipo de conto apresenta, entre outras características: narrativa curta; concentração do tempo e do espaço; ação simples e linear; diálogos; complicações/conflitos; elemento misterioso/assustador. Essas são as características que propomos analisar na nossa pesquisa ao verificar o desenvolvimento da produção do evento assombrado.

É importante salientar que a função social do conto, em geral, é preencher os momentos de lazer, propor aos ouvintes modelos de comportamento, transmitir os valores e concepções do mundo próprios de determinada sociedade, pois este remete-nos para a oralidade, para as histórias contadas, apelando ao universo dos mal assombros, que permeiam a imaginação dos indivíduos e constituam patrimônio imaterial de um povo. Na visão de Alfredo Bosi, embora admita *os apelos da fantasia (...) quase documento folclórico*, são valorizados mais os aspetos académicos (Bosi, 1974, p. 7). Na sua perspectiva o destino cumpre a criação contemporânea, colocado entre a realidade e os apelos da fantasia verbalizada, tornando-se praticamente um documento folclórico, uma crónica da vida urbana, grafia brilhante e preciosa da linguagem (Bosi, 1974). Existe uma importância dessas tradições: a arte de narrar, que veio com o homem e continua em nossos dias, mostra a importância das narrativas tradicionais e com ela a aprendizagem (Santos; Einhardt & Velasco, 2018).

A habilidade em sonhar, a possibilidade de contar e de ouvir história é fundamental à vida das pessoas. O indivíduo na pré-história já compartilhava sobre as suas batalhas, aventuras, tudo através da pintura rupestre. Deste modo, desde tempos remotos, quando a oralidade ainda não era documentada, as histórias eram divididas como uma forma de compreensão do mundo, tornando-se num meio tanto de educação e preservação como de conhecimento (Santos; Einhardt & Velasco, 2018).

O cuidar na transmissão de contos populares, sem perder a sua originalidade, nos conta como pensam as pessoas envolvidas numa comunicação (Luyten, 1988). Conforme aferimos na pesquisa, tal tradição tende a desaparecer ao longo dos anos.

No século XXI as novas tecnologias presentes no cotidiano escolar e nos demais grupos sociais, nos quais as crianças e os jovens se integram, tornam-se um caminho para entender essa “desvalorização” do contar histórias, da oralidade que vem se perdendo ao longo dos anos. Como observamos na elaboração deste estudo, as histórias assombradas recordam parte da história da cidade, atraindo públicos de diferentes idades e em diferentes contextos, motivados a apreender conhecimentos pela curiosidade sobre o tema.

O conto sinaliza experiências um tanto particulares, *é possível compará-los (o conto) com os de outra origem e é interessante observarmos como esses contos recolhidos em várias regiões, e até países, podem ser similares em sua essência, apenas se adaptando a costumes e ocorrências locais* (Luyten, 1988, p. 17). Tomamos este conceito “emprestado” para o nosso estudo, pois não há, na literatura, a terminologia “conto assombrado”.

A segunda versão do passeio foi minha principal fonte de estudo, o qual foi divulgado nas *medias*, como por exemplo, no *Instagram* da equipa “O que te assombra: Assombrações de Campinas”. Segue exemplo na Figura 20.

Figura 20 – Divulgação do *Tour* Guiado



Fonte: Instagram. @oqueteassombra. Acedido em 21/11/2021.

Através da investigação empírica pudemos entrar no universo peculiar dos contos e refletir sobre o que eles dizem. Tomaremos como exemplo a primeira história de assombração do evento, a qual se refere ao Largo da Forca, que foi identificada como preferida por dois dos seus organizadores: Org3-(músico) e Org4-(cartunista).

Elesbão, a primeira história, que foi algo que inclusive está atrelado a um novo conto que vamos fazer sobre o cemitério dos cativos, por ter sido brutalmente assassinado e pela forca que foi deixada de forma ostensiva. Parece um recado para que não se repetisse aquilo, não se repetisse um assassinato de um senhor de engenho, um barão de café. Esse recado, e o que fica é a assombração, o fantasma do Elesbão ainda voltando para dizer que era inocente. Quer dizer, você mata um barão de café que mata tantas outras pessoas. Lógico que uma coisa não justifica a outra, mas o que é mais emblemático, que é o mais assombroso mesmo, não é dizer que se escravizava o assombroso. É a aparição do escravo. O assombroso não é dizer que houve escravidão, o assombroso é falar das assombrações do Elesbão e essa forca depois ela sobe e vai para um outro local aqui em Campinas, porque as forcas normalmente eram montadas dois dias antes e desmontadas dois dias depois da execução. Essa forca ficou lá 2 anos depois da execução. Depois ela sobe para o Largo São Benedito e quando ela sobe ele vira Campo da Alegria, e depois volta com o nome original.

O Largo da Forca, atualmente Largo Santa Cruz, recebeu esse nome porque foi neste local enforcado, em meados do século XIX, o escravo Elesbão, o qual era fugitivo de uma fazenda escravagista e acusado de ter assassinado o seu proprietário. Elesbão ter-se-ia abrigado num quilombo, mas teria sido delatado. Convicto da sua inocência, retornou para Campinas, mas foi capturado e condenado a passar por um calvário que saiu da Igreja do Carmo, sendo arrastado até ao Largo da Forca e foi ali executado. A primeira corda rebentou e muitas pessoas pediam clemência. A segunda corda também rebentou e muitos que presenciavam o ocorrido passaram a acreditar na sua inocência. Mesmo assim, Elesbão acabou por ser enforcado (Oliveira, 2019). Os seus membros foram cortados e separados, sendo os seus restos mortais espalhados pela cidade, com o intuito de deixar clara a mensagem aos outros escravos que pensassem em fugir. Segundo conta a lenda, o fantasma de Elesbão passou a assombrar o Largo da Forca e, em suas aparições, este sempre afirmava sua inocência¹⁵.

Não existem praticamente documentos sobre tal história, tendo esta perpassada através de gerações pelo poder do conto. Este seria um dos objetivos dos organizadores do evento: dar voz aos contos. Segundo Org1-(produtor), um dos organizadores do projeto e responsáveis pelo *tour*,

O projeto é supernovo. A ideia surgiu. Colocamos o projeto em prática em julho. Começamos a fazer as pesquisas, fizemos um trabalho de campo que durou um mês, mais ou menos, para a gente conseguir reunir as informações, porque o Assombrações

¹⁵ Para mais informações *vide* <https://campinas.com.br/guia/largo-de-santa-cruz/> Acedido em 21/11/2021.

de Campinas está na sua primeira temporada. Fizemos 8 assombrações, 8 histórias, então nesse período de um mês a gente teve para fazer todos os estudos, até na literatura, também um grande trabalho de campo.

Durante o evento são exibidos quatro trajetos que passam por pontos inusitados da cidade. O roteiro passou pelo Largo Santa Cruz no bairro Cambuí, Cemitério da Saudade, Túmulo de Carlos Gomes e Túnel de Pedestres da Fepasa, ambos no Centro da cidade. Org1-(produtor) também afirma que:

O objetivo do projeto era saber mais sobre o tema. Não tínhamos todas essas certezas. Eu não compreendia todas as dimensões do projeto quando a gente começou. A gente achava que era muito legal contar, porque não existia uma relação de assombrações de Campinas. A gente não tinha catalogado isso, porque também não são somente assombrações.

A próxima assombração visitada refere-se ao renomado e internacionalmente conhecido maestro Carlos Gomes (1836-1896), notável compositor brasileiro, nascido em Campinas. Gomes experimentou uma infância muito difícil. O seu pai era músico e a sua mãe falecera precocemente, assassinada próximo de onde hoje se encontra o seu túmulo, na Rua Barão de Jaguará, o mesmo sítio de outra assombração – a do *Cine Rink* –, já listada como atração do próximo evento a ser realizado pela equipa “Assombrações de Campinas”.

Carlos Gomes vivenciou os preconceitos de uma sociedade campineira elitista e aristocrática, não estabelecendo boa convivência com os indivíduos ligados à música e obtendo imediato reconhecimento do seu talento musical na sua própria cidade natal, devido ao preconceito pelas suas origens caboclas, sem a estirpe requerida por aqueles que acreditavam que talento se confundia com classe social. Carlos Gomes abandonou Campinas e foi para Santos de Jague e na sequência para o Rio de Janeiro (Nogueira, 2006). Foi na capital que o seu talento despertou o interesse do imperador D. Pedro II, que se tornou seu admirador, amigo e mecenas, financiando a sua ida para a Europa, facto que lhe rendeu renome internacional, pois talento não lhe faltava.

Após a Proclamação da República (1889), regressou ao Brasil, para Belém do Pará, onde veio a falecer. O governador de São Paulo à época fez questão de trazer o seu corpo para Campinas, mas ainda sem um jazigo apropriado, sendo enterrado junto ao túmulo da tradicional família campineira Ferreira Penteados a contragosto da família e dos próprios Penteados. Teria sido nesse momento que ocorreram as primeiras assombrações relacionadas com Carlos Gomes e a decisão de honrá-lo construindo um monumento túmulo para ele¹⁶.

¹⁶ Para mais informações *vide* <https://campinas.com.br/guia/monumento-tumulo-de-carlos-gomes/> Acedido em 21/11/2021.

A terceira assombração do roteiro acontece no túnel da Vila Industrial, história que na opinião do organizador Org1-(produtor) é a que mais lhe chama atenção.

A história do túnel, porque é muito sensorial o passeio no túnel, porque ele é longo e tem quase 200 metros de extensão e tem uma áurea estranha. Ele é meio esquisito. Mexe um pouco com as sensações das pessoas. Além das histórias do túnel serem interessantes, um desses lugares que ao longo da história tem muitas aparições e aparições diferentes que também remonta essa ideia de que cada tempo e espaço tem os seus medos e as suas próprias criações. Então isso eu acho muito interessante. O túnel é o que eu mais gosto.

A epidemia de febre-amarela castigou a cidade de Campinas entre 1889 e 1897. Em determinado momento, os locais eram escassos para sepultar tantas pessoas. Posteriormente, uma reforma foi realizada na Avenida João Jorge, que é próxima do local utilizado para os sepultamentos e foram encontradas inúmeras ossadas. Por conta deste passado, as mortes eram inúmeras e não eram velados os mortos. Mediante essa ocorrência muitos foram enterrados em valas comuns sem qualquer tipo de identificação e os poucos que eram identificados se perderam através dos tempos (Martins, 2015).

A vontade de construção de um túnel na região era grande, tendo em vista que Campinas era dividida pela linha do comboio e por outra entrada, denominada Porteiro do Capivara. Para se chegar até à região central era exigida uma longa deslocação. Nas imediações havia uma área habitacional popular, em que residiam operários, ferroviários, ou seja, as classes mais pobres da cidade. Os mais abastados residiam na região central e não existia nenhuma passagem fácil para se deslocar até ao centro. Devido a tudo isso, o túnel era a forma dos políticos locais com pretensões eleitorais, acalmarem a população local marginalizada. Foi inaugurado em 1917, ano da primeira grande greve geral no país, ocorrendo nas suas mediações grande repressão policial que resultou no evento que ficou conhecido como “o massacre do cordeiro da capivara”, em que um grupo de grevistas foi assassinado. São esses os fantasmas que até hoje supostamente assombram o túnel. As vítimas estão enterradas no Cemitério das Saudades onde, até hoje, ocorrem peregrinações, transformando-os em simbologia ímpar para uma cidade que se apresentava em transição para a modernidade industrial (Toledo, 2017).

As histórias do túnel não param por aí. Segundo se conta, um senhor morreu afogado dentro do mesmo, após uma grande inundação. Essa tragédia originou o conto conhecido como “o velho do guarda-chuva”, que apareceria sempre junto a uma “velha da bengala”, pois teriam desaparecido ao mesmo tempo no local. Estes são relatos datados de 1960.

Em 1990, período bem mais recente, ocorreu um outro relato fantasmagórico, que ficou conhecido como “o fantasma da Lanterna”¹⁷. Segundo este, em determinados momentos em que pessoas atravessavam o túnel, deparavam-se com um vulto que aparecia sem face, substituída por um holofote que chegava a cegar momentaneamente as pessoas que por ali passavam. O conto tomou grande repercussão.

As nossas últimas “assombrações” do percurso terminaram no Cemitério da Saudades. O primeiro conto desta atração consiste no “bonde da morte”, o qual tinha a sua partida no centro de Campinas e como ponto final o cemitério. Essa história é cercada de mistérios, pois relatos de moradores dizem ser este bonde frequentado por assombrações.

Na história do “fantasma apressado”, uma mulher sentava-se no cantinho do veículo e não esperava a sua parada para descer, pois saía correndo, flutuando, até adentrar o portão do cemitério.

O conto do “fantasma gentil”, percorre a história de uma moça que trabalhava como cuidadora e fazia turnos noturnos. Em determinada noite muito fria estava no bonde e um rapaz muito bem apessoado ofereceu-lhe um casaco. Aceitou a cortesia e propôs devolvê-lo pedindo o seu endereço. No dia seguinte ela saiu do trabalho e foi até ao endereço dado pelo moço e chegando ao destino, foi recebida por uma senhora. Explicando a situação, para sua surpresa, a mulher era a mãe do rapaz gentil que lhe cedera o casaco, mas esta lhe disse que o seu filho havia falecido num desabamento de uma obra em que trabalhava. Mostrou-lhe a notícia do desastre no jornal e era exatamente a mesma pessoa na foto da notícia que lhe havia emprestado o agasalho na noite anterior.

A última história relaciona-se com uma estátua em frente ao cemitério. Uma moça grávida teria descido do bonde e entrado em trabalho de parto, mas não havia ninguém por perto com competências de parteira para ajudá-la. Entretanto, surgiu um moço fardado, pedindo licença para as pessoas abrissem espaço e conseguiu realizar o parto. Entregou o bebê à moça e desapareceu na direção da estátua.

Já dentro do cemitério conta-se a “assombração de Toninho”, associada ao distrito de Barão Geraldo, local preferido do DTC do município de Campinas.

O cemitério das Saudades, porque ele tem uma ambientação já que tem a ver com o tema. O cemitério das Saudades é um espetáculo. Além da visita, já permite uma experiência diferente. Quando você entra no cemitério das Saudades com essa linha de conhecer as histórias, você tem a história do escravizado Toninho, da viúva Jandira. É um local onde o pessoal faz cultos religiosos de religião de matriz africana. Então, é um universo espetacular que cria uma ambientação perfeita para a gente discutir cultura, patrimônio e até assombração.

¹⁷ Para maiores informações vide <https://ne-np.facebook.com/eptvoficial/videos/histórias-fantasmagóricas-de-campinas/291524619556395/> Acedido em 21/11/2021.

O túmulo de Toninho é considerado um dos que possuem poderes de realizar milagres. Era uma Sexta-Feira Santa e o Barão Geraldo, que está enterrado ao lado do túmulo do Toninho, havia pedido para que este fosse buscar alguns bois que se encontravam num campo. Na hora em que Toninho chegou para buscá-los e colocar o arado, um dos animais teria falado a seguinte frase: “Hoje não, hoje eu não vou trabalhar, porque hoje é dia do nosso Senhor e não é dia e trabalho”. Toninho ficou muito assustado, regressou e descreveu o ocorrido para o capataz e deixaria de trabalhar junto aos animais e ao pasto e passaria a exercer funções dentro da própria residência do Barão Geraldo. Tornou-se um fazendeiro e benzedeiro. Teria sido esse conto que motivara a festa local do “boi falou”, a qual ocorre anualmente no distrito de Barão Geraldo, criada em meados dos anos de 1980, consagrando Toninho santo popular, embora não reconhecido pela Igreja Católica.

A história da Maria Jandira é a favorita da organizadora Org2-(jornalista).

Eu não conhecia, mas foi a história que mais me tocou mesmo. Enxergar a realidade de perto assim. Primeiro ela está enterrada ali. Então você vê que é real. Ela viveu uma história bem difícil, a ponto dela atear fogo em si mesma, nas próprias vestes. Para ela ter feito isso, chegado nesse ponto, foi porque ela viveu uma vida de muito sofrimento, de muita dor envolvida pelo machismo, a sociedade, o autoritarismo, uma repressão muito forte que existia naquela época. Então eu acho que foi a história que mais me marcou mesmo.

Jandira, assim como Toninho, é considerada como uma “santa popular”¹⁸. Com verdadeiros cultos à sua pessoa, a ética exige que no seu túmulo não se permita o acendimento de velas, devido à sua trágica morte, mas em contraponto, pode-se realizar o pedido que quiser, principalmente os destinados a amores mal resolvidos.

A história de Jandira costuma emocionar aqueles que a conhecem. Dizem ter sido uma menina à frente do seu tempo, deixando-se levar pelos seus desejos, em contraponto aos limites da sociedade machista da sua época. Um machismo estrutural preocupado com as tradições familiares e reputações, facto que resultou na expulsão de Jandira do seu próprio lar, sendo posteriormente acolhida num bordel da cidade.

Exercendo a profissão de meretriz, tinha muitos clientes e tornou-se numa das garotas mais requisitadas do local. Foi no trabalho que conheceu um rapaz chamado Carlos e ambos se apaixonaram. Decidiram fugir para constituir uma nova vida e, na noite combinada para a fuga, Jandira comprou passagens de comboio, um vestido de noiva, fez as suas malas, mas infelizmente Carlos não apareceu,

¹⁸ Para maiores informações *vide* <https://funerarianet.com.br/noticias/a-prostituta-que-virou-santa-em-campinas/> Acedido em 21/11/2021.

deixando-a sozinha e consumida pela tristeza. Extremamente deprimida, ateou álcool em si mesma e suicidou-se dentro do seu quarto. Foi enterrada no Cemitério das Saudades e devido a esta história trágica, ainda alimenta contos populares.

Dizem que, em determinado dia, quando se aproximava a hora de fechar o portão do cemitério, numa de suas rondas, um dos zeladores avistou uma mulher vestida de branco que veio até ele e indagou se ele seria Carlos. Após a resposta negativa, o vulto desmaiou e, ainda deitado, transformou-se numa lavareda. Segundo relatos, o zelador teve de ser submetido a tratamento psiquiátrico após o ocorrido, em meados dos anos de 1980.

Até hoje são realizadas romarias provenientes de cidades vizinhas para visitar o seu túmulo, mesmo com as tentativas da aristocracia campineira de tentar proibi-las, devido ao preconceito por conta de toda a história de Jandira.

Devido ao sucesso deste primeiro roteiro em que tive a oportunidade de acompanhar *in loco* nesta investigação, os organizadores já antecipam novas empreitadas, com o objetivo de compartilhar histórias noutros contextos e cidades.

A respeito disso, Org1-(produtor) relata:

A gente vai começar a fazer agora a segunda temporada de Campinas, porque a gente vai fazer um tour noturno e a pé. Um dos problemas desse tour que a gente fez é que ele é pouco inclusivo, embora muita gente tenha participado. Quem não tem carro não participa e como a gente está no meio da pandemia a gente não tinha condições de oferecer o tour com segurança se a gente provesse um transporte para todo mundo. Vamos fazer um tour a pé, saindo da prefeitura e com isso eles já direcionaram a gente em algumas coisas que podiam ter histórias de assombrações e a gente achou mesmo.

5.6.1 O primeiro *tour* noturno assombrado de Campinas

Um primeiro *tour* noturno e a pé foi recentemente realizado pela equipa do “O que te assombra”. A opção pela modalidade de caminhada a pé ocorreu pela necessidade da inclusão dos participantes que não possuíam os seus próprios veículos, democratizando o acesso ao evento. Para que a ideia fosse posta em prática, foram escolhidos pontos estratégicos para a construção de um itinerário em que os sítios históricos estivessem interligados nas suas proximidades, como foi relatado por Org1-(produtor):

A gente acabou democratizando mais esse passeio, embora a gente faça os passeios de carro, porque algumas distâncias são grandes, e tem um público bastante plural. Se por um lado a gente democratiza fazendo a pé, ao aumentar muito a distância entre os pontos, acaba restringindo o público. Não sendo esse o objetivo, tentamos manter sempre um equilíbrio, para poder também alcançar um número maior de pessoas e manter a

pluralidade e para aqueles que também não têm carro conseguirem fazer. Sobre a noite, esse foi um pedido das próprias pessoas, porque a gente “brinca” com essa sensorialidade, de todo o mundo, de passar por lugares “assombrados” no período da noite.

Este evento pode ser considerado pioneiro em relação ao facto de ter tido suporte da Secretária de Cultura e Turismo do Município de Campinas, com o apoio da Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas (EMDEC). Estas apoiaram os participantes na travessia das ruas até à chegada aos pontos estabelecidos no itinerário, devido à localização do evento se dar no entorno do centro do município, que costuma ter um tráfego intenso. A Sociedade de Abastecimento de Água e Saneamento (SANASA) também deu a sua contribuição, disponibilizando copos de água aos participantes.

O evento foi gratuito. Bastava entrar em contacto via *e-mail* com a organização para garantir o nome na lista de participação e receber as informações necessárias. Desta vez, os organizadores preferiram realizar esse procedimento para poderem ter um maior controlo e, assim, evitar aglomerações devido à pandemia, limitando o público a cem participantes.

Optámos por participar também neste evento, o qual acabou por ocorrer na noite do dia 8 de dezembro de 2021. Nesta ocasião reencontrámos vários participantes que estiveram no evento do dia 14 de novembro, inclusive os inquiridos anteriormente. O Org1-(produtor) explica:

A divisão foi pensada porque a gente acabou abrindo as inscrições pela internet, através do nosso e-mail e a gente recebeu muitos e-mails, e percebeu que era importante dividir os grupos para não causar aglomerações enormes e para conseguir dar um conforto para quem fosse participar. Para que a gente conseguisse ter um percurso mais seguro dos agentes de trânsito da prefeitura, então era mais fácil a gente se locomover em grupos um pouco menores. No máximo 100 a 120 pessoas por passeio.

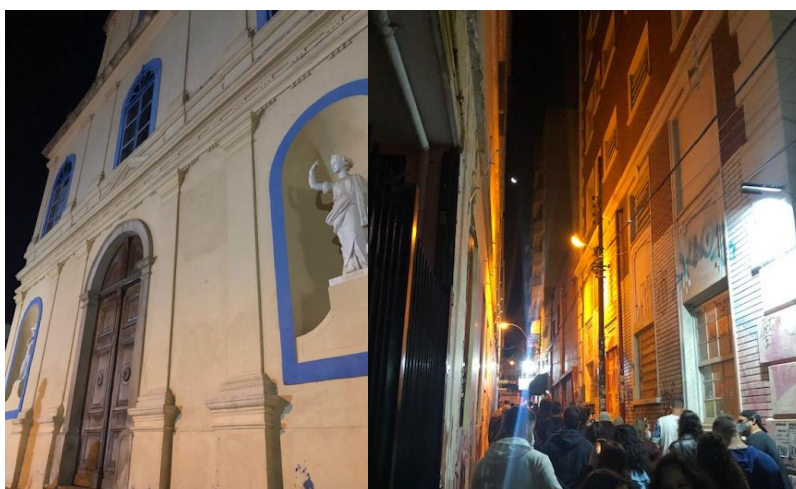
Figura 21 – Divulgação do passeio monitorizado noturno



Fonte: Instagram @oqueteassombra. Acedido em 20/12/2021.

O evento noturno correspondeu a 1,8 quilómetros, com aproximadamente uma hora de duração. Tendo como ponto de encontro e de partida o “Centro de Convivência” – rotunda tradicional do bairro Cambuí –, os organizadores realizaram as explicações iniciais e orientaram os participantes a deslocarem-se em direção ao estacionamento da Santa Casa de Misericórdia (Igreja da Boa Morte), enquanto aproveitavam para iniciar os contos que cercavam o local, como, por exemplo, o caso das assombrações do “asilo das órfãs desvalidas”. Após a visita à Santa Casa, o grupo continuou para o Largo das Andorinhas (Beco do Inferno), ambos localizados num local rico em histórias de terror (Figura 22). O ponto alto da visita foi o túmulo do compositor Carlos Gomes, que já fora atração no evento anterior.

Figura 22 – Igreja da Boa morte/ Beco do Inferno



Fonte: elaboração pela autora da presente dissertação (08/12/2021).

A terceira atração noturna foi a passagem pelo frontão do antigo *Cine Rink*, sobre qual tive a oportunidade de tecer comentários em páginas anteriores. Atualmente, no local encontra-se instalada uma agência da Caixa Económica Federal, facto que comprova o impacte de modificações arquitetónicas na perda de memórias locais, daí a importância da história oral.

O epílogo da visita decorreu no Largo São Benedito, atração intimamente ligada ao passado escravocrata da cidade. Denominado também de Cemitério dos Cativos, foi depósito de inúmeros escravos que padeceram durante o século XIX na cidade.

Segundo explicações dos organizadores, em 1837, foi pedida autorização da Cúria Episcopal e da Câmara Municipal de Campinas para que fosse construída uma capela e um jazigo a pedido da família do Cônego Melchior Fernandes Nunes. Próximo ao jazigo, desde que fosse paga uma pequena quantia, foi

autorizado o sepultamento de pobres, assim como de negros forros. O cemitério localizado fora da igreja ficava onde hoje está construída a creche Bento Quirino¹⁹.

Para que ficasse mais clara e notória a comparação entre ambos os passeios, o diurno e o noturno, optámos por fazer um breve inquérito a um dos principais membros e guia dos eventos, o qual declarou o seguinte:

Acho que tem uma diferença fundamental. À noite a gente “brinca” um pouco mais até com os próprios medos que a noite traz. Já o passeio de dia, oferece um outro tipo de sensorialidade que é a percepção de traços, aquela ideia da história do lugar, o contar história, ela é mais perceptível durante o dia. De noite fica mais ligado a tentativa de saborear algum tipo de fenómeno sobrenatural e o de dia fica a possibilidade de você apreciar mais o cenário da assombração. É uma oportunidade de você conhecer historicamente, de ver o detalhe dos lugares Org1-(produtor).

Quando questionado se as pessoas optaram por ir aos dois eventos, respondeu:

Algumas pessoas foram aos dois. O passeio noturno, tem uma ocupação de espaço público mais forte. Então além de todos os desafios do passeio, além de você precisar atravessar a rua, por calçada, as pessoas que estão para a noite, têm essa outra questão da “coragem” de estar ali, não só pela história da assombração em si, mais por você se mobilizar para ocupar o centro da sua cidade como se aquilo significasse algum tipo de “resgate”. Eu acho isso muito legal. Gostei muito dessa sensação. O evento do dia tem uma coisa mais contemplativa e o da noite tem uma ideia mais de aventura Org1-(produtor).

Por fim, indagamos se como organizador e guia dos eventos, acreditava se estas formas de lazer poderiam despertar nos participantes maiores interesses sobre o *Dark Tourism*.

Eu acho que não só o público, como o próprio poder público, as agências de turismo, os profissionais de turismo perceberam que existe uma procura reprimida muito grande em Campinas em especial para esse tema. De toda a pesquisa que a gente fez para catalogar as assombrações da cidade e isso nunca tinha sido feito do jeito que a gente fez e existem alguns registros, marcados como lenda urbana, mas não, esse trabalho de “garimpo” de histórias ele só nasceu por causa disso. O nosso exemplo do asilo das órfãs desvalidas de Campinas é um exemplo claro disso. A gente traz uma história que estava em um trabalho científico sobre comportamento pedagógico. Foi uma pesquisa grande, para achar um lugar, e nasceu o passeio a partir disso. Então eu acho que o grande lance é a conjugação das duas dimensões do trabalho, um de preservação do património imaterial das histórias cidade, com as histórias transmitidas pela oralidade, pela tradição oral e a outra, é oferecer a experiência de conhecer os lugares das histórias que a gente conta, então eu acho que a conjugação disso é muito importante. Não tem Dark Tourism se não tiver história consolidada, se não tiver história no lugar não existe o passeio.

¹⁹ Para mais informações *vide* <https://ihggcampinas.org/2019/10/18/a-cidade-silenciosa/> Acedido em 20/12/2021.

5.7 **Dark Tourism e a análise no município de Campinas baseado em Stone**

Mediante a análise apresentada faz sentido categorizar a minha pesquisa através da vertente *Dark Shrines*, recorrendo a uma tragédia que aconteceu no município que foi a queda do telhado e o incêndio do maior cinema da cidade. Julgo também pertinente o seu enquadramento na modalidade *Dark Resting Places* (o “macabro romantizado”), devido à trajetória do percurso realizado perpassando pontos específicos da história da cidade de Campinas e porque esta investigação está relacionada com questões educacionais, e remete para a consciencialização das pessoas em relação aos cenários históricos que visitam, assim como o comprometimento e reconhecimento do seu comportamento em dada situação (Stone, 2006).

5.7.1 **Dark Shrines em Campinas**

Em Campinas encontramos outro caso emblemático de tragédia que atingiu o maior cinema da cidade nos anos de 1950 - *Cine Rink* - localizado na Rua Barão de Jaguará, área central do município (Figura 22). A sua capacidade era de 1.200 pessoas e na tarde de 16 de setembro de 1951, dez minutos após o início da sessão da matinê do filme “Amar foi minha ruína” ocorreu o desabamento do cinema. Uma das vigas de sustentação do teto desprendeuse, provocando o desabamento parcial do cinema, seguido por um incêndio. Morreram 25 pessoas e mais de quatrocentas ficaram feridas, tornando o caso traumático e lembrado por décadas²⁰.

Um dos membros do projeto “Assombrações de Campinas” relatou, em 8 de dezembro de 2021, no inquérito por entrevista que realizámos, os detalhes do ocorrido:

O silêncio da sala de revelação, rompido pelos suspiros daqueles que se revelavam nas imagens. Os seus olhos rasos de água não estavam molhados o suficiente para impedir que percebesse algo de diferente em uma das fotografias. O corpo de uma menina, já sem vida, poderia ser confundido com os mesmos corpos que guardavam os mesmos destinos e as mesmas semelhanças. O que diferenciava é que este corpo era tomado pelo “espírito” que o habitava instantes atrás. A mesma menina que ali se encontrava deitada, estava de pé à sua frente. A revelação foi dividida com poucas pessoas e a foto entre lágrimas e perplexidade.

²⁰ Para maiores informações vide https://correio.rac.com.br/2016/09/campinas_e_rmc/449443-cine-rink-tragedia-em-campinas-completa-65-anos.html Acedido em 20/12/2021.

Figura 22 – *Cine Rink*



Fonte: Cedoc/RAC - Fachada do antigo *Cine Rink* pouco tempo antes do acidente de 1951.

5.7.2 *Dark Resting Places* em Campinas

Nas sete categorizações manifestadas por Philip Stone, especificamente a *Dark Resting Places*, podemos aferir um dos mais conhecidos sítios da cidade de Campinas, que inclusive fez parte de uma das atrações: o Cemitério das Saudades. A partir das imagens abaixo, podemos observar dois túmulos que fazem parte de duas histórias lendárias já contextualizadas em páginas anteriores: o túmulo de Jandira e de Toninho (Figura 23). Ambos possuem potencial de atrair turistas e peregrinos devido ao poder dos contos que os envolvem.

Figura 23 – Cemitério das Saudades em Campinas



Fonte: elaboração pela autora da presente dissertação (14/11/2021).

5.8 Notas conclusivas

O presente capítulo destacou algumas características históricas, sociodemográficas e turísticas do município de Campinas. A sua história está marcada pela produção de café, assumindo-se como um território pioneiro na região em termos da sua produção, além das ligações da cidade com a escravidão.

Trata-se de um município marcado pela pandemia da COVID-19, que mudou a vida dos seus residentes e prejudicou a atividade turística.

Foi destacada ainda a primeira experiência do *Dark Tourism*, tanto para os organizadores do evento, que tinham o propósito de não permitir que as histórias deste município fossem esquecidas.

Esta nova experiência passou a proporcionar um consumo diferenciado dos atrativos existentes, quer aos seus moradores, quer aos que visitam o lugar. Foi retratado como este evento pode motivar novos grupos turísticos da cidade de Campinas num setor que ainda não tinha sido explorado, assim como os benefícios que foram e vão continuar a resultar da sua organização.

Capítulo VI: Percepções do turista que realiza *Dark Tourism* na cidade de Campinas

Neste último capítulo procuramos, através dos vinte questionários aplicados no âmbito do evento “Assombrações de Campinas” apresentado anteriormente, identificar o perfil dos inquiridos (*e.g.*, sexo, idade, profissão e nível de instrução) e a sua percepção em relação ao mesmo. Trata-se da primeira vez que este tipo de análise se realiza no município de Campinas, podendo servir de alicerce para futuras investigações e intervenções no âmbito do *Dark Tourism*.

6.1 Principais fontes utilizadas no estudo das percepções do turista

O nosso estudo deve ser entendido como misto, envolvendo uma abordagem quantitativa e qualitativa. Para atingir os objetivos delineados no início da nossa investigação optámos pelo uso de fontes primárias e secundárias.

Relativamente às fontes primárias, e com a finalidade de caracterizar a percepção dos turistas consumidores de *Dark Tourism*, bem como o reconhecimento da expansão deste segmento de turismo como atividade socioeconómica, optou-se pela realização de uma pesquisa quantitativa destinada a levantar dados daqueles que participaram no evento “Assombrações de Campinas”. Foram aplicados vinte questionários nos dias 14,15 e 16 de novembro de 2021. Tal como foi referenciado anteriormente, o evento decorreu durante o dia 14 de novembro de 2021 com início às nove horas e com término ao meio-dia, envolveu cem participantes, ocorreu em espaço público e de acesso livre.

O questionário utilizado possuía 13 questões abertas e fechadas (Anexo A). Antes da sua aplicação no dia do evento foi realizado um pré-teste a 10 de setembro de 2021 a três indivíduos escolhidos aleatoriamente, que conheciam o tema. Concluiu-se que a aplicação do questionário demorava, em média, treze minutos.

Optou-se por colocar questões que não entrassem no foro pessoal do inquirido e o questionário foi dividido em quatro secções, versando sobre:

- a) conhecimento e motivações sobre o *Dark Tourism*;
- b) conhecimento sobre algum cenário de *Dark Tourism* no Brasil;
- c) motivação para a participação no evento;
- d) características sociodemográficas do indivíduo.

Importa recordar que até ao momento não existem estudos relacionados com o *Dark Tourism* em Campinas, pelo que o questionário utilizado foi construído de raiz e seguindo alguns aspetos que foram diagnosticados na revisão da literatura realizada.

A entrevista realizada aos organizadores do evento possuía 12 questões abertas (Anexo B). Antes da sua aplicação no dia 12 de novembro de 2021 foi realizado um pré-teste, a 10 de setembro de 2021, a três indivíduos escolhidos aleatoriamente que estavam informados sobre o tema. No dia 10 de setembro de 2021 esses testes foram feitos a todos os questionários.

Optou-se por colocar essas questões aos entrevistados distribuídas por quatro secções, versando sobre:

- a) como surgiu o projeto;
- b) expansão do projeto para outros municípios;
- c) como a COVID-19 influenciou a organização do evento;
- d) características mais relevantes do *Dark Tourism*.

O guião de entrevista utilizado para o DTC do município de Campinas possuía 14 questões abertas (Anexo C). Antes da sua aplicação no dia 26 de novembro de 2021 foi realizado um pré-teste, também a 10 de setembro de 2021, a três indivíduos escolhidos aleatoriamente.

Optou-se por colocar essas questões aos entrevistados distribuindo-as por cinco secções, versando sobre:

- a) qual a opinião sobre o projeto “Assombrações de Campinas”;
- b) que outros projetos estavam em vigor no município;
- c) como a COVID-19 interferiu nos eventos do município;
- d) se existiam mais projetos relacionados com o *Dark Tourism* no município;
- e) características mais relevantes do *Dark Tourism*.

E, por último, não menos importante, o guião de entrevista utilizado e aplicado a um dos principais organizadores Org1-(produtor) do evento “Assombrações de Campinas” possuía seis questões abertas (Anexo D). Antes da sua aplicação no dia 26 de novembro de 2021 foi realizado um pré-teste a 10 de setembro de 2021 a três indivíduos.

Optou-se por colocar essas questões estruturadas em três secções, versando sobre:

- a) quais os principais passeios do evento noturno realizado;
- b) quais as diferenças do passeio diurno para o noturno;
- c) se após esses eventos os indivíduos aumentaram a curiosidade pelo tema.

Foram usadas várias fontes secundárias com destaque para, além da revisão de literatura realizada à escala internacional, as estatísticas oficiais e a legislação existente no Brasil e em Campinas.

A tendência para as pessoas viajarem aumentou, facto que pudemos verificar através do questionário aplicado nesta investigação. Os vinte inquiridos que participaram no evento “Assombrações de Campinas” afirmaram deter planos de viajar no futuro breve, além daqueles que cancelaram ou adiaram viagens, devido à pandemia.

6.1.1 Análise dos participantes na pesquisa

A amostra deste estudo demonstrou ter características diversificadas. Pudemos notar a diversidade do grupo que participou no evento, compreendendo famílias inteiras, com pais e filhos, casais hétero e homossexuais, além de idosos. Dos respondentes ao questionário, onze eram do sexo feminino e nove do sexo masculino (Tabela 1). Em relação ao grupo etário, 11 dos entrevistados tinham idades entre 41 e 50 anos, seguindo-se os que tinham entre 31 e 40 anos.

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica dos inquiridos

Variáveis	Categorias consideradas	Nº
Sexo	Feminino	11
	Masculino	9
Grupos etários	18 a 30	2
	31 a 40	4
	41 a 50	11
	51 a 59	2
	60 ou mais	1
Nível de instrução	Pós-Graduação	11
	Graduação	5
	Ensino Médio/Técnico	3
	Ensino Fundamental	1
Município de residência	Campinas	15
	Outro	5

Fonte: elaboração pela autora da presente dissertação.

Tabela 2 – Resposta à questão sobre qual profissão os inquiridos exerciam

As profissões foram apresentadas através dos grandes grupos	
0 - Forças Armadas/Políciais/Bombeiros/ Militares	0
1 - Membros do poder público	1
2 - Profissionais das Ciências e das Artes	5
3 - Técnicos de Nível Médio	4
4 - Trabalhadores de serviços administrativos	7
5 - Trabalhadores de serviços, vendedores e comércio	2
6 - Trabalhadores agropecuários, florestais, caça e pesca.	0
7 - Trabalhadores de produção de bens e serviços industriais	1
8 - Trabalhadores de manutenção e reparação	0

Fonte: Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) e elaboração pela autora da presente dissertação.

Relativamente ao grau de instrução, 11 dos inquiridos detinham pós-graduação, enquanto 5 possuíam graduação. A maioria era residente na cidade de Campinas (15 inquiridos).

Relativamente ao perfil profissional, este pautou-se pela diversidade. A profissão que mais se destacou, exercida por 4 inquiridos, foi a de professor, enquanto 3 eram de áreas correlatas a recursos humanos, além de fotógrafos, engenheiros, administradores, secretários, psicólogos e servidores públicos.

6.2 Análise dos resultados obtidos

Após participarmos no evento e termos identificado os seus principais objetivos, iniciámos a realização do inquérito por questionário a 20 participantes, assim como o inquérito por entrevista à equipa organizadora do evento e ao DTC do município de Campinas.

Para facilitar a recolha de informações, optámos, em alguns casos, pela aplicação da técnica selecionada de forma remota, em resultado da pandemia da COVID-19, procurando resguardar a segurança daqueles que não se sentiram à vontade para participarem presencialmente.

Foram usados os seguintes critérios de inclusão: terem, pelo menos, 18 anos, serem residentes no município de Campinas ou em municípios vizinhos, e terem participado no evento.

Foram excluídos todos os participantes menores de 18 anos e indivíduos que não quiseram participar, além daqueles que não concluíram todo o percurso proposto para o evento.

No que diz respeito às questões 1 (Sabe o que é o *Dark Tourism* ou Turismo Assombrado?) e 2 (Se respondeu sim na pergunta anterior, pode, por favor, escolher a definição?) do questionário, todos os inquiridos responderam conhecer o conceito de *Dark Tourism*, ou, pelo menos, possuir algum conhecimento sobre o tema. Quando foram questionados para indicar a resposta assertiva, 19 optaram pela opção mais adequada (Tabela 1) e apenas 1 dos participantes assinalou outra alternativa. A opção correta mencionava que se trata de um “Turismo destinado a cenários mórbidos, visitas a memoriais e cemitérios”.

Tabela 3 – Resposta à questão 2 (Se respondeu sim na pergunta anterior, pode, por favor, escolher a definição?)

Turismo de aventura, recreativo	1
Turismo destinado a cenários mórbidos, cemitérios	19
Turismo destinado a peregrinação, religioso	0
Ecoturismo, turismo natural	0

Fonte: elaboração pela autora da presente dissertação.

O interesse dos turistas pelo *Dark Tourism* possibilita às comunidades locais participarem diretamente no desenvolvimento turístico (Causevic & Lynch, 2008). Pudemos confirmar este pressuposto através do grupo que participou nas atividades propostas e nas demais colaborações fundamentais dos organizadores do evento e do DTC. Desta forma, através da aplicação do inquérito por questionário e do inquérito por entrevista, conseguimos perceber que existe uma maneira eficaz de valorizar o reconhecimento de mitos, lendas e características de locais de sofrimento, assim como de recursos que se encontram abandonados na cidade e que poderiam ser mais bem preservados e explorados.

A seguir solicitamos que nos indicassem se reconheciam alguns lugares, tradicionalmente ligados ao *Dark Tourism* através da questão 3 [Conhece um ou mais dos locais apresentados a seguir (assinale as respostas que quiser)]. Os participantes tinham liberdade para assinalar mais de uma alternativa, no sentido de identificarmos seus conhecimentos dos a respeito de cenários mórbidos. Os resultados foram os seguintes: 13 respostas revelaram conhecer algum cemitério ou túmulo de personalidades; 9 inquiridos escolheram as opções Auschwitz, Casa de Anne Frank e o Marco Zero das Torres Gêmeas. Os resultados obtidos estão contidos na Tabela 4.

Tabela 4 – Resposta à questão 3 [Conhece um ou mais dos locais apresentados a seguir (assinale as respostas que quiser)]

Campo de Concentração de Auschwitz - Polónia	9
Marco Zero (Memorial Torres Gêmeas) – USA	9
Memorial de Hiroshima – Japão	6
Usina Nuclear de Chernobyl – Ucrânia	5
Casa de Anne Frank – Holanda	9
Museu do Genocídio - Camboja	1
Catacumbas dos monges Capuchinhos – Itália	0
Cemitérios e túmulos de personalidades	13

Fonte: elaboração pela autora da presente dissertação.

Na quarta questão, os participantes foram inquiridos sobre locais associados ao *Dark Tourism* que tinham interesse em visitar em alguma oportunidade durante a sua vida.

Tabela 5 – Resposta à questão 4 (Se pudesse escolher um destino de “Turismo Assombrado” para visitar hoje, qual ou quais seriam?)

Campo de Concentração de Auschwitz - Polónia	12
Marco Zero (Memorial Torres Gêmeas) – USA	5
Memorial de Hiroshima – Japão	5
Usina Nuclear de Chernobyl – Ucrânia	7
Casa de Anne Frank – Holanda	9
Museu do Genocídio - Camboja	1
Catacumbas dos monges Capuchinhos – Itália	5
Cemitérios e túmulos de personalidades	8

Fonte: elaboração pela autora da presente dissertação.

O local mais escolhido por 12 dos inquiridos foi o Campo de Concentração de Auschwitz, na Polónia. Nove inquiridos escolheram a Casa de Anne Frank, na Holanda, enquanto 8 elegeram os cemitérios e túmulos de personalidades. Por último, com apenas 1 voto, ficou o museu do Genocídio no Camboja.

As atrações de turismo assombrado estão relacionadas com a morte e com o sofrimento em diferentes graus de intensidade podendo ser atribuídas a fatores espaciais e temporais (Miles, 2002). Isso pode explicar a principal atração escolhida ter sido o campo de concentração de Auschwitz, a qual remete para o genocídio praticado pelos nazistas contra diversos povos durante a Segunda Guerra Mundial. A visita a Auschwitz é atualmente proporcionada como uma excursão de férias, uma atividade escolar fora das rotinas de salas de aula.

No espaço em que era permitido escolher outros locais associados ao *Dark Tourism*, encontramos uma grande diversidade de respostas, como por exemplo, o Castelo de Edimburgo (Escócia); Vila de *Braamshott* (Inglaterra); Castelo de *Charleville* (Irlanda); Hotel *Stanley* (EUA); as catacumbas de Paris (França); o Cemitério de Londres (Inglaterra); o Cemitério do Soldado Americano (EUA); Melbourne *General Cemetery* (Austrália); e o Cemitério Mexicano no Dia dos Mortos. Um dos inquiridos fez questão de criticar a carência deste tipo de modalidade turística no Brasil, ou seja, sobre esses espaços de memória *dark*.

Fiz turismo pela Holanda e Escócia e lá no “Turismo Clássico”, eles não contam apenas o belo, eles contam também sobre tempos de morte, pandemias, assassinatos e escravidão. E eu tenho carência desse tipo de turismo em minha cidade. Tenho muito interesse em cemitérios, principalmente aqueles que já foram abandonados e não utilizados (P-14).

Outro relato demonstra o seu interesse pelo *Dark Tourism* como secundário:

Acredito que meu interesse no Dark Tourism é secundário, nascido pelo desejo em explorar e conhecer locais decadentes, destruídos e abandonados. Tenho para mim que ambos os interesses caminham sempre juntos, talvez pela carga emocional ou histórica associada aos mesmos (P-13).

Na quinta questão, indagamos se os participantes conheciam canais destinados ao *Dark Tourism* e, caso a resposta fosse afirmativa, quais e se os seguiam. A maioria dos que responderam de forma positiva afirmou seguir o canal “O que te Assombra” no *Instagram*. Os questionários apontaram que 7 inquiridos optaram por responder sim e 13 responderam que não o faziam.

Na sexta questão procurou-se identificar os cenários mórbidos mais conhecidos no Brasil por parte dos participantes (Tabela 6).

Tabela 6 – Resposta à questão 6 (Conhece algum cenário de Dark Tourism no Brasil?)

Castelinho da Rua Apa	4
Edifício Joelma	8
Memórias que representam morte. Ex: <i>Boate Kiss</i>	5
Antigas prisões e/ou senzalas	11
Museus de tortura	5
Cemitérios	9

Fonte: elaboração pela autora da presente dissertação.

As antigas prisões e senzalas apareceram em 11 questionários, provavelmente pelo passado escravagista brasileiro e a sua inscrição na memória coletiva. Os cemitérios foram apontados 9 vezes, talvez por existirem em todas as cidades e devido à facilidade de os visitar. O Edifício Joelma (que se localiza em São Paulo) foi identificado 8 vezes e chamou-nos a atenção porque a sua lembrança envolve principalmente os respondentes que já eram nascidos na década de 1970, que foi o ano do acidente.

Foram identificados 5 vezes os museus destinados à tortura e o memorial da tragédia ocorrida na *Boate Kiss* no dia 27 de janeiro de 2013, na qual morreram 242 pessoas.

Por último, com 4 menções, aparece o Castelinho da Rua Apa, localizado na cidade de São Paulo, palco de um dos crimes mais famosos da cidade: o irmão mais novo e a mãe foram mortos a tiros pelo irmão, que, em seguida, se suicidou. O motivo certo da tragédia nunca fora esclarecido (Silveira Santos, 2012).

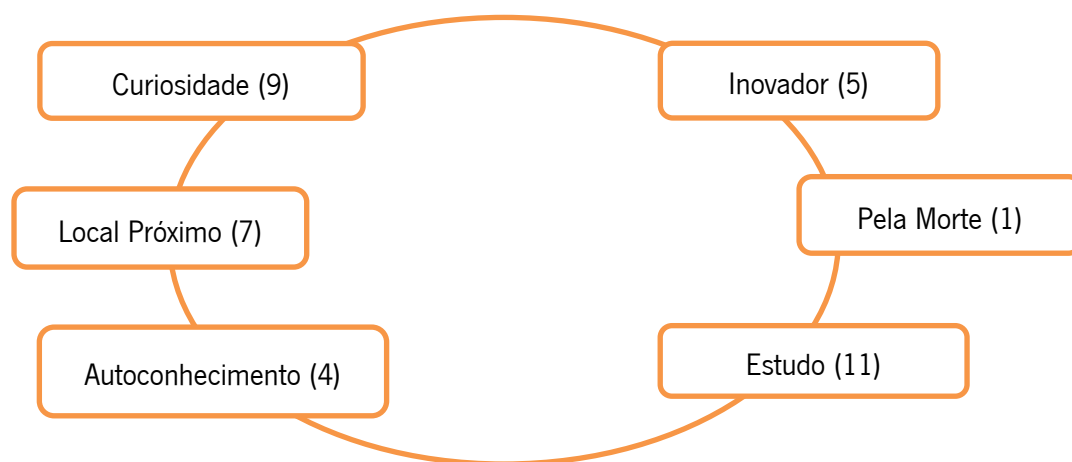
Quando questionados se conheciam algum destino de *Dark Tourism* em Campinas, 18 inquiridos apontaram que sim e 2 alegaram que passaram a conhecê-los graças ao evento “O que te assombra”, demonstrando a importância da realização de programas que resgatem a cultura local.

Foi perguntado aos inquiridos se estes conheciam alguma outra atração que não fora citada através das opções “Outro(s)” e “Qual(ais)”. As respostas centraram-se nos cemitérios, principalmente os apresentados pelo evento em que participaram (12 dos inquiridos). Além dos sítios experimentados durante o evento, foi citado um caso próximo ao Aeroporto dos Amarais (periferia da cidade), em que, ainda no período imperial, teria ocorrido uma batalha, a qual ficou conhecida como “Batalha da Venda Grande”.

6.3 Motivações do turista *dark* em Campinas

Existem algumas dimensões de motivação para a realização de *Dark Tourism* (Fonseca, 2015). Dessas, escolhi seis que ficaram mais claras quanto ao inquérito por questionário que foi aplicado aos participantes no evento “Assombrações de Campinas” como demonstrado na Figura 24.

Figura 24 – Motivações de participação no evento



Fonte: elaboração pela autora da presente dissertação.

Internacionalmente, utiliza-se sobretudo o termo *Dark Tourism* para identificar essa modalidade de turismo. Porém, na pesquisa empírica, optámos pelo uso da expressão “Turismo Sombrio”, por ser uma terminologia mais apropriada ao idioma utilizado no Brasil. Contudo, é pertinente estabelecer uma classificação, tendo em comum as suas ligações com o fenómeno da morte.

Figura 25 – Três tipos de *Dark Tourism*



Fonte: elaboração pela autora da presente dissertação.

1º - O Turismo Sombrio de origem natural engloba experiências derivadas de desastres naturais e das catástrofes humanas que, de uma maneira geral, não têm uma causa humana associada. A procura turística por este tipo de locais deve-se a relatos históricos e à propaganda efetuada pela *media* sobre esses acontecimentos. Concebe-se um turismo reativo e uma procura autêntica destes sítios por parte dos indivíduos, sendo necessária à sua exploração sustentável. Podemos avançar como exemplo as exposições das ruínas do Vulcão Vesúvio (Sharpley & Stone, 2009).

2º - O Turismo Sombrio está associado a locais sem uma função turística original, mas que de alguma forma se tornaram ultrapassados da sua função original e convertidos em locais com interesse turístico. Exemplo: catacumbas (Sharpley & Stone, 2009).

3º - O Turismo Sombrio de origem humana, tornando-se criações propositadamente para esse fim e com função original e exclusivamente turística. Nestes locais, a gestão turística atua, não apenas ao nível da coordenação e dinamização, mas especialmente ao nível da criação do produto, da sua delimitação e definição e ainda da sua promoção e distribuição (Sharpley & Stone, 2009).

Sobre as motivações que levaram os turistas a participarem no evento, podemos elencar as respostas de acordo com os resultados obtidos na Tabela 7. Lembramos que os inquiridos poderiam escolher mais de uma opção de cada uma das questões.

Tabela 7 – Resposta à questão 8 (Quais foram as suas motivações para participação neste evento?)

Curiosidade	7
Por estar próximo ao local e poder visitar	7
Autoconhecimento	4
Contato com a morte	1
Por ser um turismo inovador	5
Interesse e estudo sobre o assunto	11

Fonte: elaboração pela autora da presente dissertação.

Nenhuma análise da oferta do *Dark Tourism* pode ser completa se o comportamento do turista e a procura pelo produto não forem reconhecidos. É importante para o entendimento desse fenómeno que exista uma capacidade de interrogar e investigar sobre os motivos dos turistas procurarem tais atrativos. Talvez seja esse o requisito fundamental para compreendermos e extrairmos as motivações do consumidor que se propõe realizar *Dark Tourism* (Stone, 2005).

Este estudo procurou, dentro das suas limitações, entender o *Dark Tourism* como fenómeno local, relacionando-o com o município de Campinas, numa perspectiva da oferta, que, por sua vez, poderá assumir-se como um exemplo para futuras análises das potencialidades deste segmento.

O turismo sombrio é basicamente um fenómeno comportamental, definido pelos motivos do turista e pelas particularidades de um local ou atração (Seaton, 1996). No entanto, segundo a visão de Lesley Pender e Richard Sharpley o *Dark Tourism* a uma ocorrência gerada pela procura, enquanto desconhece aspectos importantes da oferta. Ainda não está claro se o episódio do *Dark Tourism* é conduzido pela oferta da atração ou pela procura e exigências do consumidor. Assim, é importante considerar os elementos da procura e da proposta na tentativa de construir qualquer organização deste tipo de evento (Pender & Sharpley, 2005).

É importante destacar que antes de interrogar esses consumidores, existe a necessidade de apreciar integralmente a oferta do *Dark Tourism*. Os motivos dos turistas que visitam e consomem esses produtos são igualmente diversificados.

A maior motivação que levou os participantes ao evento (11 respostas) foi o interesse em aprender sobre o tema e como forma de estudo. Em seguida, cada um com sete respostas, foi mencionada a curiosidade e o facto de já estarem próximo do local do evento. O *Dark Tourism* e as suas manifestações permitem aos indivíduos satisfazerem facilmente a sua curiosidade correlacionada com a temática da morte (Sharpley & Stone, 2008). A simples visita a estes lugares cheios de atrocidade e de horror podem ser a razão de motivação da sua visita (Ashworth & Isaac, 2015).

A curiosidade despertada muitas vezes pelas histórias contadas por familiares e amigos, além da divulgação em massa nos meios de comunicação, são fundamentais para o *Dark Tourism*. Esta curiosidade mórbida (como é apelidada dentro dos parâmetros do turismo sombrio) provoca, simultaneamente, excitação e medo, fazendo com que as pessoas se sintam “forçadas” a saberem mais sobre tópicos relacionados com o macabro e a morte.

Relativamente aos efeitos provocados pelo evento, indagamos os inquiridos sobre o que mais gostaram na sua participação no evento (Tabela 8).

Tabela 8 – Resposta à questão 9: (Do que mais gostou no evento?)

Por ser um evento em que nunca participei	5
Pela história da cidade de Campinas	18
Participar, mesmo num cenário pandémico	2

Fonte: elaboração pela autora da presente dissertação.

A visita a locais relacionados com o *Dark Tourism* estimula e fornece aspetos educacionais e fortemente emocionais (Niemela, *et al.*, 2010). Inclusive, nota-se que o mais chamou a atenção dos participantes (18 dos inquiridos), foram os monumentos da cidade, destacando a história do município em que vivem.

Por se tratar de um período pandémico, nossa amostra mostra que a maior parte não participou em atividades de lazer antes deste evento, devido ao medo causado por aglomerações, que facilitavam o contágio do vírus.

Na décima questão, os inquiridos foram questionados se tinham participado em mais atividades deste tipo em períodos de pandemia. Apenas 4 inquiridos responderam que sim.

Já na décima segunda questão, perguntamos se eles acreditavam que as pessoas, durante o período da pandemia da COVID-19, passaram a procurar mais informação sobre as questões relacionadas com a morte e os cenários mórbidos. Dos 20 participantes, 8 responderam que sim e 12 responderam que não. As opiniões foram diversas, destacando seguidamente algumas narrativas.

Aumento de mortes. Proximidade maior com a morte, com cenários mórbidos. Busca pelo desconhecido, contato direto com o assunto morte, diretamente relacionado ao caos enfrentado (P-3).

Face ao quadro que a pandemia proporciona, torna as pessoas mais reflexivas sobre o tema atualmente. Na verdade, sempre foi um tema que interessou as pessoas. Acredito que tenha aumentado por conta do aumento do uso da internet. As pessoas estão descobrindo mais esse tipo de turismo. Não acredito que seja por conta da pandemia (P-1).

A Morte é um incómodo para muitos e a pandemia acentuou esse. Não é o excesso de mortes que aproxima as pessoas, mas a qualidade da educação sobre o morrer, que ainda é péssima. O interesse mantém-se linear. Acabei por não conhecer ninguém durante o passeio que tenha manifestado que a situação pandémica o fez interessar-se mais pela morte. Pelo contrário. As pessoas refletiam sobre a vida, se haviam aproveitado, o que podiam fazer para ter uma vida mais saudável (P-17).

O cotidiano da morte evoca diversas reflexões, tanto consciente, como inconsciente. Em muitos casos, refletir sobre a morte é uma forma de dignificar a vida (P-14).

Quando questionados sobre outras atividades que poderiam ser desenvolvidas no município de Campinas relacionadas com o *Dark Tourism*/Turismo Assombrado, as respostas foram as seguintes:

Tour Noturno, palestras e bate papo sobre o tema, visitar as antigas fazendas de escravos, visitas e encontros sobre o tema, visita a casas antigas e museus. Visitas a fazendas históricas, arte tumular e circuitos. Falar um pouco do período escravagista, com o intuito de contar histórias que em vida foram apagadas e que na atualidade são silenciadas. Ouvir o nome desses escravos, "dar voz" para eles e quem sabe consciencializar. Para conhecermos a cultura e a formação da nossa cidade. Acredito que na cidade há outras ocasiões e histórias ligadas ao tema, um pouco menos conhecidas, mas ao mesmo tempo tão interessantes, que poderiam ser abordadas. Poderíamos visitar histórias de Barão Geraldo, Sousas e Joaquim Egídio. Devem ter muitas histórias. Encenação, visitas noturnas (inclusive os cemitérios) e visitas regionais (P-1).

Acredito que há muito espaço para uma faceta de turismo decadente, voltado para o fim inevitável que toda área nobre das metrópoles está fadada. Muito pouco é falado sobre o passado, sobre como as coisas que ocorreram e qual foi a razão da ruína delas. Campinas é um lugar muito rico em história e certamente há de existir muitas coisas a serem exploradas neste sentido. Como me interesso mais por questões de exploração urbana, vejo o turismo em larga escala como algo prejudicial aos locais em estado de abandono. Palestras, estudos acadêmicos, visitas e publicações. Desenvolvendo outras excursões e reuniões explicando o acontecido em outras localidades da cidade. Tour noturno pela cidade, visitas a fazendas escravocratas no entorno da região (P-3).

E, por fim, 14 dos inquiridos revelaram estar satisfeitos no que se refere à curiosidade (Tabela 9), enquanto 9 participantes referiram a educação e, também, as reflexões preventivas para que erros cometidos no passado não voltem a repetir-se. Sete inquiridos optaram pela forma respeitosa no trato de temáticas sensíveis e apenas 4 escolheram a opção de evitar roteiros convencionais/tradicionais.

Tabela 9 – Resposta à questão: (Como os inquiridos acham que as pessoas vêem a temática?)

De forma respeitosa	7
Visando educação, para que não se repita	9
Por curiosidade	14
Por ser um turismo diferenciado	4

Fonte: elaboração pela autora da presente dissertação.

6.4 Notas conclusivas

O *Dark Tourism* proporciona oportunidade do turista se envolver na história e na cultura do lugar. É necessário observar o desenvolvimento do roteiro, não apenas com o objetivo de atrair turistas para a

cidade, mas como uma oportunidade para a população local conhecer, analisar e refletir sobre a sua própria história, aflorando a sensação de pertencimento e, por consequência, a preservação da memória histórica e cultural (Ribeiro, 2013).

Outro aspeto fundamental que deve ser acautelado quando se perspetiva a organização de um evento de carácter *Dark* é deixar clara a forma como é exposta a realidade do local, sem recorrer a estereótipos que possam agredir a identidade local, para não causar reações negativas durante a execução de determinado roteiro.

Os questionários aplicados aos participantes visavam identificar quais os sentimentos e reações que o roteiro poderia causar nos indivíduos. Mediante essa identificação, podemos afirmar que as respostas foram positivas no que diz respeito à maioria dos inquiridos, pois estes demonstraram que seria uma oportunidade de aprender sobre a história e por despertar um sentimento de curiosidade. Foi assumido como uma possibilidade de transmitir à comunidade uma oportunidade de se fazer turismo e ao mesmo tempo aprofundar conhecimentos acerca da cultura local a partir de narrativas sobre os factos e de forma coerente e respeitosa.

Considerações finais

O *Dark Heritage* e o *Dark Tourism* possuem traços peculiares que possibilitam uma forma de turismo alternativo, ligado ao conceito de morte. De facto, é visível o encantamento provocado pelo lado obscuro da natureza humana (Stone, 2005).

É cada vez maior o interesse académico pelo tema nos últimos anos, contribuindo para que o *Dark Heritage* e o *Dark Tourism* se tornem objetos de investigação e análise.

Do ponto de vista mercadológico, descobriu-se o potencial do *Dark Tourism* de atrair um público para sítios específicos, além do seu poder criativo de entretenimento, dada a diversidade temática que pode ser oferecida (Farmaki, 2013). Desta forma, a integração desta opção de turismo no município de Campinas partiu da premissa de que deveria aproveitar os elementos locais para iniciar a oferta deste tipo de *tour* aos seus residentes e interessados no assunto.

No Brasil, esta modalidade de turismo ainda não é comum na grande maioria das cidades e Estados. Poucos organizadores, empresas e órgãos públicos demonstram interesse em desenvolver algo ligado ao conceito *Dark*, embora, quando são ofertados, são bastante procurados por diferentes tipos de público. O evento pioneiro no qual pudemos participar e analisar no município de Campinas, Estado de São Paulo, disponibilizou um produto turístico associado à história da cidade e ao conceito de morte, atraindo o público através dos seus contos “assombrados”. Conseguiu cumprir os seus objetivos de entretenimento cultural, respondendo às variadas motivações dos seus participantes.

Negligenciar a morte é ignorar um dos poucos padrões universais sobre o qual tanto o eu coletivo como o individual é edificado. Portanto, a divulgação e implementação do *Dark Tourism* em Campinas é positiva, porque é capaz de provocar reflexões profundas e necessárias. Além disso, é uma forma eficaz de promover a valorização e demonstração de recursos que ainda não foram explorados, assim como resgatar a memória de histórias que poderiam perder-se no tempo, pois dependiam apenas de tradições orais.

Promover a divulgação do *Dark Tourism* através do projeto “Assombrações de Campinas” é uma forma de motivar outros municípios a aproveitarem as suas potencialidades e, quem sabe, promover uma maior integração cultural.

A elaboração desta dissertação propôs uma revisão da literatura relacionada com o turismo, principalmente o *Dark Tourism*, analisando estudos já publicados, diversos tipos de materiais e fontes. Seguiu-se um processo de inquirição, quer por questionário (aos participantes), quer por entrevista, tanto aos membros organizadores do evento, como o DTC da cidade.

O desenvolvimento desta investigação foi de muito grado, mas também desafiante. Foram várias as dificuldades. No início estávamos a residir em Portugal e tivemos que reorientar o estudo por termos

regressado ao Brasil, devido a questões pessoais e relacionadas com a pandemia. Mesmo assim, com todos os percalços, foi possível encontrar uma solução para o estudo empírico a realizar.

Não obstante a redefinição do nosso estudo, foi difícil encontrar documentos relacionados com o tema devido à inexistência de pesquisas deste tipo na cidade de Campinas, mas que possibilitou darmos um contributo para a abordagem do *Dark Tourism* no Brasil.

Durante o acompanhamento da execução do evento turístico abordado neste trabalho, foi possível perceber que o *Dark Tourism* tem grande aceitação e ficou claro o prazer despertado pelo tema e o gosto das pessoas pela história da cidade.

O *Dark Tourism* é peculiar, uma forma de turismo diferenciado e dinâmico quando comparado com outras modalidades já existentes. Percebe-se uma possibilidade futura de expansão, dado o interesse e motivação do seu público, abrindo caminhos para novas realizações e futuros estudos que comprovem a viabilidade de implementação do *Dark Tourism* no município de Campinas, assim como em toda a região.

Por serem sítios importantes e de memória, também foram abordadas questões éticas e educacionais, reafirmando que é nosso dever criar meios para que a humanidade se recorde de atrocidades cometidas no passado, tragédias naturais e desastres que causaram dor e sofrimento, para que estes não se repitam, ou para que, pelo menos, estejamos melhor preparados para enfrentá-los.

É muito importante refletir a respeito da transformação de lugares sombrios em ativos económicos, tratando com cautela e evitando a banalização destes locais, assim como o seu consumo de forma irrefletida. As histórias podem ser manipuladas, teatralizadas e recontadas de acordo com interesses particulares dos envolvidos. Daí a importância do escrutínio, principalmente por parte do público, para que tais apropriações turísticas sejam feitas de maneira séria e responsável, respeitando a história por detrás daquilo que será apresentado.

A nossa pesquisa propõe um plano de ação para ajudar, a curto e a médio prazo, a possibilidade de crescimento desta vertente turística no município de Campinas e municípios contíguos, atraindo um maior número de turistas.

Embora a predominância do turismo de Campinas seja o de negócios, devemos aproveitar novas oportunidades para mostrar a sua potencialidade. Consideramos relevante que as empresas turísticas regionais tragam mais ofertas como essa, explorando ainda mais cada um desses lugares e até outros ainda inexplorados.

E, por fim, para atrair um maior número de turistas mórbidos, acreditamos que os agentes locais deveriam cada vez mais publicitar esse tipo de roteiro, contribuindo para uma maior diversidade económica do município e um maior desenvolvimento local.

Bibliografia

Artigos Científicos, Dissertações de Mestrado, Teses de Doutorado

- Abranja, N. A., Alcântara, A. A., Marques, A. P., & Ferreira, R. V. (2012). Conhecimento e práticas do Turismo Cemiterial: um mercado emergente no setor. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 3 (17/18), pp. 1285-1297.
- Ahmed, M. Z., Ahmed, O., Aibao, Z., Hanbin, S., Siyu, L., & Ahmad, A. (2020). Epidemic of COVID-19 in China and associated psychological problems. *Asian Journal of Psychiatry*, 51, 102092.
- Anico, M. (2008). Representing identities at local municipal museums: cultural forums or identity bunkers? *Heritage and Identity*, pp. 75-87.
- Ashworth, G. J., & Isaac, R. K. (2015). Have we illuminated the dark? Shifting perspectives on 'dark' tourism. *Tourism Recreation Research*, 40(3), pp. 316-325.
- Barbosa, G. C., & Ferrão, A. M. de A. (2020). Refuncionalização de fazendas de café a partir da atividade turística em Campinas (SP). *Terrae Didatica*, 16, e020023-e020023.
- Beni, M. C. (2020). Turismo e Covid-19: Algumas Reflexões/Tourism and COVID-19: Some Reflections. *Rosa dos Ventos-Turismo e Hospitalidade*, 12(3), p. 1-23.
- Berto, A., & Tomina, J. (1988). Passarelas elevadas e outras rotas alternativas de fuga para a adaptação de segurança contra incêndio de edifícios altos de escritório. *Tecnologia de Edificações*. Editora Pini. São Paulo.
- Biran, A., Poria, Y., & Oren, G. (2011). Sought experiences at (dark) heritage sites. *Annals of tourism research*, 38(3), pp. 820-841.
- Braithwaite, D., & Lee, Y. L. (2006). Dark tourism, hate and reconciliation: The Sandakan experience. *International Institute for Peace Through Tourism Occasional Paper*, 8.
- Bristow, R. S., & Newman, M. (2005). Myth vs. fact: An exploration of fright tourism. In *Bricker, Kelly, comp., ed. 2005. Proceedings of the 2004 Northeastern Recreation Research Symposium. Gen. Tech. Rep. NE-326. Newtown Square, PA: US Department of Agriculture, Forest Service, Northeastern Research Station*: pp. 215-221.
- Brito, M. V. (2018). A política de patrimônio francesa: esboçando seu passado e presente. *Revista CPC*, 13(25), pp. 86-111.
- Brown, S., McDonagh, P., & Shultz, C. (2012). "Dark marketing: ghost in the machine or skeleton in the cupboard?", *European Business Review*, 24 (3), pp. 196-215.

- Carù, A., & Cova, B. (2007). Consumer immersion in an experiential context. *Consuming experience*, pp. 34-47.
- Carvalho, L. F. N. D. (2010). Entre a Lembrança e o esquecimento: implicações do descaso patrimonial para arte funerária do Rio Grande do Sul. *Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas "entre territórios"*, 19, pp. 540-553.
- Causevic, S., & Lynch, P. A. (2008). Tourism development and contested communities: the issue of Belfast, Northern Ireland. *EspacesTemps*, 17 (7), pp. 54-77.
- Cavalcante, L. E., & Dias, E. L. (2001). O mercado de informação no setor turístico brasileiro. *Informação & Informação*, 6, (2), p. 121-129.
- Cavalcanti, K. B., & de Menezes Venâncio, M. D. G. (1995). Repensando o crescimento do turismo no Nordeste a partir da intervenção do Estado. *Revista de Administração Pública*, 29(1), 101-a.
- Chagas, M. M. das (2014). Avaliação dos impactos sócio-econômicos do turismo gerados pelo setor hoteleiro: uma análise dos hotéis da Via Costeira–Natal/RN. *Revista Espaço Acadêmico*, 13(153), pp. 93-104.
- Chomsky, N. (2002). A nova guerra contra o terror. *Estudos Avançados*, 16(44), pp. 5-33.
- Corá, M. A. J. (2014). Políticas públicas culturais no Brasil: dos patrimônios materiais aos imateriais. *Revista de Administração Pública*, 48(5), pp. 1093-1112.
- Cruz, R. D. C. A. da (2005). Políticas públicas de turismo no Brasil: território usado, território negligenciado. *Geosul*, 20(40), pp. 27-43.
- Cruz, R. D. C. A. da (2020). O evento da Covid-19 e seus impactos sobre o setor turismo: em busca de uma análise multi e trans-escalar. *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*, 14(4), pp. 1-15.
- Delgado, M. (2006). "Ciudades de Mentira: El turismo cultural como estrategia de disactivación urbana", *Archipelago*, 68, pp.17-28.
- Dweck, M. R., Bularga, A., Hahn, R. T., Bing, R., Lee, K. K., Chapman, A. R., ... & Haugaa, K. (2020). Global evaluation of echocardiography in patients with COVID-19. *European Heart Journal-Cardiovascular Imaging*, 21(9), pp. 949-958.
- Farmaki, A. (2013), Dark tourism revisited: a supply/demand conceptualisation, *International Journal of Culture, Tourism and Hospitality Research*, 7 (3), pp. 281-292.
- Fernandez, A., & Fernandez, M. (2017). Sobre a dissonância cognitiva, o autoengano e a ignorância autoimposta. *Revista*, 50, pp. 4-6.
- Ferreira, K. M. (2016). *Turismo macabro: uma possibilidade na Fortaleza de Santa Cruz, Niterói-RJ*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal Fluminense.

- Foley, M., & Lennon, J. J. (1996a). Editorial: Heart of darkness. *International Journal of Heritage Studies*, 2(1), pp. 195-197.
- Foley, M., & Lennon, J. J. (1996b). JFK and dark tourism: A fascination with assassination. *International Journal of Heritage Studies*, 2(4), pp. 198-211.
- Foley, M., & Lennon, J. J. (1999). Interpretation of the unimaginable: The US Holocaust Memorial Museum, Washington, DC, and “dark tourism”. *Journal of Travel Research*, 38(1), pp. 46-50.
- Fonseca, A. P. S. D. (2015). *Projeto de Dark Tourism para a cidade de Viseu*. Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Viseu.
- Foucault, M. (2004). Des espaces autres. *Empan*, (2), pp. 12-19.
- Fraga, N. C., Chietto, J. P., Souza, C. V. M., & Lima, R. O. R. (2020). Por uma geografia do contestado Paranaense. In *Congresso Brasileiro da Guerra do Contestado; Colóquio de Geografias Territoriais Paranaenses e Semana de Geografia da UEL*, 2, pp. 65-82.
- Frasquilho, D., Matos, M. G., Salonna, F., Guerreiro, D., Storti, C. C., Gaspar, T., & Caldas-de-Almeida, J. M. (2015). Mental health outcomes in times of economic recession: a systematic literature review. *BMC Public Health*, 16(1), pp. 1-40.
- Freire-Medeiros, B. (2007). A favela que se vê e que se vende: reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 22, pp. 61-72.
- Godoy, A. B. de (2015). Arquivos de Barbacena, a Cidade dos Loucos: o manicômio como lugar de aprisionamento e apagamento de sujeitos e suas memórias. *Revista Investigações*, 27(2), pp. 1-38.
- Gomes, C. L. (2011). Estudos do Lazer e geopolítica do conhecimento. *LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, 14(3), pp. 17-19.
- Gössling, S., Scott, D., & Hall, C. M. (2020). Pandemics, tourism and global change: a rapid assessment of COVID-19. *Journal of Sustainable Tourism*, 29(1), pp. 1-20.
- Gotham, K. F. (2005). Tourism gentrification: The case of New Orleans' vieux carre (French Quarter). *Urban Studies*, 42(7), pp. 1099-1121
- Guimarães, V. L. (2013). Pesquisa em turismo estado da arte da produção científica em história do turismo no Brasil. *Gestión Turística*, (19), pp. 85-106.
- Haddad, E. A., Porsse, A. A., & Rabahy, W. (2013). Domestic tourism and regional inequality in Brazil. *Tourism Economics*, 19(1), pp. 173-186.
- Hallal, D. R., Guimarães, V. L., & de Alencar Feitoza, I. A. (2021). Exposição Virtual: processo de concepção, planejamento e execução da exposição “Percurso da História do Turismo no Brasil”. *Turismo, Sociedade & Território*, 3(1), e27022-e27022.
- Hartog, F. (2006). Tempo e patrimônio. *Varia história*, 22, pp. 261-273.

- Henderson, J. C. (2000). War as a tourist attraction: the case of Vietnam. *International Journal of Tourism Research*, 2(4), pp. 269-280.
- Henning, P. (2021). A pós-modernidade e o patrimônio cultural edificado: questões contemporâneas e seu impacto na formação do cidadão. *Revista Dialectus*, 22, pp. 64-83.
- Herk, I. E. van, Arendzen, J. H., & Rispens, P. (1998). Ten-metre walk, with or without a turn? *Clinical Rehabilitation*, 12(1), pp. 30-35.
- Ikeda, A. T., & Pellegrini Filho, A. (2008). Celebrações populares: do sagrado ao profano. *Terra paulista: histórias, artes, costumes*, 3, pp. 87-102.
- Jacobsen, M. H. (2016). "Spectacular death": Proposing a new fifth phase to Philippe Ariès's admirable history of death. *Humanities*, 5(2), p. 19.
- Jahnke, L. T., Willani, S. M. U., & de Araújo, T. L. R. (2013). O IPTU verde: práticas sustentáveis trazem benefícios financeiros à população. *Revista Eletrônica do Curso de Direito*, 8, pp. 413-423.
- Jong, H. K. (2014). The antecedents of memorable tourism experiences. *Tourism Management*, 44, pp. 34-45.
- Krisjanous, J. (2016). An exploratory multimodal discourse analysis of dark tourism websites: Communicating issues around contested sites. *Journal of Destination Marketing & Management*, 5(4), pp. 341-350.
- Lapa, J. R. A. (1976). História de Campinas: a tarefa para os próximos dez anos. *Revista de História*, 54(107), pp. 221-240.
- Light, D. (2017). Progress in dark tourism and thanatourism research: An uneasy relationship with heritage tourism. *Tourism Management*, 61, pp. 275-301.
- Linhares, M. B. M., & Enumo, S. R. F. (2020). Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. *Estudos de Psicologia*, 37, pp. 2-3.
- Londres, C. (2007). O patrimônio histórico na sociedade contemporânea. *RIHGB*, 166, pp. 165-175.
- Lowenthal, D. H., & Kenneth, A. R. (1985). Regional sources of pollution aerosol at Barrow, Alaska during winter 1979–1980 as deduced from elemental tracers. *Atmospheric Environment* (1967), 19(12), pp. 2011-2024.
- Magee, R., & Gilmore, A. (2015). Heritage site management: from dark tourism to transformative service experience? *The Service Industries Journal*, 35(15-16), pp. 898-917.
- Mahrouse, G. (2016). War-zone tourism: thinking beyond voyeurism and danger. *An International Journal for Critical Geographies*, 15(2), pp. 330-345.
- Maia, B. R., & Dias, P. C. (2020). Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. *Estudos de Psicologia*, 37, pp. 1-2.

- Manhães, B. C. R., & Locatelli, A. C. D. (2011). Questão de educação: como o Turismo ensina? *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*, 6(1), pp. 9-11.
- Martins, A. R. (2011). *Requalificação urbana: a fazenda Roseira e a comunidade Jongó Dito Ribeiro Campinas/SP*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Martins, V. (2015). Cidade-laboratório: Campinas e a febre amarela na aurora republicana. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 22, pp. 507-524.
- Mecca, M. S., & Gedoz, M. G. D. A. (2020). Covid-19: reflexos no turismo. *Rosa dos Ventos*, 12(3), pp. 1-5.
- Melo, S. N. (1999). *Meio ambiente do trabalho, direito fundamental*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Miles, W. F. (2002). Auschwitz: Museum interpretation and darker tourism. *Annals of Tourism Research*, 29(4), pp. 1175-1178.
- Miranda, F. S. M. P. (2013). Genocídio no Camboja, a Instalação de um Tribunal Penal Internacional Inócuo e a Preservação da Memória. *Revista Virtual Direito Brasil*, 7(2), pp. 1-48.
- Monteiro, A. L. V. (2010). *Turismo e território. Litoral Alentejano. Turismo como meio de desenvolvimento de pequenos aglomerados urbanos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura.
- Morgan, N., & Pritchard, A. (2005). On souvenirs and metonymy: Narratives of memory, metaphor and materiality. *Tourist Studies*, 5(1), pp. 29-53.
- Netto, R. G. F., & Nascimento Corrêa, J. W. do (2020). Epidemiologia do surto de doença por coronavírus (COVID-19). *Desafios-Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins*, 7 (Especial-3), pp. 18-25.
- Neves, M. M. (2020). *Dark Tourism como uma experiência educacional: análise da potencialidade turística sobre a revolta dos búzios em Salvador, Bahia-Brasil*. Dissertação de Mestrado, Universidade Europeia, Faculdade de Turismo e Hospitalidade.
- Niemela, J., Saarela, S. R., Söderman, T., Kopperoinen, L., Yli-Pelkonen, V., Väre, S., & Kotze, D. J. (2010). Using the ecosystem services approach for better planning and conservation of urban green spaces: a Finland case study. *Biodiversity and Conservation*, 19(11), pp. 3225-3243.
- Nogueira, L. W. (2006). Música e Política: o caso de Carlos Gomes. In XV Congresso da ANPPOM, pp. 244-249.
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, 10, pp. 7-21.

- Oliveira, M. C. M. D. (2001). Organização escolar no início do século XX: o caso do Paraná. *Educar em Revista*, 18, pp. 145-155.
- Pacico, J. C., & Bastianello, M. R. (2014). As origens da psicologia positiva e os primeiros estudos brasileiros. *Avaliação em psicologia positiva*, pp. 13-21.
- Pina Cabral, J. de, Feijó, R. G., Nunes, J. A., Coelho, M., & Gonçalves, A. M. (1987). A casa do Noroeste— introdução e comentários a um encontro pluridisciplinar. *Análise Social*, 23(95) pp. 151-163.
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Revista de Estudos Históricos*, 2(3), pp. 3-15.
- Potts, T. J. (2012). 'Dark tourism' and the 'kitschification' of 9/11. *Tourist Studies*, 12(3), pp. 232-249.
- Prezzi, A. D. S. (2009). Turismo sombrio: uma viagem em busca do inusitado. *GTH - Faculdade de Turismo e Hotelaria, SGT - Curso de Graduação em Turismo - Bacharelado - Niterói, SGT - Trabalhos de Conclusão de Curso - Niterói*, pp.10-57.
- Provedel, A. (2020). *The business opportunity of Internet of Things to tackle air pollution through traffic management in Europe*. Doctoral Dissertation, Católica Lisbon.
- Querioz, J. F. F. (2002) *Os cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal. Consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória*. Tese de Doutorado em História da Arte, Universidade do Porto.
- Queiroz, J. F. F. (2005). Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal. *Anuário*, 21, pp. 7-12.
- Quezada, R. L., Talbot, C., & Quezada-Parker, K. B. (2020). From bricks and mortar to remote teaching: A teacher education program's response to COVID-19. *Journal of Education for Teaching*, 46(4), pp. 472-483.
- Ramos, D. M., & Costa, C. M. (2017). Turismo: tendências de evolução. *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, 10(1), pp. 21-33.
- Ribeiro, S. H. L. (2013). Turismo macabro: um estudo sobre o segmento e seu reconhecimento como atividade de lazer, cultura e conhecimento. *GTH - Faculdade de Turismo e Hotelaria, SGT - Curso de Graduação em Turismo - Bacharelado - Niterói*, pp. 78-95.
- Richards, G. (2011). Creativity and tourism: The state of the art. *Annals of Tourism Research*, 38(4), pp. 1225-1253.
- Ricoeur, P. (2007). Memória, storia, oblio. Lettera. *Rivista trimestrale europea*. 91 (1), pp. 1000-1004.
- Rodrigues, J. H. (1979). Varnhagen. O Primeiro Mestre da historiografia brasileira (1816-1878). *Revista de História de América*, (88), pp. 93-122.
- Ryan, R. M. (2007). Motivation and emotion: A new look and approach for two reemerging fields. *Motivation and Emotion*, 31(1), pp. 1-3.

- Santos, M. C. T. M. (2000). Museu e comunidade: uma relação necessária. *Biológico*, 62(2), pp. 219-224.
- Santos, P. R. S. dos, Einhardt, A. C. M. C., & Velasco, G. (2018). A pesca artesanal da miragaia (*Pogonias cromis*, Sciaenidae) no estuário da Lagoa dos Patos, Brasil. *Boletim do Instituto de Pesca*, 42(1), pp. 89-101.
- Seaton, A. V. (1996). Guided by the dark: From thanatopsis to thanatourism. *International Journal of Heritage Studies*, 2(4), pp. 234-244.
- Seaton, A. V. (1999). War and thanatourism: Waterloo 1815–1914. *Annals of Tourism Research*, 26(1), 130-158.
- Seligmann-Silva, M. (2000). Auschwitz: história e memória. *Pro-posições*, 11(2), pp. 78-87.
- Shackley, M. (2001). Sacred world heritage sites: Balancing meaning with management. *Tourism Recreation Research*, 26(1), pp. 5-10.
- Sharpley, R., & Stone, P. (2008). Consuming dark tourism: A thanatological perspective. *Annals of Tourism Research*, 35(2), pp. 574-595.
- Silveira Santos, Lúcia Oliveira da. Turismo tétrico na cidade de São Paulo. *Anais do IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo da Universidade Anhembi Morumbi*.
- Sousa Coelho, R. P. de (2013). *Grandes Esperanças: A implantação do Sistema Único de Assistência Social na Região Metropolitana de Campinas*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- Sousa Coelho, R. P. de (2014). A formação de um território desigual: uma breve história de Campinas (1774-1930). *Universitas*, 7(13), pp. 63-77.
- Stone, P. R. (2005). Dark tourism-An old concept in a new World. *Tourism*, 125(20), pp. 1-4.
- Stone, P. R. (2006). A dark tourism spectrum: Towards a typology of death and macabre related tourist sites, attractions and exhibitions. *Tourism: An International Interdisciplinary Journal*, 54(2), pp. 145-160.
- Stone, P. R. (2012). Dark tourism and significant other death: Towards a model of mortality mediation. *Annals of Tourism Research*, 39(3), pp. 1565-1587.
- Strange, C., & Kempa, M. (2003). Shades of dark tourism: Alcatraz and Robben Island. *Annals of Tourism Research*, 30(2), pp. 386-405.
- Teixeira, P. E. (2002). O processo migratório na formação de Campinas: 1765-1830. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 19(1), pp. 75-93.
- Thompson, B. (2014). Memória e exaltação da vida no cemitério monumental. *Revista Sociais e Humanas*, 27(3), pp. 89-107.
- Toledo, E. (2017). Um ano extraordinário: greves, revoltas e circulação de ideias no Brasil em 1917. *Estudos Históricos*, 30, pp. 497-518.

- Tsionas, M. G. (2020). COVID-19 and gradual adjustment in the tourism, hospitality, and related industries. *Tourism Economics*, 12, pp. 1829-1832.
- Tunbridge, J. E., & Ashworth, G. J. (1996). *Dissonant heritage. The Management of the Past as a Resource in Conflict*. Published online by Cambridge University Press: 29 January 2014
- Urry, J. (1995). How societies remember the past. *The Sociological Review*, 43, pp. 45-65.
- Urry, J. (2005). The complexity turn. *Theory, Culture & Society*, 22(5), pp. 1-14.
- Xiang, Y. T., Yang, Y., Li, W., Zhang, L., Zhang, Q., Cheung, T., & Ng, C. H. (2020). Timely mental health care for the 2019 novel coronavirus outbreak is urgently needed. *The Lancet Psychiatry*, 7(3), pp. 228-229.
- Wilder-Smith, A., & Freedman, D. O. (2020). Isolation, quarantine, social distancing and community containment: pivotal role for old-style public health measures in the novel coronavirus (2019-nCoV) outbreak. *Journal of travel medicine*. 27(2), p. 1-4.
- Young, C., & Light, D. (2016). Interrogating spaces of and for the dead as 'alternative space': cemeteries, corpses and sites of Dark Tourism. *International Review of Social Research*, 6(2), pp. 61-72.
- Zhang, Y. Z., & Holmes, E. C. (2020). A genomic perspective on the origin and emergence of SARS-CoV-2. *Cell*, 181(2), pp. 223-227.

Livros

- Almeida, M. A. P. de (2014). A memória oral na construção de imagens da revolução no Alentejo. In *A memória oral na construção de imagens da revolução no Alentejo*, Grupo de estudos do Trabalho e dos Conflitos Sociais do IHC, FCSH, UNL, pp. 128-142.
- Andrade, J. P. de (Ed.). (2008). *A economia do turismo no Brasil*. Distrito Federal: Senac.
- Ariès, P. (1990). *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Assmann, J. (2006). *La distinción mosaica*. Madrid: Ediciones AKAL.
- Assunção, P. da (2012). *História do turismo no Brasil entre os séculos XVI e XX: viagens, espaço e cultura*. Barueri: Editora Manole.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições, 70.
- Barreto, M. (1991). *Planejamento e Organização em Turismo*. Campinas: Editora Papirus.
- Becker, B. K. (1995). *Levantamento e avaliação da política federal de turismo e seu impacto na região costeira* (Vol. 3). Brasília: Programa Nacional do Meio Ambiente.
- Beni, M. C. (2019). *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: Senac.
- Benhamou, F. (2017). *Economia do patrimônio cultural*. São Paulo: Edições Sesc.

- Bird, G., Westcott, M., & Thiesen, N. (2018). Marketing dark heritage: Building brands, myth-making and social marketing. In *The Palgrave handbook of dark tourism studies*. London: Palgrave Macmillan, London.
- Booth, K., & Dunne, T. (2002). *Worlds in collision: terror and the future of global order*. London: Palgrave Macmillan.
- Bosi, A. (1974). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix.
- Boullón, R. C. (2002). *Planejamento do espaço turístico*. Caxias do Sul: Edusc.
- Carneiro, D. (1934). *O Cerco da Lapa e seus heróis*. Rio de Janeiro: Ravaro.
- Choay, F. (2001). *A alegoria do patrimônio, Estação Liberdade*. São Paulo: Editora UNESP (Universidade Estadual Paulista).
- Cirlot, J. E. D. D. S. (1984). *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes.
- Clifford, J. (1997). *Routes: Travel and translation in the late twentieth century*. Massachusetts: Harvard University Press.
- Costa, C., Panyik, E., & Buhalis, D. (Eds.). (2013). *Trends in European tourism planning and organisation* (Vol. 60). Bristol: Channel View Publications.
- Delumeau, J., & Machado, M. L. (2003). *O que sobrou do paraíso?* São Paulo: Companhia das Letras.
- Dencker, A. D. F. M. (2015). Pesquisa de mercado em turismo: identificação de novos segmentos. In *Produtos turísticos e novos segmentos de mercado: planejamento, criação e comercialização*. Barueri: Manole.
- Durkheim, E. (2001). *The elementary forms of religious life*. Oxford: University Press.
- Esteves, A. P. L. (2020). *As epidemias e a memória histórica*. Braga: UMinho Editora.
- Ferraz, J. A. (1992). *Regime jurídico do turismo*. Campinas: Editora Papyrus.
- Ferro, M. (1988). *A história vigiada*. São Paulo: Martins Fontes.
- Festinger, L. (1957). *A theory of cognitive dissonance*. Stanford: University Press.
- Foley, M., & Lennon, J. J. (1997). Dark tourism—an ethical dilemma. In *Hospitality, tourism and leisure management: Issues in strategy and culture*. London: Cassell.
- Foley, M., Lennon, J. J. (2000). *Dark Tourism: the attraction of death and disaster*. London: Thomson.
- Fortin, M. F., & Ducharme, F. (2003). *Os estudos de tipo correlacional. O Processo de Investigação-da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Freyre, G. (2008). *Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense*. São Paulo: Global.
- Gillham, B. (2005). *Research Interviewing: the range of techniques: a practical guide*. United Kingdom: McGraw-Hill Education.

- Halbwachs, M. (2011). *On Collective Memory*. São Paulo: Centauro.
- Hewison, R. (1987). *The heritage industry: Britain in a climate of decline*. London: Methuen Publishing.
- Hobsbawm, E. (1995). *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Editora Companhia das Letras.
- Holloway, J. C. (1994). *The social and environmental impact of tourism*. London: Pitman Publishing Limited.
- Ignarra, L. R. (2020). *Fundamentos do turismo*. Rio de Janeiro: Editora Senac.
- Keegan, J. (2014). *A Primeira Guerra Mundial*. Porto: Porto Editora.
- Lane, S. T. M. (2017). *O que é psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.
- Le Goff, J. (2003). *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Logan, W., & Reeves, K. (2009). Places of pain and shame. In *Dealing with Difficult Heritage*. New York: Routledge.
- Londres, C. (2004). *Patrimônio e performance: uma relação interessante. Patrimônio imaterial, performance cultural e (re) tradicionalização*. Brasília: ICS/UnB.
- Lugg, C. A. (2002). *Kitsch: from education to public policy*. New York: Routledge.
- Lurker, M., Krauss, M., & Barkow, V. (1997). *Dicionário de simbologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Luyten, J. (1988). Joseph M. *Sistemas de Comunicação Popular*. Série Princípios. São Paulo: Ática.
- Macdonald, S. (2010). *Difficult heritage: negotiating the nazi past in Nuremberg and beyond*. New York: Routledge.
- Marcellino, N. C. (2010a). *Lazer, cultura e patrimônio ambiental urbano-políticas públicas: os casos de Campinas e Piracicaba-SP*. Curitiba: Opus.
- Marcellino, N. C. (2010b). *Espaços e equipamentos de lazer em região metropolitana: o caso da RMC-Região Metropolitana de Campinas*. Curitiba: Opus.
- Marcellino, P. R. P. (2013). *Trabalhadores terceirizados e luta sindical*. Curitiba: Editora Appris.
- Marconi, M. D. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.
- Martins, M., & Rodrigues, E. (Eds.). (2020). *A Universidade do Minho em tempos de pandemia: Tomo I: Reflexões* (Vol. 1). Braga: UMinho Editora.
- Motta, R. P. S. (2009). Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm.
- Netto, A. P. (2017). *O que é turismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Oliveira, V. (2019). *O caso Elesbão: (In) justiça a serviço da elite*. Campinas: ed. Independente.
- Pender, L., & Sharpley, R. (Eds.). (2005). *The management of tourism*. Thousand Oaks: Sage.
- Prodanov, C. C., & De Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Porto Alegre: Editora Feevale.
- Requixa, R. (1980). *Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer*. São Paulo: Sesc.

- Rojek, C., & Urry, J. (Eds.). (1997). *Touring cultures: Transformations of travel and theory*. Lancaster: Psychology Press.
- Rufino, J. D. S. (2006). *Programa Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento do Café: antecedentes, criação e evolução*. Brasília: Embrapa Café.
- Silva, M. M. & Delgado, A. F. (2014). *Ensino de História e Educação Patrimonial: experiências de ensino e pesquisa na educação básica*. Porto Alegre: Edelbra.
- Sharpley, R., & Stone, P. (2009). *(Re) presenting the macabre: Interpretation, kitschification and authenticity*. Bristol: Channel View Publications.
- Stone, P. (2013). *Dark tourism, heterotopias, and post-apocalyptic places: the case of Chernobyl*. United Kingdom: University of Central Lancashire.
- Tarlow, P. (2005). Dark Tourism: The Appealing 'Dark' Side of Tourism and More. In, M. Novelli (Ed.). *Nice Tourism*. New York: Routledge.
- Uribe, Verónica (1985). *Contos de assombração*. São Paulo: Ática.
- Walsh, A., & Giulianotti, R. (2006). *Ethics, money and sport: This sporting mammon*. New York: Routledge.
- Walsh, V., Roy, R., Bruce, M., & Potter, S. (1992). *Winning by design: technology, product design and international competitiveness*. Hoboken: Blackwell Publishers.
- Walter, T. (2020). *Death in the modern world*. Thousand Oaks: Sage.
- Westover, P. (2012). William Godwin, Necro-Tourism, and the Empirical Afterlife of the Dead. In *Necromanticism*. London: Palgrave Macmillan.
- White, L., & Frew, E. (2013). *Dark tourism and place identity: managing and interpreting dark places*. Londres: Routledge.
- Willis, E. (2014). *Theatricality, dark tourism and ethical spectatorship: absent others*. London: Palgrave Macmillan.

Legislação

- Brasil. *Decreto Lei n° 55, de 18 de novembro 1966*. Define a política nacional de turismo, cria o Conselho Nacional de Turismo e a Empresa Brasileira de Turismo, e dá outras providências.
- Brasil. *Decreto-lei n° 3.551 de 4 de agosto 2000*. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências.
- Brasil. *Projeto de Lei n° 4.009 de 30 de novembro de 2021*. Estabelece critérios para sinalização de linhas aéreas de transmissão de energia elétrica.

Webgrafia

<https://www.campinas.sp.gov.br/sobre-campinas/origens.php> Acedido em 21/06/2021.

<https://folhavponline.com.br/2015/10/tumulos-das-13-almas-precisam-de-manutencao/> Acedido em 28/01/2022.

<https://whc.unesco.org/en/list/31/> Acedido em 21/05/2021.

https://www.uclan.ac.uk/research/explore/groups/institute_for_dark_tourism_research.php Acedido em 01/06/2021.

<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,inaugurado-no-parque-do-carmo-memorial-homenageia-vitimas-do-novo-coronavirus,70003593160> Acedido em 02/07/2021.

<https://www.jornaljurid.com.br/apoiadores/projeto-higia-mente-mostra-como-os-efeitos-da-pandemia-impactam-emocional-juridico-e-espiritualmente-os-profissionais-de-linha-de-frente> Acedido em 01/05/21.

<https://www.projeto-higia.com.br/> Acedido em 01/05/21.

<https://www.alamy.es/imagenes/calabozo-de-londres.html> Acedido em 10/10/2021.

<https://www.uol.com.br/conheca-a-prisao-do-camboja-de-onde-menos-de-20-pessoas-sairam-vivas.htm> Acedido em 13/11/2021.

<https://california.onegoviaja.com/quero-visitar/pontos-turisticos/ilha-de-alcatraz>. Acedido em 14/11/2021.

<https://www.vounajanela.com/franca/cemiterio-do-pere-lachaise-paris/> Acedido em 14/11/2021.

<https://www.visitenovayork.com.br/marco-zero-em-nova-york/> Acedido em 15/11/2021.

<https://efemeridesdoefemello.com/2016/11/18/termina-a-batalha-de-somme/> Acedido em 17/11/2021.

<https://www.getyourguide.pt/cracovia-l40/de-cracovia-tour-guiado-de-1-dia-em-auschwitz-birkenau-t78097/> Acedido em 21/11/2021.

<https://rotadeferias.com.br/wp-content/uploads/2018/07/Vidigal.jpg> Acedido em 21/11/2021.

<https://infograficos.estadao.com.br/cidades/castelinho-da-rua-apa/o-crime> Acedido em 29/11/2021.

<https://www.archdaily.com.br/br/948368/o-cemiterio-dos-afritos-e-outros-territorios-negros-da-cidade-de-sao-paulo> Acedido em 29/11/2021.

<http://www.prediomartinelli.com.br/historia/> Acedido em 29/11/2021.

<https://www.conexaolusofona.org/wp-content/uploads/2019/05/memorial-da-resistencia-brasil.jpg> Acedido em 25/11/2021.

<http://www.ipatrimonio.org/lapa-casa-de-camara-e-cadeia/#!/map=38329&loc-> Acedido em 25/11/2021.

<http://www.webnewssul.com.br/noticia/3330-lembrancas-e-saudade:-tumulo-de-ayrton-senna-recebe-homenagens.html> Acedido em 30/11/2021.

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2018/01/memorial-em-homenagem-as-vitimas-do-incendio-da-kiss-tem-custo-estimado-de-r-3-milhoes-cjcxl720a04su01kepl8256yb.html> Acedido em 30/11/2021

<https://www.tribunasc.com/distincao/2020/05/23/catanduvas-fez-parte-do-fim-da-revolucao-de-1924/> Acedido em 27/11/2021.

<https://noticias.r7.com/brasil/lei-marilia-mendonca-e-aprovada-em-comissao-no-senado-01122021> Acedido em 20/11/2021.

<http://www.fhemig.mg.gov.br/noticias/2111-museu-da-loucura-reabrirá-no-proximo-domingo-18> Acedido em 25/11/2021.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/campinas/historico> Acedido em 29/11/2021.

https://rmc.pdui.sp.gov.br/?page_id=127 Acedido em 05/01/2022.

<https://saude.campinas.sp.gov.br/seplan/rmc/rmcperf.htm> Acedido em 20/01/2022.

<https://www.campinas.sp.gov.br/sobre-campinas/informacoes-turisticas.php> Acedido em 16/05/2021.

<https://jtv.com.br/cultura-e-entretenimento/turismo-da-regiao-de-campinas-perde-700-mil-visitantes-e-prejuizo-pode-chegar-a-r-700-milhoes-aponta-estudo> Acedido em 12/12/2021.

https://www.youtube.com/channel/UCJD8_CQpaPujunQqOrzOpLg Acedido em 10/07/2021.

<https://campinas.com.br/guia/largo-de-santa-cruz/> Acedido em 21/11/2021.

<https://campinas.com.br/guia/monumento-tumulo-de-carlos-gomes/> Acedido em 21/11/2021.

<https://ne-np.facebook.com/eptvoficial/videos/histórias-fantasmagóricas-de-campinas/291524619556395/> Acedido em 21/11/2021.

<https://funerarianet.com.br/noticias/a-prostituta-que-virou-santa-em-campinas/> Acedido em 21/11/2021.

<https://ihggcampinas.org/2019/10/18/a-cidade-silenciosa/> Acedido em 20/12/2021.

https://correio.rac.com.br/2016/09/campinas_e_rmc/449443-cine-rink-tragedia-em-campinas-completa-65-anos.html Acedido em 20/12/2021.

ANEXO A

Questionário aos participantes do evento “Assombrações de Campinas”

O presente questionário tem como objetivos caracterizar o perfil e motivações dos participantes no evento “Assombrações de Campinas” e aferir outro tipo de atividades que têm potencial para serem desenvolvidas no município de Campinas.

Este estudo está a ser realizado por Karen Cristina Galletto no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Património Cultural na Universidade do Minho (Portugal).

Ainda que se mantenha a confidencialidade dos dados que vão ser fornecidos, solicito que, por favor, assine o consentimento informado que está anexo a este questionário, visto ser obrigatório em Portugal.

A sua resposta a este questionário é muito importante e estamos disponíveis para lhe dar *feedback* dos resultados, se assim o desejar. Também daremos informação dos mesmos à prefeitura de Campinas, pois podem ser importantes para a definição de estratégias de desenvolvimento do turismo.

Vou começar por lhe fazer algumas perguntas relacionadas com o Dark Tourism ou Turismo Assombrado.

1- Sabe o que é o *Dark Tourism* ou Turismo Assombrado?

Sim ()

Não ()

2- Se respondeu sim na pergunta anterior, pode, por favor, escolher a definição?

Turismo de aventura, práticas de carácter recreativo ()

Turismo destinado a cenários mórbidos, visitas a memoriais, cemitérios ()

Turismo destinado a peregrinação, religioso ()

Ecoturismo, turismo natural ()

3- Conhece um ou mais dos locais apresentados a seguir (assinale as respostas que quiser)?

Campo de Concentração de Auschwitz-Polónia ()

Marco Zero (Memorial Torres Gêmeas) - USA ()

Memorial de Hiroshima - Japão ()

Usina Nuclear de Chernobyl - Ucrânia ()

Casa de Anne Frank - Holanda ()

Museu do Genocídio- Camboja ()

Catacumbas dos monges Capuchinhos- Itália ()

Cemitérios e túmulos de personalidades ()

4- Se pudesse escolher um destino de “Turismo Assombrado” para visitar hoje, qual ou quais seriam?

Campo de Concentração de Auschwitz-Polónia ()

Marco Zero (Memorial Torres Gêmeas) - USA ()

Memorial de Hiroshima - Japão ()

Usina Nuclear de Chernobyl - Ucrânia ()

Casa de Anne Frank - Holanda ()

Museu do Genocídio- Camboja ()

Catacumbas dos monges Capuchinhos- Itália ()

Cemitérios e túmulos de personalidades ()

Outro(s). Qual(ais)? _____

5- Você acompanha canais e sites destinados ao *Dark Heritage* e *Dark Tourism*? Se a resposta for sim, qual ou quais?

() Sim

() Não

Qual(ais)? _____

6- Conhece algum cenário de *Dark Tourism* no Brasil?

Castelinho da Rua Apa ()

Edifício Joelma ()

Memórias que representam morte. Ex: Boate Kiss ()

Antigas prisões e/ou senzalas ()

Museus de tortura ()

Cemitérios ()

Outro(s). Qual(ais)? _____

7- Conhece algum cenário de *Dark Tourism* em Campinas?

(...)

Outro(s). Qual(ais)? _____

Vou agora fazer-lhe algumas perguntas relacionadas com as suas motivações para participar neste evento.

8- Quais foram as suas motivações para participação neste evento?

Curiosidade ()

Oportunidade de estar próximo ao local e poder visitar ()

Auto conhecimento ()

Contato com a morte ()

Por ser um exemplo de turismo inovador ()

Interesse e estudo sobre o assunto ()

Outra(s) motivação(ões). Qual (ais)?: _____

9- Do que você mais gostou no evento?

Por ser um evento em que nunca participei ()

Pela história dos monumentos da cidade de Campinas ()

Por poder participar em algo, mesmo num cenário pandémico ()

Outro(s). Qual(ais)? _____

10- Tem participado em mais atividades deste tipo em período da pandemia da Covid-19?

Sim ()

Não () . Porquê? _____

11- Você acredita que as pessoas durante o período da pandemia do Covid-19, passaram a buscar mais informações sobre as questões relacionadas a morte e cenários mórbidos? Se sim, porquê?

() Sim

() Não

Porquê? _____

12- Que outras atividades pensa que podem ser desenvolvidas em Campinas relacionadas com o *Dark Tourism*/Turismo Assombrado?

13- Você acredita que este tema é visto de que forma no geral, relacionado ao que as pessoas esperam?

() De forma respeitosa

() Visando a educação, para que não se repita

() Por curiosidade

() Para não tornar-se igual, em relação aos roteiros turísticos tradicionais

Vou, por último, fazer-lhe algumas perguntas de caráter mais pessoal.

Sexo: _____

Que idade tem? ____ anos.

Que estudos tem? _____

Qual é a sua profissão? _____

Em que município/país reside? _____

ANEXO B

Questionário aos organizadores do projeto “O que te assombra” do evento “Assombrações de Campinas”

O presente questionário tem como objetivos caracterizar o perfil e motivações dos participantes do projeto “O que te assombra” e aferir outro tipo de atividades que têm potencial para serem desenvolvidas no município de Campinas.

Este estudo está a ser realizado por Karen Cristina Galletto no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Património Cultural na Universidade do Minho (Portugal).

Ainda que se mantenha a confidencialidade dos dados que vão ser fornecidos, solicito que, por favor, assine o consentimento informado que está anexo a este questionário, visto ser obrigatório em Portugal.

A sua resposta a este questionário é muito importante e estamos disponíveis para lhe dar *feedback* dos resultados, se assim o desejar.

Vou começar por lhe fazer algumas perguntas relacionadas com o seu projeto

1- Há quanto tempo o projeto existe e como surgiu a ideia?

2- Qual o objetivo do projeto?

3- Qual foi o motivo da escolha da cidade de Campinas?

4- De que forma você acredita que o projeto beneficiou a cidade?

5- De todo o projeto qual a atração que mais lhe chamou atenção e porquê?

6- Tem planos para novos projetos?

7- Tem planos de expandir o projeto para outras cidades? Se sim, quais e o porquê da escolha?

8- A pandemia do Covid-19 interferiu de alguma maneira no projeto? Se sim, de que forma?

9- Você acredita que por conta da pandemia da Covid-19, a busca pelo *Dark Tourism* e *Dark Heritage*, se tornou maior, se sim, porquê?

10- O que mais chama sua atenção no *Dark Heritage* e no *Dark Tourism*?

11- Qual a visão que você acredita que as pessoas têm sobre o tema?

12- Se pudesse escolher uma viagem relacionada ao *Dark Tourism*, qual seria? (pode ser mais de uma) e por quê?

Vou, por último, fazer-lhe algumas perguntas de caráter mais pessoal.

Nome:

Qual sua função junto a equipe do evento:

Profissão:

ANEXO C

Questionário ao representante de eventos e cultura da cidade de Campinas

O presente questionário tem como objetivos caracterizar o perfil e as motivações dos projetos atuais e futuros e aferir outros tipos de atividades que têm potencial para serem desenvolvidas no município de Campinas. Este estudo está a ser realizado por Karen Cristina Galletto no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Património Cultural na Universidade do Minho (Portugal).

Ainda que se mantenha a confidencialidade dos dados que vão ser fornecidos, solicito que, por favor, assine o consentimento informado que está anexo a este questionário, visto ser obrigatório em Portugal.

A sua resposta a este questionário é muito importante e estamos disponíveis para lhe dar *feedback* dos resultados, se assim o desejar.

Vou começar por lhe fazer algumas perguntas relacionadas com o seu projeto

1- Qual a sua opinião acerca do projeto “Assombrações de Campinas”?

2- A segunda temporada, que será noturna, já terá o apoio da prefeitura? Se sim, quais as motivações?

3- Que outros projetos culturais entrarão em vigor na cidade?

4- Quais os principais objetivos desses projetos?

5- Em sua opinião, o que mais Campinas pode proporcionar culturalmente aos seus moradores e visitantes?

6- De quais formas o projeto “Assombrações de Campinas” beneficiou a cidade?

7- De todo o projeto “Assombrações de Campinas”, qual a atração mais lhe chamou atenção? Porquê?

8- Você acredita que projetos deste tipo, realizados na cidade, favoreçam o aumento do turismo regional?

9- A pandemia da Covid-19 interferiu de alguma forma nos projetos da cidade? Se sim, exemplifique.

10- Você acredita que por conta da pandemia da Covid-19, a busca pelo *Dark Tourism* e *Dark Heritage*, se tornou maior, se sim, porquê?

11- Com exceção do projeto “Assombrações de Campinas”, existem outros relacionados ao *Dark Heritage* e ao *Dark Tourism*?

12- O que mais chama sua atenção no *Dark Heritage* e no *Dark Tourism*?

13- Qual a sua percepção em relação ao que as pessoas pensam sobre esse tema?

14- Se pudesse escolher uma viagem relacionada ao *Dark Tourism*, qual seria? (pode ser mais de uma) e porquê?

Vou, por último, fazer-lhe algumas perguntas de caráter mais pessoal.

Nome:

Qual sua função junto a prefeitura municipal de Campinas:

Profissão:

ANEXO D

Questionário passeio noturno: Organizadores “Assombrações de Campinas”

O presente questionário tem como objetivos caracterizar as diferenças e motivações dos participantes do projeto “O que te assombra” diurno e noturno desenvolvidas no município de Campinas.

Este estudo está a ser realizado por Karen Cristina Galletto no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Património Cultural na Universidade do Minho (Portugal).

Ainda que se mantenha a confidencialidade dos dados que vão ser fornecidos, solicito que, por favor, assine o consentimento informado que está anexo a este questionário, visto ser obrigatório em Portugal.

A sua resposta a este questionário é muito importante e estamos disponíveis para lhe dar *feedback* dos resultados, se assim o desejar.

Vou começar por lhe fazer algumas perguntas relacionadas com o seu projeto

1- Qual ou quais, foram os principais motivos do passeio noturno e a pé? E porquê?

2- Por que vocês optaram por separar os participantes do evento em equipas com horários e dias distintos?

3- Quais os diferenciais de um passeio noturno para o diurno?

4- Existiram pessoas que estiveram em ambos os eventos? Quantas?

5- Quais as sensações que acredita os turistas experimentaram neste novo passeio?

6- Você acredita que depois deste primeiro contato com o *Dark Tourism*, as pessoas passarão a procurar mais eventos desta categoria? Se a resposta for sim, porquê?

Vou, por último, fazer-lhe algumas perguntas de carácter mais pessoal.

Nome:

Qual sua função junto ao grupo “Assombrações de Campinas”

Profissão: